

da seiva pela sacharificação e condensação nos gommos, tendo por causas auxiliares a endosmose e a capillaridade.

Sociedade Entomologica — Novos generos de insectos achados na nova Zelandia e Australia, especialmente de lagartas, traças e dipteros.

Sociedade Botanica — (Jan. 8) Exemplares extraordinarios dos generos *scirpus*, *ananthium*, *dryas*—

Sociedade de Horticultura—(Jan. 21) Entre as muitas especies novas de plantas e fructas que se acabam de receber de diferentes paizes apparece a laranja das Bermudas e o projecto de sua cultura nessa ilha como capaz de substituir o commercio dos Açores.

Sociedade Microscopica (Jan. 15) Na estrutura das pennas descobre J. Quekett diferentes ordens de filamentos formando ramos e subdivisões das barbas: pela ausencia ou grandeza destes orgãos explica os seus usos que perfeitamente concordam com os costumes das aves domesticas, das d'alto vôo, e de rapina, e como nestas uma ordem especial de pennungem faz pouco estranhoso e traçoero o seu vôo—O mesmo sabio dá a analyse microscopica do *guano*, substancia que se vai tornando hoje um ramo de extenso commercio pelo seu emprego na agricultura como um dos melhores estrumes; demonstra os elementos organicos, cristalisados e terreos que o compoem, e dá meios de distinguir as suas especies e falsificações.

Instituição Real — Depois da terrivel catastrophe da explosão da mina de carvão de Haswell Colliery, em que pereceram 95 pessoas no septembro passado, Faraday e Lyell haviam sido encarregados pelo governo inglez d'examinar as condições d'esta grande mina e propor meios de evitar que taes desastres se repetissem. Faraday demonstrou experimentalmente (Jan. 17) por meio de um apparelho novo de ventilação que é possível extrahir da mina todo o fumo e ga-

zes inflamaveis sem que cheguem a approximar-se nem incomodar os obreiros — (Fev. 7) W. R. Grove fazendo trabalhar a sua grande pilha voltaica (cuja intensidade é tal que produz uma luz igual á do sol do meio dia de verão, e calor que chega a vaporisar o ferro) apresenta-se em campo para fundar uma nova theoria electro-mechanica. Por meio d'um machinismo combinado com a pilha demonstra elle que assim como o movimento effectivo d'um corpo em perfeita liberdade é igual ao impresso, assim no caso de resistencia (choques, atritos &c.) ha uma desenvolução de luz e calor cuja intensidade está na razão directa da acção do movente e do gráu da resistencia; deduz d'ahi que o movimento, o calor e a luz são outras tantas manifestações d'uma só força, que a *força*, como a *materia*, incapaz de ser creada ou extinguida pelos meios naturaes, pode dissipar-se mas nunca aniquilar-se, e que os elementos em que a força se decompõe são d'estas duas ordens—movimento e os dous imponderaveis—, o que se mostra por um processo inverso, empregando sobre o movel, em vez da força motriz, a corrente electrica. A materia, animada e transportada pela grande violencia d'esta corrente, constitue a luz electrica, assumindo côres identicas ás da mesma substancia em combustão: no gráu da extensão e brilho da corrente entram por factores as diversas fórmãs que pode revestir a força productora da electricidade (acção chimica, magnetismo &c.), a natureza e densidade do meio por ella percorrido, os elementos componentes da pilha, e os corpos collocados nos seus polos. O auctor demonstrou que a natureza do espectro da chama voltaica é differente da do solar e das outras luzes, e fez que os metaes refractarios como a platina entrassem em fusão e formassem ligas com outros metaes por meio d'este poderosissimo agente.

I. E. B.

O HISTORIADOR LOUIS BLANC.

(Continuado da pag. 64.)

Acompanhemos o historiador ao meio d'essa revolução espontanea, que teve lugar em Paris no mez de Julho de 1830. Entremos com elle em casa do abastado banqueiro, e do miseravel operario, subamos até o palacio dos reis e dos principes, penetremos no gabinete dos politicos e na imprensa dos jornalistas, percorramos as ruas e as praças da cidade, onde por um momento se agitam os interesses de uma sociedade, entre as bayonetas do soldado, e os braços do popular. Consideremos todos os factos, e examinemos imparcialmente todas as suas consequências.

Carlos X e o ministerio Polignac haviam publicado as *ordenanças*, em que dissolviam as cameras (antes de constituidas), mudavam o regimen eleitoral, e supprimiam a liberdade da imprensa: eis a causa da revolução de Julho. Alguns homens se levantavam, e foram atacados e perseguidos pelas tropas do rei: foi então que o povo inteiro occorreu em massa, e o throno de Carlos X manchado de sangue ficou submergido nas ondas de uma revolução sem exemplo. Foi a classe numerosa do povo quem fez esta revolução. Mas que importavam ao povo, procura Louis Blanc, que lhe importavam as *ordenanças* de Carlos X? Ellas só indirectamente lhe diziam respeito, e isso mesmo elle ignorava: aquella nova tyrannia era uma diminuta parcella addicionada á oppressão, que havia muito tempo, pezava sobre o povo. Existia porém uma outra classe de individuos, a classe media (*bourgeoisie*), a quem as famosas *ordenanças* tocavam muito de perto; porque os deputados eram os seus representantes, e caíam do seu gremio, porque a imprensa advogava os seus interesses. Foi esta classe, que communicou ao povo o movimento da revolta, confundindo com a d'elle a sua causa. Ar-

vorou-se a bandeira tricolor; e os vellos soldados da *republica* e do *imperio* estremeceram com a lembrança de suas passadas glorias: e os filhos do povo com as armas na mão aglomeraram-se em volta d'aquelle estandarte de outrora, que vinha recordar-lhe as suas antigas affeições, e o odio votado á familia dos Bourbons, que desasseis annos antes entrára em Paris, conduzida por um exercito de estrangeiros. Mas qual foi o resultado d'essa revolução, que abalou o systema social de França até os alicerces? O povo, diz Louis Blanc, continuou a ficar na sua antiga miseria: e isto porque a victoria lhe foi arrebatada das mãos por essa mesma classe de individuos, que o havia instigado á revolta, porque esses individuos queriam uma revolução em seu favor, mas não em favor do povo; porque elles queriam a liberdade para si, com quanto o povo ficasse ainda na oppressão, e na miseria; porque os interesses do povo eram differentes e mesmo contrarios aos seus interesses. O que pertendia a classe mercantil, era a liberdade de industria, com todas as suas vantagens e garantias para os proprietarios, a liberdade do agiotagem, a concorrência enfim, que permite que cada individuo *separadamente* enriqueça em proporção desmedida, e cada vez maior de seus cabedaes, resultando d'aqui que a classe operaria, aquelles que não tem mais cabedaes que os seus braços, não vejam nunca a possibilidade de mudar de condição, que cada vez se va tornando rapidamente mais sensivel a razão de differença entre o rico e o pobre. Foi isto o que aconteceu na Inglaterra, e é por esta razão que naquelle paiz a riqueza dos grandes vai de tal maneira absorvendo a riqueza do povo, que dentro em breve se romperá o equilibrio, e o systema social baqueará por falta de alicerces, se alguma causa estranha o não vier segurar.

Aqui nos diz o nosso historiador a razão porque a revolução retrogradou.

A classe media combatu ao lado do povo para derribar o inimigo commum; mas uma vez derribado tirou-lhe as armas do combate, porque ellas lhe faziam sombra ás propriedades na mão de quem não possuia cabedaes nem propriedades. É assim que vemos estabelecer em França depois da *revolução de Julho* um systema quasi inteiramente igual ao antigo.

Em geral Louis Blanc considera as reformas sociaes das nações modernas, como provenientes dos interesses da classe media: e é lançando mão d'este principio, que se podem explicar muitas anomalias apparentes da historia contemporanea. Porém esse mesmo interesse da classe media, que contribue para as reformas até um certo ponto, é o que obsta ao seu progresso em conformidade com muitas das theorias modernas, cujo immediato desenvolvimento lhe é prejudicial. Eis a razão segundo se deprehende da philosophia do nosso historiador, eis a razão porque o movimento social é vagaroso, irregular e oscilante, eis porque as revoluções retrocedem, porque a miseria dos povos continúa. Logico inflexivel Louis Blanc vai tirar rigorosamente esta philosophia dos factos, e de um grande numero de factos, ainda os mais minuciosos, os mais estereis em apparencia, conferidos e habilmente combinados. Além d'isto não nos apresenta sómente os factos materiaes e positivos da chronica, apresenta-nos os factos moraes e as suas causas philosophicas: discute as opiniões do tempo, analisa as razões, em que se funda, e diz-nos até que ponto eram sustentadas pelo interesse ou pela boa fé. É assim que lêmos cheios de prazer e de curiosidade tantos acontecimentos, porque nelles vemos claramente impressos os caracteres da humanidade: nelles vemos distinctamente revelar-se o vulto dos homens com todas as suas paixões e inconsequencias, com todas as suas propensões. É por isso que elles nos commovem, que julgamos presenciá-los, e ve-los apparecer em realidade

debaixo da penna d'aquelle habil escriptor tão ver-ado no coração humano, e nas inclinações do seu seculo, qualidade indispensavel para todo o que se lança na espúhiosa tarefa de escrever a historia.

Um dos mais bellos quadros, traçados pela eloquente penna do historiador dos *dez annos*, é a fugida de Carlos X. Depois de nos ter feito ver a acanhada politica d'aquelle príncipe, depois de no-lo ter mostrado inexoravel para com o povò, depois de nos ter feito possuir do entusiasmo patriotico, com qué milhares de individuos sacrificam corajosamente a vida, vai conduzir-nos á presença do velho monarcha nos seus derradeiros momentos em França: é nós que haviamos imprecado a sua memoria, vamos euclher-nos de compaixão por aquelle desgraçado velho no meio de tantos e tão pungentes infortunios, abandonando proscripto pela terceira vez a terra de seus antepassados. A terrivel e mysteriosa morte do Duque de Bourbon é tambem um dos quadros muito importantes da historia de Louis Blanc. Mas aonde avulta sobre tudo o talento d'este historiador é na descripção da revolução da Polonia em 1830. O seu estylo suberbo, cheio de entusiasmo e eloquencia pinta-nos com as mais animadas e verdadeiras côres as scenas grandiosas e terriveis d'aquelle desastroso acontecimento. Não é uma guerra civil barbara, e tyrannica, em que os membros de uma mesma familia pelejam debaixo de bandeiras contrárias, não é uma classe da nação contendendo com outra classe da mesma nação, não é um exercito de mercenarios combatendo outro exercito tambem de mercenarios, e sacrificando a vida, hastas vezes em prol de um conquistador injusto; é um povo inteiro pugnando pelos seus direitos mais sagrados, são as classes todas de uma sociedade, desde o primeiro dos nobres até o ultimo dos plebeus, confundindo-se por um instante e disputando o palmo a palmo a sua independencia contra a tyrannia inaudita de seus dominadores oppressivos. Não é uma assen-

blêa de facciosos que Louis Blanc aqui tem a descrever-nos; é um concilio de legisladores soldados, representado na pessoa dos *nuncios*, que vão para o campo gravar com a espada no peito de seus inimigos as leis, que acabaram de decretar. Não é um punhado de homens que se revolta com a avidez da cubiça e do saque; é um povo inteiro, que vai sacrificar todo o seu sangue no altar da patria, para que seus filhos ao menos possam comer o pão dos orphãos á sombra da independencia. Só com as lagrimas nos olhos se pôde ler a descripção tão bella d'aquelle povo martyr perecendo afogado no seu proprio sangue. E o historiador nos aponta com indignação para os governos mais poderosos da Europa impassiveis ao aspecto d'aquelle acontecimento terrivel, abaixando-se cobardes ante a espada do vencedor soberbo, ainda mesmo os que folgassem de ver abatido o gigante russo.

A baixeza, a tyrannia e a inconsequencia dos homens e dos governos vem habilmente descripta na historia de Louis Blanc. Mas implacavel para com o vicio, elle não deixa de tributar homenagem á virtude em qualquer parte que a encontre, não deixa de nos mostrar uma sombra d'ella no coração do homem ainda mesmo a par de grandes crimes. Uma outra das muitas bellezas da *historia dos dez annos* é a rigorosa descripção dos caracteres das pessoas, que mais figuram na historia. Louis Blanc vai procurar no homem publico o homem particular: qualidade tanto mais apreciavel, quando esse homem pertence ao numero d'aquelles, que vemos influir mais ou menos nos destinos dos povos da sociedade.

A *historia dos dez annos* não se limita só á França, é com mais ou menos extenção a historia da Europa. E pela sua exactidão no pouco que falla de Portugal se pôde ajuizar que será exacta na historia de outros povos, cujos acontecimentos lhe poderiam chegar á noticia mais facilmente pelas relações de tracto e visinhança.

O pensamento, que domina em todo o decurso d'esta obra, que constitue talvez todo o seu incalculavel merito philosophico, é um pensamento grande, generoso e altamente moral, é o pretender demonstrar que a probidade e a justiça são o meio mais seguro, o unico meio de chegar a qualquer resultado vantajoso e permanente; que a estrada da rectidão conduz melhor que os tortuosos atalhos da intriga; verdades estas desgraçadamente ainda desconhecidas nos nossos tempos, verdades, que desde o dia, em que forem universalmente proclamadas e reconhecidas, começarão uma nova epocha para os povos, e uma nova civilisação para a sociedade. Se para chegar a um bom fim, dizem os homens, é necessario empregar meios que o não são, porque não havemos de empregá-los?—Pensamento impio e acanhado, que é a subversão de toda a philosophia e de toda a moral, mas que infelizmente muitos homens seguem, ainda de boa fé! Desde o dia em que os homens se persuadirem que a justicia favorece os seus interesses, os homens começarão a ser mais justos. Ser justo por interesse não será muito moral; mas ser injusto, e sacrificar a essa injustiça a felicidade dos povos é por certo o cumulo da immoralidade.

O pensamento grande, probo e generoso, que avulta na *historia dos dez annos*, transluz bem claramente nestas *maximas* entre muitas outras igualmente bellas, que Louis Blanc derramou pelo decurso da sua obra:

«O vicio de toda a politica tortuosa é conduzir, destruindo alguns debéis obstaculos, a complicações insoluveis.— Toda a politica é falta de habilidade, quando é falta de rectidão e grandeza.— A força de um governo mede-se pela moralidade, dos meios, que elle emprega em defender-se.— A intriga não é mais que um processo da impotencia, um recurso da mediocridade.— Os homens são falliveis, as idéas justas immortaes.»

Antonio de Serpa Pimentel.

A ESCRAVA DE CAMÕES.

Seja-nos dado vindicar a nobreza e originalidade de dous dos nossos mais bellos caracteres nacionaes, Luiz de Camões, e El-Rei D. Sebastião, soberbamente adulterados na opera comica d'este nome, producção de *Mr. de Saint Georges*. Esta peça, formosa em sua textura e fabula, que ha um anno tantos applausos tem merecido, n'um dos primeiros theatros de Paris, revela todavia a maior ignorancia, na pessoa do A., ácerca de um dos trechos mais sabidos, mais poeticos, mais europeus da nossa historia; tanto menos disculpavel n'um escriptor dramatico, que deve conhecer, ao menos os feitos mais dramaticos dos povos onde colloca os seus personagens; para que o seu drama não seja um quadro de falsidades improvisadas, coberto com o enganador epitheto de historico, embora como este, sublime de poesia, e originalidade.

Peza-nos que no meio das mais bellas peripecias, reunidas em tão pequeno quadro, como ramalhete de flores; ao lado de tão interessante, arrebatador, e mimoso enredo; e mesmo a par do caracter nobre, orgulhoso, apaixonado, e bello do poeta, abstrahindo da idea de Camões; peza-nos ver adulterada a nossa historia, confundida a Hespanha com Portugal, desconhecido o caracter principal de D. Sebastião, e barulhados assim acontecimentos tão recentes, e tão sabidos. Passaremos por tanto sem mais commento a relatar a fabula riquissima do drama, de cuja analyse e encomio se tem occupado em França os mais esclarecidos jornaes politicos e litterarios.

A scena passa-se de noite, em o vestibulo de uma hospedaria, nos suburbios de Lisboa.—Uma gentil rapariga, com trajos de cigana, abre cautelosamente uma porta, e examina desconfiada o logar da acção, envolvida no seu com-

prido manto. «Inda vem longe a manhã; diz ella; graças á velocidade da minha carreira, que assim poude evadir-me á perseguição dos jovens cavalleiros.» Depois, olhando para um cestinho, que lhe pende do braço: «Que noite de triumpho! que riquissima colheita para a venturosa Phebeia!» — Sai n'este instante de sua casa o estalajadeiro José, caminhando cauteloso, com uma luz na mão, que a travessa Cigana apaga com um leve sópro. «Misericordia, senhor dom Aguzil!, exclama o pobre do velho, tende piedade de mim!» — «Não tenhas susto, lhe replica ella sorrindo, é Griselda, a escrava, a servente de teu bom hospede, o Sr. dom Luiz de Camões. Eu quiz experimentar se tinhas animo.» — «Animo de sóbra hei tido, lhe torna o velho, acollendo em minha casa teu illustre senhor; um pro-scripto! . . . um desterrado! . . . um homem condemnado á morte! . . . Os edictos são firmes em nossa terra—desterrado que volte, pena de morte; quem os não denunciar, quicquid mado; quem lhes der asylo, enforcado.» — «Ora eu estou nos ultimos dous casos..» — «Bannido, exclama Griselda com amargura, expulso do paiz natal o homem grande, cujos versos immortaes vagueiam por todas as bocas, entram em todos os corações! . . .» — A cigana enche o resto da exposição contando a José em como as suas excursões nocturnas teem por fim alcançar algumas esmolas para ajudar a viver Camões; em como o desleixado poeta lhe entregára o seu pequeno thesouro, sem se lembrar do pouco a que chegaria; em como sob o traje de Cigana, e acompanhada de sua guitarra tem arrobado os ouvidos de Lisboa inteira, cantando as trovas enamoradas e sublimes de Camões, que lhe grangeiam o obolo do miseravel, e o maravedi do poderoso, para alimentar o seu nobre amo.—«Como!, exclama José, sercis vós essa Phebeia, essa famosa Cigana, cujas trovas e nome arrebata a capital inteira!» — E aqui é o

corar da modesta Griselda, que se recolhe á hospedaria, para mudar de vestido e preparar o almoço de seu amo.

Bate-se á porta. — O estalajadeiro abre: — entram dous homens. É el-Rei D. Sebastião, e seu escudeiro. Este fica de sentinella, e aquelle, disfarçado sob o trajo de um de seus officiaes, pergunta a José pela Phebeia, que ouvira cantar, e em cuja pista viera correndo até vê-la sumir na hospedaria. José responde resolutu, que não sabe da Gígana. El-Rei exaspera-se cheio de cólera. — «Que arruido é este?» brada Luiz de Camões, entrando, com um manuscrito na mão. — «Quero saber da Phebeia.» responde D. Sebastião. — «Aqui só está uma escrava, que eu trouxe das Indias, lhê diz Camões, mas se a vossa Phebeia aqui vier . . .» — «Vós me tomareis conta d'ella, e n'á guardareis. Se posso tambem ser-vos util. . .» — «Talvez» — «Vamos pois ao caso. Vinho e cigarros, senhor Estalajadeiro!» — José sá. «Vamos, meu bravo, continuou El-Rei, de que é que se tracta?» — Camões, tomando então um ar sombrio, diz por esta fórma: «Vós sois official; se com a vossa protecção eu podesse alistar-me em alguma das companhias que fazem a campanha de Flandres. . . ha occasiões. . .» — «De bem servir a seu rei, e sua patria.» — «A patria. . . sempre: o rei. . . nunca, volve o poeta. Como baratear meu sangue pelo rei que vende o sangue de seus vassallos! que abandona o governo a cortesãos cruéis, e avidos, para passar o tempo em orgias, e sarás?» — «Pelas almas de meus avós, exclama D. Sebastião, que são verdades essas, que não ouve um rei todos os dias: sois nimiamente severo cavalheiro. El-Rei está enfasiado da longa tutella do Cardeal D. Henrique; e agora diverte-se.» — «Em quanto soffre o povo, replica o poeta; em quanto as sentenças de exilio e morte de seu pae dom João, o mais desconfiado, e carrancudo dos monarchas,

» derribam seus melhores subditos; em quanto guerreiros, poetas, e artistas fallecem á penuria, longe da patria. » E é este um nêto de Carlos 5.º — «Senhor Cavalleiro!, brada furioso D. Sebastião, agradececi ao céu não estar El-Rei aqui; . . . diante de vós tendes sómente um de seus officiaes, . . . que nada lhe contará do que ouviu.»

Durante este colloquio o coitado do estalajadeiro, que tem voltado com o vinho, e cigarros, treme como varas verdes. O official manda-o chegar a mula, que deixára á porta; e neste comenos entra descuidosa Griselda, com o almoço de seu amo. Apesar da mudança dos vestidos, D. Sebastião reconhece-a. — Ella nega. — Elle insiste, até que se retira, levando suspeitas, que promette verificar mais tarde.

O poeta, a sós agora com a bella escrava, a mente impregnada das sombrias idéas da sua miseria e proscricção, derrama o pensamento sublime por esses dias amenizados com a doce alegria de Griselda, a quem deve a coragem de conservar com a vida o seu poema favorito, dictado pelo amor da patria desagradecida. Camões amava aquella mulher, amava, e calava-se. . . — «Griselda! diz elle acordando do seu scismar doloroso, Griselda, eu devo-te os dias, que tão bondadosa has passado a servir-me. Não tenho que te dar. A tua liberdade é o mais, é o só de que n'este mundo posso dispôr. Dou-te a carta d'alforria. Vae, longo do pobre poeta, gosar melhor futuro. Se um dia fores feliz, lembra-te de Luiz de Camões, que te deve a pouca, unica, ventura de seus dias.» — «E assim me despedis, meu amo? volve chorosa a escrava, aguardae que por enferma ou velha vos não sirva para nada; até lá, sou vossa.»

Os gritos descompassados de José interrompem esta scena. «Estamos perdidos. Andão os Aguazis em roda da casa, fugi, senhor desterrado!» «Fugi, por Deus.» exclama Griselda. — «En

» fico, diz Camões impassível, e som-
» brio; que vale um pobre desterrado!
» —de que serve?—quem ha hi que o
» ame! ?» —«Eu, senhor, eu, que vos
» amo com todas as forças d'alma!»
grita a Cigana, que contendo-se, e
moderando a sua voz, cái de joelhos,
e continúa: «oh! eu vos amo como
» uma escrava deve amar e respeitar a
» seu amo e senhor.»

Camões quer agora fugir; o amor
singelo de uma escrava aponta-lhe nova
estreia; o poeta já não anheia a morte.
—José e Griselda saem a procurar uma
barca, onde elle possa atravessar o Tejo.
—Camões trava do manuscrito, cujos
versos o fizeram expulsar de sua patria,
e vai a queima-lo quando sente ao longe
a voz dos marinheiros, que cantam
as suas trovas. Então apertando o ma-
nuscrito ao peito: «Ah! El-Rei esque-
» ce-me, e desterra-me; mas é o povo
» quem se lembra do poeta.» —Griselda
e José entram, e annunciam a Camões
que a barca o espera. Griselda quer
acompanhar seu amo á terra do exilio.
Camões vai revelar á gentil Cigana todo
o seu amor; mas eis que se bate á
porta. Camões vai saindo com José, em
quanto Griselda se demora um instante
para suspender os aguazis.—Abre-se a
porta; é D. Sebastião. A Cigana quer
fugir.—«Está tudo cercado, lhe diz
» El-Rei, não me escaparás agora.» —
» Eu confesso ser a Phebeia, diz ella
» com firmeza, que quereis de mim, se-
» nhor?» —«Arrancar-te a esse estado
» miseravel de Cigana, pagar com im-
» mensos thesouros cada uma de tuas
» canções; — eu sou D. Sebastião, rei
» de Portugal.» —No meio d'esta scena,
Griselda, impressionada por uma idéa
subita, muda rapidamente de expressão,
verga-se ás solicitações do monarcha,
e põe uma só condição ao seu rendi-
mento: o perdão d'um proscripto.—
«Eu t'o concedo, diz o Rei enamorado,
» haja elle embora levado mão da espada
» contra mim. Quem é o proscripto?» —
«É meu amo,» responde a Cigana.—

«Está bem, concedo o seu perdão em
» troca da tua liberdade.» —«Ei-lo, se-
» nhor.» —É Luiz de Camões acabru-
nhado, é triste, que não poudo eva-
dir-se, e que vem dar-se á prisão. Gri-
selda pede ao rei que a deixe a sós com
seu amo. «Tenho um favor que pedir-
» vos, meu amo e senhor.» —diz ella ao
poeta.—«Oh! falla, responde Camões,
» falla e manda, que eu li a minha ven-
» tura no teu coração d'anjo; falla, por-
» que tambem eu te amo como pode,
» idolatrar-se o que ha de mais nobre,
» mais sancto, e mais encantador pelo
» universo.» —«Por piedade, Senhor,
» não me falleis d'esse modo, diz a Ci-
» gana, porque me tiraes o animo de pe-
» dir.» Camões offerece-lhe o seu nome,
a sua mão, o seu amor de poeta. Gri-
selda consternada tudo recusa, e só re-
clama o dom da sua liberdade.—«Ha
» pouco a recusaste.» diz o poeta—«Por
» Deus, concedei-m'a agora,» volve com
tremula voz a pobre escrava. . . .

Griselda ausentára-se, rica de sua
liberdade. Luiz de Camões fica sosinho
com a sua miseria; sombrio, desani-
mado, louco, resolve finalmente vergar
ante o peso de tão duplicadas desditas,
em que o coração soffre mais, muito
mais, do que o espirito. O poeta re-
solve ir dar-se á justiça, e morrer.—
Sente-se rumor de passos, e vozes. É
D. Sebastião, e os seus fidalgos. «Onde
» é que se esconde a minha deusa da
» noite?» exclama o real mancebo.—Gri-
selda entra agora vestida com o seu for-
moso traço de Cigana; e vai prostrar-se
ante El-Rei. «Senhor, sou livre, aqui
» me tendes; cumpri a minha promessa.»
—«Tambem eu cumprizei a minha,
» diz El-Rei, tirando da algibeira o Al-
» vará de perdão, aqui tens, com o nome
» em branco.» —«des sabe-lo, Senhor
» Rei, diz a Cigana cheia de nobre or-
» gulho; o nome, que ali falta, é Luiz
» de Camões.» —«D. Sebastião de Por-
» tugal, volve El-Rei, inclina a sua real
» cabeça ante o homem grande, que por
» meu descuido peou em terra estran-

»geira sob as inclemencias da miseria e
 »do exilio. Luiz de Camões, vós sois a
 »gloria do meu reinado, e a honra da
 »minha patria. O teu nome vale dez
 »vezes o meu. Mas todos os thesouros
 »do mundo não valem o que vou dar-
 »te.» — El-Rei dirige-se a Griselda, to-
 »ma-a pela mão, e vai depô-la nos braços
 do poeta. «Senhores, continua El-Rei,
 »curvemo-nos todos ante o maior genio
 »de Portugal.» — Camões segurando Gri-
 selda n'um dos braços, estende para
 D. Sebastião o outro, exclamando:
 — «Eis alli o neto de Carlos 5.º, eis alli
 »o meu rei.» — «O teu amigo,» acres-
 centa o monarcha, apertando-lhe a mão.
 E cai o pauuo.

J. F. de Serpa.

(J. D.)

THEATRO ACADEMICO.

Uma das emprezas litterarias mais pro-
 veitosas, — ou a mais proveitosa de cer-
 to, — que em Portugal se tem feito
 nestes nossos tempos foi a de instituir
 em Coimbra uma academia dramatica,
 em que os estudantes vem espaiar-se
 nas horas, que lhes ficam livres de cui-
 dados mais serios, — que, ainda ha
 pouco, se gastavam em brincedos, que
 tantas e tantas vezes acabavam em traves-
 suras, — cultivando a arte mais nobre
 e mais gentil de quantas artes ha.

Grande pena seria realmente que um
 theatro tão lindo e tão elegante, como
 esse, em que, a podêr de fadigas e por-
 fias, se transformou, como por encanto,
 o antigo collegio de S. Paulo, — que
 estaria agora a cair para ali, como ou-
 tros muitos, se não fôra isso, — grande
 pena seria que ficasse desamparado,
 como esteve para ficar, por falta de
 quem fizesse as vezes do Sr. Luiz da
 Costa, que d'elle se ausentára ao cabo
 de seus estudos, levando comsigo os cre-
 ditos de primeiro actor.

Não aconteceu porém felizmente o que
 todos temiam, e com razão. Parece que

por milagre vein Deus acudir em tão
 grande aperto ao pobre theatro, que
 bem o merecia; e quando já se come-
 çava a descrever, e a perder a fé... ap-
 pareceram de repente novos esforços, e
 mais briosos ainda.

Renasceu vigoroso o animo, — que a
 paixão pela arte, essa nunca se havia
 perdido, — e renasceu mais brilhante,
 do que d'antes fôra, porque agora, por
 ultimo, não se tem representado no
theatro de S. Paulo senão peças origi-
 naes, e todas compostas, por membros
 ou socios do Instituto.

E assim devia de ser: pois não devia?

Onde poderia estar e onde está mais
 segura a esperança de um futuro glo-
 rioso para o drama portuguez, do que
 no seio da terra das letras e da sciencia?
 onde se poderia comprehender, como
 aqui se comprehende entre a flôr da
 mocidade estudiosa e intelligente a civi-
 lisadora missão de semear o gosto pelo
 theatro?

Bem haja quem tem coração para tão
 altos intentos e bem haja quem se impu-
 nha em os pôr tão bem pôstos em obra.

E que gloria não é então para o poeta
 escrever para actores, que sabem tra-
 duzir-lhe os seus mais intimos pensa-
 mentos, e adivinhar-lh'os até? que res-
 peito, que inveja não fazia aquella corôa
 de louros tão verdes que cingia a fronte
 radiosa do Sr. João de Lemos Seixas
 Castello-Branco, quando a sua formosa
Maria Paes Ribeira era applaudida,
 como em extasis, como em delirio, pelo
 publico mais entendedor, que deve do
 ter Portugal?

Não temos vagar, nem cabem nestas
 duas palavras desalinhas, que aqui
 pômos, á pressa, todas as bellezas d'este
 drama historico, em que a riqueza de
 estylo e de lances sobreleva a quasi
 tudo, que neste genero se tem escripto
 entre nós, e são a mais clara mostra
 do quanto pôde já, e do quanto ha-de
 vir a poder ainda, quem tão mancebo
 se estrêa assim; pagaremos somente o
 nosso humilde tributo de sincera admi-

ração aos que souberam dar-nos a olhos vistos um exemplar de perfeição, que devia servir de guia aos theatros do reino; aos que souberam arrancar-nos da bôca os *bravos!* que tínhamos encerrados no peito; porque em fim, não cuidamos que haja peito d'homem, que se não abale ao ouvir o Sr. *F. Palha* no difficillimo papel de *Maria Paes Ribeiro*, o Sr. *Alves da Silva* no do *Prior de S.^{ta} Cruz*, o Sr. *Bentes*, o Sr. *O'Neill*, o Sr. *D. Antonio*, e sobre tudo e sobre todos, — perdoe-se-nos esta lhanza — o Sr. *Luiz de Bessa Corrêa*, que realistou quanto havíamos imaginado, ou sonhado de arrebatador e sublime, e que, sem cumprimento nem lisonja, era digno e merecedor da ovação, que alcançou, e dos elogios que lhe choveram aos cardumes, por entre palmas, e corôas, e flores, nestes lindissimos versos:

Eu vi-te, imberbe despontar na scena,
Tenra florinha ao desabrigo esparsa;
Eu vi as turbas soletrar-te, ignaras,
Mentidos fados.

Eu fui no berço tambem ler-te as sinas,
Sinias de rei, que no botão fulgiam;
Só eu, profeta, comprehendí teus vóos
De ethereo cysne.

Hoje, que os hymnos de estridentes palmas
Ledos rebôam de teu nome em roda;
Hoje, que o palco te estremece ao péso
De laureas c'rôas;

Hoje, que ou cinjas de Thalia as vestes,
On de Melpomene o fatal cothurno,
C' o dedo apontas um trofeu de novo,
Monarcha sempre;

Hoje, que aos noveis lusitanos vates
Na scena déste sublimada vida
Com o argentino d'essa voz, que amolga
Rochas e bronzes;

Infimo d'elles, minha tosca lyra,
Desafinada ao despedir do amigo,
Irá n'um *bravo!* ao coração levar-te
Saudade eterna.

Quando triste orphandade em nossa scena
De luto os corações tingido havia,
Tu surgiste, e surgiu contigo a gloria
Do teu poder escrava!

Foste no *Desertor* esperança e vida;
De já finado auctor sobre o sepulchro
Espalheste laureis no *Emparedado*,
Animando dous mortos!

No *Pagem* tu creaste um sér estranho,
Creste na poesia uma verdade!
E se á *Judia* lhe mingnassem c'rôas
Sobejavam-lhe as tuas!

Mas hoje é que tu és o rei da scena!
Mais alto que a tua alma inda remontas
Quando assim a poz ti nos arrebatas
Os corações e os olhos!

Os olhos! . . . pranto amargo os cerre agora
Que se a *Maria Paes* foi teu triumpho,
Foi tambem teu *adeus*, e será marco
D'uma saudade eterna!

Quando o sol se levanta em pé nas ondas
E as ondas como o céu de luz tingiu,
Para os céus a foger nos foge a alma
Que vida, luz, calor tudo sentiu.

Mas lá quando o sol s'escoude
Nas aguas do vasto mar,
Cá sem luz nos morre a alma
Outro sol a suspirar.

Quando vemos do cedro a fronte erguida
Balançar-se dos ventos a mercê,
Saudamos o gigante, o rei, o forte,
Rei da selva tambem nosso rei é.

Mas se acaso um dia ao cedro
Não vemos a fronte erguer,
Onde outr'ora em pé se erguia
Vamos lagrimas verter.

És o cedro gigante formoso,
És um astro na scena a brilhar,
Rei da scena com palmas, com louros
Já no occaso te vimos saudar.

A'manhã já nem cedro, nem astro!
Só saudades no palco a nascer,
Só a noite de luto a vesti-lo,
Só mil peitos p'ra sempre a gemer.

Es um rei—o teu imperio
Tens na scena, luso Talma,
Teu vassallo é quem t'escuta,
Teu escravo quem tem alma.
Tua c'rôa. . . deu-t'a o genio
Não pode roubar-t'a a idade,
Que as palmas que aqui coifaste
Eternas faz a saudade.

Alguns dos amigos mais particulares
do Sr. *Bessa*—os Srs. *Scarpa*, *Lemos*,
Cordeiro e *Lima*, como por ali se diz,
deram-lhe aqui um testemunho da sua
admiração e saudade.

Era justiça. Deviam-lh'o.

A gloria do Sr. *Bessa* está enlaçada
para sempre á do auctor de *Maria
Paes*. Teem ambas e ambos de ser
eternos.

P. da Cunha.

REVISTA SCIENTIFICA (*)

(V. p. 86.)

Academia das Sciencias de Pariz — (Jan. 6) Animacs microscopicos (infusorios, bryozoides, &c.) tão tenues que a vista desarmada os não pôde alcançar, e que com tudo existem quasi universalmente espalhados, tem sido descobertos por Ehrenberg em estado fossil: sabe-se que os $\frac{3}{4}$ da greda são formados de bryozoides calcareos, e que a pesar da antiguidade d'esta formação, quasi igual porção vive ainda no Baltico e em muitas partes do Oceano; uma outra especie d'elles se vê descer até á profundidade da formação jurassica dos Estados Unidos. Em algumas effecções volcanicas lodosas, como o trass e a pedra pomes, se vêm igualmente infusorios siliciosos, e suas conchas ou crustas articulares acha Ehrenberg que existem abundantemente nas nuvens cinzentas transportadas pelos ventos nas visinhanças do Cabo verde, na agua mais clara e limpa dos mares dos tropicos, e nos gelos trazidos do pólo antartico pelo capitão Ross. Julgamos este resultado comparavel com o que ha poucos annos Pfankuch e Wähler haviam obtido das massas sedimentares da marinha de Rodenberg, que depois da lavagem e calcinação lhes deram esqueletos quartzosos e ferreos os mais bem caracterizados dos generos d'infusorios (navicula, gallionella, exillaria, &c.) que vivem no tufo silicioso de Franzenshúd e nas formações papyraceas de Freiberg. Liebig tem demonstrado que as especies d'estes animacs mais geralmente dispersas são, sob a influencia da luz solar, (em opposição aos infusorios vegetaes) uma das

fontes mais copiosas da producção do oxygenio, e como assim são necessarios para manter a salubridade da agua e muitas substancias nutritivas. Estes immensos jazigos minerais precederam á agglomeração dos animacs, ou são um resultado da sua existencia? eis aqui uma das questoes philosophicas para cuja solução se incaminham todos os dias novos factos: abtemo-nos d'entrar nella, porque nos levaria a longas considerações, e a tocar em muitos pontos delicados de physiologia, chimica e g'ogenia; alem de que teremos occasião de mais directamente a discutir.

Continúa ainda a ventilar-se a questão da origem animal ou vegetal da cêra, chamando cada vez mais a attenção pelos nomes respeitaveis que nella figuram: as experiencias que nos ultimos tempos se tem renovado pareciam decisivas, mas argumentos de grande peso apparecem sempre, ora por uma ora por outra hypothese. Já Hunter, Huber, Bretonneau, Gundlack, Liebig estavam persuadidos que esta substancia era uma secreção animal; por que acharam no abdomeu das abelhas bolsas glandulares para a sua elaboração, communicando-se com os intervallos dos anneis exteriores para tomar a forma laminar e ser empregada nos favos, e viram que os insectos nutridos exclusivamente com o mel, ou com uma simples dissolução d'assucar branco em agua, construíam os seus alvéolos de cêra purissima. Por outro lado fôra opinião de Swammerdam, Maraldi, Réaumur que a cêra é colhida em estado bruto do pollen das flores e do verniz que cobre certas folhas e fructos, preparada e amassada no estomago dos animacs, vomitada depois e depositada entre as articulações do corpo. Dumas e Milné

(*) Com este título continuaremos a apresentar um resumo extracto do que nos parecei mais notavel entre os trabalhos das Sociedades scientificas estrangeiras desde o principio do presente anno, e ao passo que vamos vendo os seus jornaes. A diversidade d'estas Corporações, a ordem chronologica dos seus relatorios, e a pouca regularidade

que houve na recepção d'algumas folhas, obrigam-nos, pelo menos no que respeita ao primeiro trimestre, a ser menos methodicos do que desejavamos na exposição e coordenação dos assumptos, e a reservar outros para quando os julgarmos mais desenvolvidos e n'um estado mais definitivo.

Edwards repetindo as experiencias (por occasião da celebre polemica d'outra questão mais geral e muito debatida, sobre o modo de formação dos principios azotados neutros no organismo), convenceram-se da possibilidade da produção de gordura por alimentos destituídos d'este principio. Aguardamos ver o resultado d'uma nova serie de investigações encetada por este ultimo sabio, e annunciada na discussão que, por occasião d'aquella memoria sobre a alimentação das abelhas, se suscitou entre elle, Payen, Thenard e Flourens; mas entretanto Dufour apesar d'uma multidão de disseccões não chegou ainda a descobrir taes órgãos secretores, e ultimamente Lewy apresenta a analyse e descripção de muitas cêras por elle obtidas d'origens vegetaes, e mais ou menos semelhantes á das abelhas. Posto que não seja motivo bastante para se negar a secreção o desconhecermos o órgão especial d'ella, com tudo não parece duvidoso tambem, que uma grande parte da cêra é, como o mel, ministrada pelos vegetaes, principalmente depois que pelas experiencias de Bouchardat e Sandras é demonstrado, que esta substancia não segue nas abelhas os tramites ordinarios das vias de chylicação, como succede ás materias oleosas e gordurosas, mas é eliminada em excreções quasi na sua totalidade.

(Jan. 20) Os meios até hoje inventados para a avaliação das pequenas fracções do espaço e do tempo haviam chegado a um grão d'exactidão tal, que já se possniam micrometros, que apresentavam dividido um millimetro em mil partes, e chronómetros que durante um anno não erravam um decimo de segundo; porém hoje um poderoso agente, a electricidade, vem ainda offerrecer o seu auxilio á mechanica, e abrir a porta para nova ordem de problemas. Bréguet acaba de inventar um instrumento para a avaliação das velocidades d'um móvel nos differentes pontos da sua trajectoria. Um cylindro graduado, girando

uniformemente sobre o seu eixo, é percorrido longitudinalmente por um carrete, que sustenta dous electro-magnetes, e á cada um d'estes está suspenso um estilete, que se acha elevado em quanto dura a corrente de que vai animado o respectivo magnete; os fios conductores que circulam nestes, vão communicar-se com certas redes metallicas que são encontradas pelo movel no seu curso, e suspendendo nestes momentos a corrente electrica, fazem baixar um por um os estiletos que deixam uma impressão sobre as gradações do cylindro, á medida que o carro os vai pondo em relação successivamente com cada uma das redes; e ao mesmo passo que os arcos da rotação ou velocidades angulares do cylindro medem os tempos que intermedeiam entre essas differentes passagens do movel; os elementos do calculo tem o auctor sabido tornar tão rigorosos que não resta duvida sobre a perfeita uniformidade dos movimentos e a igualdade dos tempos perdidos na queda dos estiletos. — Nacet apresenta lunetas de dimensões microscopicas satisfazendo a todas as condições do achromatismo: cada uma das lentes que compoem as lunetas pode caber no fundo d'uma agulha ordinaria, não obstante que para a existencia do achromatismo é mister que seja cada lente composta de dous vidros sobrepostos, de natureza diversa e de curvas mathematicamente determinadas!

Após a conquista da Africa Franceza vem as explorações dos sabios dar lugar a uma das mais raras empresas de colonisação, em que mais se empenham as sciencias e a humanidade do que a politica e as armas: o vasto oceano terrestre que cobre d'abrazadoras arcias mais de 437 mil legoas quadradas d'aquella parte do mundo, o arido e esteril deserto do Sahara, mostra hoje Fournel que se pôde tornar habitavel, estabelecendo-se uma linha de poços artesianos atravez d'elle, desde Biskara até Tuggurt. As observações barometricas,

que entre Constantina e Biskara lhe deram 560 metros de differença de nivel, e a declinação geral dos terrenos para o sul, desde as vertentes do Grande Atlas até aos plainos do Senegal, levaram o auctor a considerar as immedições d'Argel e os campos de El Kantara como duas grandes bacias, e que toda a massa das aguas que desce d'aquellas montanhas deve ir accumular-se debaixo das planicies que circumdam o rio T'zoul, atravessando os marnes porosos intercalados nos bancos compactos do calcareo superior. Effectivamente, na abertura d'alguns poços, levantadas algumas camadas de areia e cascalho, encontra-se á profundidade de menos de 200 braças uma sorte de ardósia, cuja perforação faz rebentar agua com uma violencia extraordinaria. O auctor faz notar tambem as grandes differenças que observou na temperatura: em Batnah viu n'um só dia variar o thermometro entre -6 e $+33^{\circ}$ C. — As observações de Eng. Robert ácerca da bacia de Pariz tendem a mostrar que os estrados chamados marinhos são um resultado accidental dos depositos d'agua doce.

(Fôr. 10) As descobertas paleontologicas de Lartet no departamento de Gers vão enriquecer muitos pontos theoreticos da geologia: de 850 mil metros de profundidade que compoem estas camadas ossíferas, tem elle chegado a explorar mais de 40 mil, e a obter quasi dez mil despojos novos pertencentes a 98 generos, ou especies de mammas e reptis, que o auctor enumera, attribuindo-os a uma inundaçáo anterior á epocha do diluvio sub-pyreneano, e a uma das muitas formações geologicas mais ou menos uniformes, conforme a violencia das respectivas torrentes, que compoem as camadas successivas d'alluviáo dos terrenos terciarios, á custa das massas que dos Pyreneos, menos elevados então, foram baixando. N'uma d'estas formações que Lartet chama *zoologica*, porque parece representar a terra vegetal da epocha em que viveram esses animaes

fosséis, tinham-se notado sempre, a par dos detritos do primeiro diluvio, as ossadas gigantesas dos dinotherios, masthodontes, rhinocerontes, &c., o que levou os antigos geologos a suppor que nesses tempos a natureza pelo vigor de suas forças creadoras tendia á exaggeração das formas; mas pelos trabalhos que actualmente annunciamos, se reconhece existirem, d'envolta com aquelles, outros animaes, taes como o esquilo, a toupeira, ouriço, salamandra &c., de dimensões muito menores que as dos seus congeneres actuaes. O auctor dá quasi terminantes dados para a convicção de que o *dinotherium* não é um cetaceo, mas um quadrupede terrestre; faz notar um typo dos desdentados, que pela grande extensão de seus membros e numero dos dedos se approxima ao *bradypus* (preguiça do Brasil); e chamando a attenção sobre a prodigiosa multidáo e variedade dos habitantes terrestres d'essa epocha relativamente á nossa, e a constancia com que nella se representam os diversos grãos da escala animal até aos quadrumanos, (faltando só a especie humana, que entretanto não conclue que não existisse), termina o seu relatório com esta importantissima observação: «Il est digne de remarque que pas un de ces animaux perdus ne peut être identifié spécifiquement avec ses analogues vivans. Les genres vivans que l'on distingue, semblent destinés à former le passage entre d'autres genres trop distancés, et s'adaptent en quelque sorte aux lacunes de notre série animale. On dirait autant d'animaux retrouvés de la grande chaîne qui reliait anciennement tous les êtres de cette magnifique création primitive, dont il ne reste plus à l'état vivant que quelques débris épars sur la surface du globe.»

(Continuar-se-ha.)

I. E. B.

RESUMO DE PRELEÇÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 60)

III.

Dissolução do sangue.

Aberta uma das jugulares externas de uma cadella muito corpulenta deixámos correr seis onças de sangue, recebemos duas cada uma em seu vaso, e lançámos em um d'elles algumas gottas da seguinte dissolução —

Carbonato de potassa . . . uma oit.

Agua destillada duas onç.

O restante d'esta dissolução depois de a havermos aquecido até á temperatura do sangue lançámo-lo em uma seringa de metal e injectámo-lo lentamente na veia do animal. Depois da injeccão notámos grande dyspnea, fortes inspiraões, e pequena agitação, e ao cabo de 12 a 14 minutos o animal expirou. Passadas 48 horas fizemos-lhe a autopsia, e mostrou-nos o seguinte: — as pleuras de uma côr vermelha escarlata, e a superficie dos pulmões manchada de nodos de roxo escuro — o tecido d'este orgão ingurgitado de sangue difluente, e de côr mais clara que o venoso — os vasos aereos continham um liquido vermelho escarlata muito espumoso, tambem o havia da mesma natureza, mas em menor quantidade, na trachea e larynge — no pericardio notámos um liquido semelhante, e a côr d'aquella membrana era analoga á que notámos nas pleuras — nas cavidades direitas do coração observámos um coagulo de sangue venoso, e nenhum vestigio achámos de existencia de ar; e no ventriculo esquerdo uma grande quantidade de filarias (1) de côr lactea de varios diametros, as mais compridas teriam um palmo.

Na cavidade abdominal vimos os in-

(1) Gordius medinensis Linn. Filaria medinensis Rudolphi.

testinos muito injectados exteriormente, com nodos de côr escarlata, estas muito mais extensas, e distinctas no estomago e colon transverso; a superficie interior d'estes orgãos não apresentava cousa alguma digna de notar-se — o ligado de côr mais clara que a natural, com manchas mais escuras que as do pulmão — o animal tinha só um rim, sendo para notar não estar situado na linha mediana pois estava collocado do lado esquerdo — o utero bipartido; no ovario esquerdo dous ovos se achavam destacados, e um estava á entrada da trompa.

2.^a Experiencia — O cão que sujeitámos a esta experiencia era robusto, e de genio desinquietao: procedemos nesta exactamente como na outra, mas só deixámos perder 5 onças de sangue e mudámos para a seguinte dissolução.

Carbonato de potassa . . . meio escrop.

Agua distillada tres onças.

Depois da injeccão os olhos do animal tornaram-se baços, e poucos instantes depois recuperaram o brilho natural — a respiração era difficiliosa, e acompanhada de grandes inspiraões — de espaço a espaço apparecia grande agitação — esta era sempre precedida de ansiedade, e dilatação da cavidade thoracica — durante o espaço de oito minutos o animal estava em quietação, e depois tornava a manifestar-se este appellido de symptomas; mas este espaço de tempo foi progressivamente diminuindo, até que finalmente chegou a comprehender um minuto sómente — este estado durou duas horas, e depois ficou em socego — tomava grandes inspiraões — levantava a cabeça, mas em breve lhe caía para a mesma posição. Uma hora depois se conservava na mesma, o pulso frequente, pequeno e tenso — soltas as extremidades conservou-se em quietação, e comen alguns alimentos com avidéz. Passadas quatro horas havia o mesmo abatimento de forças — a respiração difficil; mas já não havia grandes inspiraões. Dez horas depois o estado de

abatimento era mais apparente — tremor e fraqueza nas extremidades — parecia não se poder ter em pé — o decubito lateral era constante — lançava algum sangue pelas ventas mas em mui pequena quantidade.

Do mesmo animal e da mesma veia extrahimos, decorridas vinte e quatro horas, uma onça de sangue e lançámo-la em um vaso de capacidade igual á dos que foram empregados na primeira, e segunda experiencia. Duas horas depois de havermos feito isto, o animal estava deitado — pulso frequente, pequeno, e com alguma irregularidade — notou-se em todo o dia pouca appetencia; e no terceiro a mesma prostração, sem comer, mas bebendo com avidéz. No quarto o mesmo estado de fraqueza — comia pouco, mas continuava a beber grande quantidade de agua — lançava pela transpiração um cheiro septicico muito activo. Finalmente no quinto dia continuava o mesmo estado, e o cheiro muito mais pronunciado.

Tendo este animal de ser sacrificado para lhe observarmos o estado dos órgãos, julgámos que d'elle poderíamos tirar mais algum proveito, e por isso dêmos-lhe a morte por hemorragia, e fizemos nesta mesma occasião algumas observações sobre contractilidade das arterias, de que mais para diante daremos noticia.

Procedemos á autopsia 24 horas depois que o animal morreu e notámos — a superficie pulmonar côr de rosa secca com nodôas semelhantes ás que se observavam no animal antecedente, e estas correspondiam a echimoses no tecido pulmonar — este em geral estava amollecido, e não crepitava quando comprimido entre os dedos — a mucosa bronchial bastante injectada e com pequenas echimoses — o figado, e intestinos apresentavam lesões perfeitamente analogas ás mencionadas no animal antecedente — a superficie interna dos intestinos não estava alterada nem mesmo nos pontos correspondentes ás echimoses

da superficie externa — todos os tecidos estavam descorados, e o muscular muito amollecido — o pouco sangue que encontrámos nos vasos se achava por toda a parte liquido.

O sangue que havíamos recebido num dos dous vasos de que fallámos coagulou dentro de um minuto, e uma hora depois estava dividido em coagulo e sôro; passados tres dias conservava ainda o mesmo estado, e então dividimo-lo perpendicularmente, e observámos que elle era formado por duas zonas, uma superior vermelha escarlate e outra inferior arroxada e menos consistente.

O outro que foi alterado pela primeira dissolução principiou a coagular entre 10 a 12 minutos. A superficie do coagulo era de um vermelho escarlate muito mais intenso que o natural; e passadas algumas horas é que se dividiu em coagulo e sôro, sendo este avermelhado. Ao cabo de 3 dias fizemos-lhes côrtes perpendiculares e observámos ser o coagulo menos consistente que o natural tanto na zona superior como na inferior.

O alterado pela segunda dissolução comportou-se da mesma forma que o antecedente, mas começou a coagular primeiro que o anterior, e alguns minutos depois do natural.

A porção de sangue que extrahimos do 2.º animal 24 horas depois da experiencia, coagolou passados dous minutos, do resto apresentava os mesmos phenomenos que os dous antecedentes; — o sôro tambem era avermelhado.

O sangue do cadaver do 4.º animal estava alterado, e nos pareceu inteiramente semelhante ao que se achava no vaso aonde tínhamos lançado algumas gottas da primeira dissolução. No outro animal observámos a mesma analogia entre o sangue do cadaver, e o do segundo vaso; assim como com a segunda porção de sangue que lhe havíamos extrahido. A alteração do sangue venoso era representada por uma côr escarlate menos intensa que a do arterial — era menos viscoso e a coagulação era

mais demorada que a natural, finalmente o coagulo era menos consistente — o soro de côr vermelha, e tudo nos inculcava que suas propriedades physicas e chemicas estavam sensivelmente alteradas, por que a hematosina que o côrava se destacava dos globulos rubros, e esta viciação do sangue dava lugar ás lesões anatomicas que observámos no 1.º e 2.º animal; e estas aos desarranjos funcionaes que havemos descripto.

A crase do sangue foi por conseguinte alterada, e d'isto resultou a diminuição de densidade, e plasticidade; mas esta dyscrasia foi produzida pelas forças physico-chemicas, por que a dissolução de carbonato de potassa causou no sangue as mesmas mudanças tanto fóra dos vasos com em contacto com elles. As lesões anatomicas que observámos foram produzidas pela extravasão do sangue, ou de algum dos seus principios, porque é bem sabido, que todas as vezes que ha dissolução d'este liquido elle se extravasa, talvez por embaraço de circulação, por que o sangue que circula no estado normal tem uma dada densidade, e logo que esta é alterada a circulação soffre embaraços.

D'esta fórma explicamos todas as congestões e derrames que observámos. A frequencia, e gravidade das affecções pulmonares sempre que ha dissolução no sangue está em relação com a importancia que gosa este orgão nas funções do systema vascular, e com a delicadeza do seu tecido. Cumpre todavia admittir que a generalidade em que as serosas foram affectadas e em pontos muito distantes nos faz suspeitar que o carbonato de potassa tinha para ellas uma affinidade semelhante á das cantharidas para o aparelho genito-urinario.

No mesmo dia em que fizemos estas experiencias assistimos a autopsia de uma victima do typho, que pertencia á clinica de um dos hospitaes d'esta cidade; e observando cada um dos seus orgãos ficámos admirados por ver que

todas as lesões que apresentavam, e o estado do sangue eram exactamente as que mencionamos nos animaes de que temos fallado. E reflectindo sobre esta identidade vimos que os symptomas que observámos no 2.º animal tinham alguma analogia com os do typho — adynamia — respiração fetida — epistaxis.

As febres que reinaram nesta cidade na presente quadra foram caracterisadas por adynamico-ataxicas, e nestas não posso eu deixar de admittir como um dos seus elementos principaes a dissolução do sangue — as hemorragias de caracter passivo — as petechias que appareceram na maior parte dos individuos, e enfim a observação do sangue extrahido de alguns doentes mostram que a sua coagulação era demorada, imperfeita — o coagulo molle — o soro avermelhado.

Todas estas observações provam sufficientemente que nestas febres ha dissolução do sangue, e em alguns casos axistiu esta dyscrasia desde o principio da molestia. Isto nos leva a crer que tal viciação é o elemento mais essencial d'ellas, e que pela sua generalidade pôde dar lugar a todos os outros desarranjos, ou pelo menos nos explica as lesões que encontrámos no caso mencionado. As que vimos nos cães sendo inteiramente semelhantes ás da victima do typho, e sendo aquellas produzidas pela dissolução que artificialmente fizemos no sangue; é de crer que estas provenham da mesma causa, e não de um processo phlegmasico.

Se um Broussaisiano observasse as lesões anatomicas que encontrámos nos animaes victimados, e ignorasse a causa que as havia produzido, diria que os orgãos lesados haviam soffrido uma phlegmasia; mas nós que vimos como ás cousas se passaram, somos obrigados a dar-lhe outra explicação, e julgamos ter ido mais além. Dizer que o pulmão soffre uma pneumonia é dizer menos do que mostrar que elle teve uma hyperemia passiva, e como esta se desenvol-

ven (2). Com mais justificado motivo somos levados a suppor que as affecções pulmonares, e as outras que acompanham o typho na maioria dos casos são devidas a uma causa geral (a dissolução do sangue), por que em alguns casos havia expectoração abundante, e sanguinolenta e applicámos-lhe um tratamento tonico bastante inergico, e com satisfação vimos em poucos dias os órgãos respiratorios desembaraçados do sangue que os congestionava — a expectoração tornar-se mucosa, e a respiração quasi normal. As emissões sanguineas longe de minorar os soffrimentos augmentavam-nos, e assim devia acontecer; por que ellas privavam o sangue desproporcionadamente de fibrina e globulos rubros, e faziam predominar a parte serosa. A reacção d'esta sobre os outros principios é phenomeno que muito bem se observa nas grandes sangrias, nas quaes as ultimas porções de sangue vem sempre menos carregadas em cor e se em taes circumstancias se não suspendem, a syncope apparece infallivelmente.

Não podemos deixar de admitir que o typho reinou epidemicamente nesta cidade, por que se deram os signaes caracteristicos das epidemias d'este orden descriptos por Sydenham. Desejavamos ir um pouco mais avante com estas reflexões, todavia os limites d'este artigo no-lo vedam, por isso mencionaremos somente algumas das causas d'esta molestia, que no nosso entender a tornavam mais frequente nos Academicos.

Conhecemos como um estudante passa aqui a sua vida, e o muito que ella tem de irregular. O vestuario de que usam não é o melhor, por que trazem desaga-

salhadas as extremidades inferiores, e a cabeça; e é bem sabido que a maior parte no rigor do inverno não vestem por baixo da batina mais que *roupa branca* — tanto pôde o vigor da vida nesta idade, mas insensivelmente d'esta forma se vai consumindo. Vigílias continuadas — frequentes agitações moraes, effeitos de sua vida litteraria subordinada a certos deveres; e enfim alguns excessos de prazeres nos quaes ordinariamente se gasta muita vida em poucos minutos; são as causas que me parecem obrar deprimindo, e desnormalizando a acção vital (adynamia e ataxia).

Em geral estas causas obram de companhia com uma pessima alimentação — comida de casas de pasto — aonde se attende mais ao barateio do que á bondade dos alimentos e estes mal cozinhados, e tomados a horas irregulares e frios. A vacca de que se faz mais uso era de tão má qualidade nos mezes de janeiro e fevereiro passados, que muitas vezes deixámos de a tomar. Com tal alimentação não pôde haver bom chylo, e mão chylo dá forçosamente pessimo sangue. Muitas vezes estas causas vinham obrar conjunctamente sobre uma constituição viciada pelo cancro social — a *syphilis* — e é sabido que nesta molestia o sangue se acha depauperado dos seus principios — *fibrina e globulos* — e estes ultimos alterados — o coagulo pouco consistente; — tal estado é um passo para a dissolução do sangue. A especialidade de algumas d'estas causas nos dão a razão por que a classe Academica pagou maior tributo a esta enfermidade.

Do que havemos dito podemos deduzir os seguintes corollarios:

Physiologico — A crase do sangue pôde ser alterada physicamente, e todas as vezes que introduzirmos nos vasos o carbonato de potassa tem logar a dissolução, e esta produz desarranjos funcionaes de summa gravidade.

Pathologico — A dissolução do sangue pôde dar logar a lesões organicas somen-

(2) Talvez se nos responda que não conhecemos a alteração do sangue e por isso não podemos entrar na pathogenia d'esta molestia, mas que conhecemos nós na inflammação? lesões anatomicas, mudanças nas propriedades physicas dos tecidos — até aqui ainda nós chegamos, no sangue a mudança de suas propriedades physicas é tão real e accessivel aos nossos sentidos, como a mudança de cor dos tecidos, sua injectão vascular, &c.

lhantos ás que resultam das phlegmasias, Deve portanto o Pathologista ser circumspccto em avaliar as lesões cadavericas, por que podem ellas ser effeito de um processo morbido opposto ao phlegmasico.

Therapeutico — Nas congestões visceraes occasionadas por dissolução do sangue devemos attender mais á sua crase geral do que á lesão local dos tecidos; convem por conseguinte reconstituir a crase do sangue por meio dos tonicos ou outros medicamentos que directamente vão neutralisar sua viciação.

(Continuar-se-*ha.*)

J. F. de Macedo Pinto.

MAGNETISMO ANIMAL.

No N.º 45 da Revista Universal Lisboense lêmos um artigo sobre *magnetismo animal*, em que o Sr. Gusmão critica um outro que sobre o mesmo assumpto publicára no nosso periodico o Sr. Macedo Pinto (1).

Sabemos que á Redacção da Revista Universal fôra já pelo nosso collaborador enviada a resposta a esse artigo.

A falta de originalidade que o Sr. Gusmão encontrou nas idéas expostas pelo Sr. Macedo quando este quiz classificar os factos que por si mesmo havia observado, responde o nosso collaborador com a conferencia das datas — a da sua prelecção feita em 26 d' abril, e a da publicação do artigo de Sir Charles Hall em 3 de maio do corrente anno (2).

O nosso collaborador faz ver na sua resposta que em sciencias de observação os factos são tudo, e tanto que quando o factõ chega a ser geral sobre

(1) V. N.º 5 — pag. 70

(2) Podemos asseverar, que assistimos á prelecção do nosso collaborador, e que o manuscrito da sua prelecção foi nos enviado muito antes que de Londres se podesse receber noticia da classificação do Dr. C. B. Hall.

a categoria de lei. No foro, as questões mais complicadas vem muitas vezes corla-las a citação de uma lei; nas sciencias de observação tem os factos este poderio — nelles é que está o verdadeiro *ipse dixit*.

O Sr. Macedo Pinto conhecendo esta verdade e não tendo por observação propria verificado alguns phenomenos que outros magnetisadores tinham chegado a ver realizados, entendeu não dever negar-lhes a existencia, e chamou-os *não realizados* porque o não haviam sido para elle nas numerosas experiencias que se deu ao trabalho de fazer. Parece-nos por tanto, que cessa a antinomia.

O nosso collaborador não se recusa ao convite, que lhe é feito pelo Sr. Gusmão; quer porém que os factos precedam a discussão, e não duvida repetir seus ensaios em presença do seu adversário. A uma discussão scientifica, unica donde pôde á sciencia provir utilidade, de bom grado franqueamos as columnas do nosso jornal.

APPARIÇÃO DE UM COMETA.

Sabemos, que no dia 9 do corrente foi avistado um Cometa por alguns Professores de Mathematica da nossa Universidade. A espessa nevoa, que ao anoitecer tem estes dias rodeado o horizonte de Coimbra, e por outra parte a proximidade em que o mesmo Cometa apparece do horisonte, não permittiram observa-lo, como convinha. Entretanto consta-nos que já se observou o seguinte: — O Cometa não tem cabel'eira, o nucleo é mui grande e luzente, a cauda abrangerá pouco mais de 1º; o movimento é directo, *declinação boreal*, o superior a 40º; a *ascensão recta* era no dia 9 com pouca differença a do Sol.

Do resultado das observações, em que os nossos Astronomos contiuaam, daremos noticia a nossos leitores.

ENGRÁCIA RAMILA (*)

SOLÃO.

I.

• Triste, triste dom Pelaio,
 • Queres tu a liberdade?
 • Queres tu volver de novo
 • Ao teu lar, tua cidade,
 • Nos braços da noiva linda
 • Mitigar cruel saudade? •

• — Se quero, dona princeza. •
 Dom Pelaio respondia
 A' donosa illustre moira,
 Que tal practica fazia,
 • — Se quero! — por vê-la uma hora
 • O braço, e peito daria.

• Deixei lá, senhora minha,
 • Metade do coração;
 • Só logrei carinhos d'ella
 • Em noite de san João,
 • Que no dia fui a guerra,
 • Deitáram-me este grilhão,

• Triste, triste do captivo,
 • Que infançaõ, e cavalleiro,
 • Arrasto, vai em dez annos,
 • Na Moirama prisioneiro,
 • Saudades da minha noiva,
 • Algemas do captiveiro.

• Oh! doei-vos do captivo,
 • Daí-me carta de alforria;
 • Que ao meu san João cada anno
 • Farei por vós romaria;
 • Accesas, por vós, tres velas
 • Lhe queimarei noite e dia. •

PRINCEZA.

— As vossas velas regeito,
 • Mais a vossa devoçaõ;
 • De vós quero outro serviço
 • Em noite de san João;
 • Dou-vos pról e liberdade
 • Com ésta só condiçaõ:

• Ide a Falla, vossa'terra:
 • — Noite e dia correreis; —
 • Levais um bólo encantado,
 • Do bolo não comereis;
 • Levais o fito na esposa,
 • A' esposa não fallareis.

• Mal das margens do Mondego
 • Virdes Coimbra a sorrir,
 • Aguardareis que anoitça,
 • Para caminho seguir;
 • Só juncto a fonte da moira
 • Deveis o bólo partir.

• Duas bicas tem a fonte.
 • A senistra deixareis;
 • E por Engracia Ramila
 • Mui de manso chamareis
 • — Parti, parti, que de monta
 • É o galardão, que tercis, •

E jurou-lhe o cavalleiro,
 Por sua fé, seu amor,
 Cumprir o voto, que dera,
 Cumprilo sem ser traidor.
 — Ei-lo nas asas dos ventos
 Lá vai os mares transpôr.

II.

Pelas fraldas d'um outeiro
 Gentilmente recostada,
 Tê morrer no Monte sancto
 Em verde prado poisada,
 Juncto à margem do mondegõ
 Surge Falla tão fallada;

(*) Este solão é tirado de um conto ou tradiçaõ, que por velhas e moças d'aquelles contornos de Falla, juncto a Coimbra, temos ouvido sobrejas vezes relatar. Só lhe acrescentámos o nome do captivo, que o conto não refere; os ciúmes dos esposos; e as flôres da poesia, em que fizemos por imitar a singeleza das narrações, que ouvimos. — Lá está inda a fonte antiquíssima, de fundaçãõ immemorial, com suas duas bicas: e na da direita, ou da moira, inda até hoje não cons-

ta que zagala christã d'aquellas cercanias enchesse o seu cantaro, ou hellesse uma sede. E mais que uma vez fomos testemunha d'este antiquíssimo preconceito popular. Tambem ¶ de f. que a moira encantada asscalha o seu ouro nas alvoradas do san João; que apparece aos poucos, que tem entrado no vasto aqueducto da fonte, guardada por dous leões em riquíssima sala, que a todos pede os olhos tão maviosamente, que não ha resistencia senão na fuga; e que ajudas hisoittias.

Fallada por suas aguas,
E romana fundação,
Fallada por uossos reis,
E Fernando de Leão,
E pela fonte da moira,
A moira do san Joao.

San João! eis tua noite,
Noite de fogo, e de amor!
» — Donde vens tão açodado
» Perigrino trovador?
» La viste acaso Pelaio,
» Dom Pelaio, meu amor? »

Assim a noiva dizia,
A noiva do cavalleiro,
Quando elle, desconhecido,
Mudo trepava o outeiro;
Elle tão mudo, que treme
Ser a jura troçoceiro.

Mas aquella voz tão meiga,
Os negros olhos gentis;
Os alvos seios arfando,
A gemer pelo infeliz;
Tudo n'alma do mancebo
Passadas juras desdiz,

È rija a prova; — hesitára;
Quer fugir o cavalleiro:
Mas ei-la shi tão formosa,
Ella, seu amor primeiro,
Ella a instar-lhe, os olhos rasos,
Por novas do prisioneiro.

Mais não póde; é cinza a jura;
O perigrino ergue o braço:
Eis em terra o manto, a gôrra,
Eis o segredo de vasso . . .
» Dom Pelaio! » — os dous amantes
São um só no mesmo abraço.

E as fogueiras d'essa noite
Sens tangeres e folgar,
Nada são juncto a ventura
D'aquelle mimoso par,
Que esquece n'uma só hora
Dez annos de suspirar.

III.

Dá meia noite na torre,
Na torre do monte sancto:
Do coração de Pelaio
Trava insolito quebranto:
Acorda, lembra-lhe a jura,
A jura do seu ençanto.

Rica de beijos dormia-lhe
Ao lado a esposa formosa;
Pé ante pé o mancebo
Foge da instancia amorosa;
E c'o'holo corre á fonte,
Que vai a alma pressurosa.

Corre á fonte, e quer parti-lo;
Pasma do Lôlo encantado;
Por que a esposa ás fortadelas
Um pedaço lhe ha provado;
Treme de susto por ella,
Treme de haver falseado.

Assim mesmo, despeitoso,
Parte o bôlo, que, estalando
Como raio em tempestade,
De seu bojo vai largando
Arreado palafrem.
Alli mui quedo a seu mando,

Meravilha-se Pelaio
Tôma ao ginete o bridão;
O ginete cai por terra,
E revolve-se no chão:
Cai per terra, que lhe falta,
Qual ao bôlo, a séstra mão.

» Negro de mim! diz o moço,
» Ai! negra da minha jura! »
E cil-o corre míni de mauso
A chamar na fonte pura
Pela moira, que lá dentro
Mui gentil se lhe figura.

Chamou tremendo por e'la,
A' dextra bica escutando,
Fallou-lhe Engracia Ramila
Mni de dentro suspirando,
Sua voz melodiosa
Em soluços abafando.

RAMILA.

- Negro de ti, dom Pelaio,
- Dom captivo traçoceiro;
- Negro de ti, que vendeste
- Honradez de cavalleiro:
- Por amor d'anna só roste
- Dobraste o meu captiveiro,

- Aqui gemo em soledade;
- Tem dez annos meu condão;
- E só póde libertar-me
- D'esta encantada prisão
- O captivo que dez annos
- Soffrer com resignação,

- Que voltar do captiveiro,
- Passando pelo sen lar,
- Sem volver saudosos olhos,
- Sem da noiva se importar,
- Sem faltar ao juramento
- De me vir desencantar,

- Tu faltáste fementido;
- Mais dez annos gemerei;
- Porém minhas ricas joias,
- Meu ouro não te darei,
- Thesouros, com que podia
- Pôr-te corôa de rei;

• Té que venha outro captivo
 • Demais honra. » — E nisto abrindo
 A lage da clara fonte,
 Eis mostra o thesouro infindo;
 E grossa cadeia d'oiro
 Ao moço offerta sorrindo.

RAMILA.

- Já que tu não mereceste
- O soberbo galardão,
- Leva em penhor da verdade
- Este formoso grilhão,
- O signal do meu despreso,
- Signal da tua traição. »

IV.

Já nos céus desponta a aurora
 Com sen rosado clarão
 De aljofares semeando
 Campinas do san João,
 Quando a casa volve o moço
 A buscar consolação.

NOIVA.

- Deseconsolado tu sejas,
- Ingrato meu cavalleiro,
- Que, má hora, apenas chegas
- Do largo teu captiveiro,
- Já me deixas tão sosinha
- Como quando prisioneiro. »

D. PELAIO.

- Fui cumprir voto solemne,
- Má hora que o voto fiz;
- Fazeinaram-me os teus olhos,
- A minha jura desfiz;
- Lá fica a moira na fonte,
- Por ti de novo infeliz. »

NOIVA.

- Ingrato dom cavalleiro,
- Ingrato, que me trahiste;
- Os olhos da moira bella
- Aos meus olhos preferiste;
- Por ella, que não por mim
- Do captiveiro partiste.

- São de zaphira os seus olhos,
- Os cabellos d'ouro fino;
- De san João na alvorada
- O seu gesto perigrino
- Já lhe eu vi assoalhando
- O seu thesouro mofino.

- Ingrato dom cavalleiro,
- Ingrato que me trahiste;
- Os olhos da moira bella
- Aos meus olhos preferiste;
- Por ella, que não por mim
- Do captiveiro partiste.

D. PELAIO.

- Dona ingrata, minha noiva,
- Oh! não me julgues assim;
- Só por ti que não por ella
- A' patria voltei alfim;
- E por ti meus juramentos
- Falsei, triste de mim!

• Dona ingrata minha noiva,
 • Aqui tens meu galardão;
 • Deu-me Bamila na fonte
 • Por desprezo este cordão;
 • Guarda-o tu, ja que tu foste
 • Causa da minha traição. •

E a zelosa noiva bella
 Regeita a fulva cadeia;
 Para um rolre, juncto á porta
 Desdenhosa se meneia,
 E no grosso tronco rude
 O grilhão formoso enleia.

E o grilhão muda-se rapido
 Em temerosa serpente,
 Que gigante o tronco aperta
 Com sua escama fulgente,
 Té parti-lo, e derriba-lo
 Com estampido fremente.

O ARCO DE SANT'ANNA.

O romance, cujo titulo acaba de lêr-se, tem sido julgado diversamente pelos órgãos da imprensa periodica de baixo do ponto de vista das suas bellezas e defeitos artisticos. Não seremos nós quem vá agora renovar uma polemica, já por ventura sentenciada a final no tribunal da opinião publica; mas sempre nos seja licito dizer, que em nosso humilde entendimento, esta discussão andou algum tanto desvairada, porque deixou o fundo pela forma, antepoz a questão de arte á questão social.

O A. do Arco de Sant'Anna teve um pensamento, que elle entendeu, que devia incarnar na forma popular do romance; e esse pensamento não o deixou occulto dentro da contextura e enredo da producção litteraria. O Poeta, querendo por ventura poupar aos leitores o trabalho de deduzirem da sua obra a idéa mãe, que presidia á confecção d'ella, declarou mui explicitamente na Introducção a tendencia do livro, que ia entregar ao publico, para que se deixasse pousar das idéas que moveram a penna do escriptor.

E de zélos requeimado
 O peito da noiva bella,
 D'aquella hora em diante,
 Não conheceu mais estrela,
 Que perseguir dom Pelaio,
 Até fíuar-se por ella.

E a moira Eugracia Bamila.
 Encantada lá ficou,
 Nunca mais leal captivo
 Difficil prova tentou,
 Nunca mais de amor aos riscos
 Tal voto alguém confiou.

E indá lá corre hoje a fonte,
 Fonte da moira de então,
 Que inda o seu ouro assoalha
 Nas manhãs de san João.
 — Não beba la quem no peito
 Guardar traidor coração.

J. F. de Serpa.

Não faremos uma analyse miuda de todas as asserções pouco fundadas, com que o A. quiz prevenir o publico a favor da necessidade de combater romanticamente a reacção religiosa, que mui de leve attribue aos escriptos dos Poetas e Romancistas.

O A. do Arco de Sant'Anna julgou, que para demonstrar as exorbitancias do clero, na epocha actual, devia ir revolver as chronicas, á cata de um facto escandaloso praticado por algum ecclesiastico, para depois alirar com elle ás turbas enfeitado com as suas louçanias poeticas, — dizer-lhes: «Ali tendes o que é o cléro, odiaes toda essa classe, porque um homem que lhe pernicencia commetteu um crime horrendo.» Quando o facto escolhido pelo A. servisse para qualificar todos os padres d'aquella epocha, ainda assim a sua causa não estava ganhada, porque a questão não é saber o que foi o clero, mas o que elle é na actualidade.

Por ventura julgará o A. que o poder ecclesiastico ha-de hoje ter inevitavelmente as mesmas tendencias que tinha ha uns paucos de seculos? Não o acreditamos, porque semelhante fatalidade

repugna com a natureza das consas, e com os exemplos da historia. Todas as instituições participam necessariamente mais ou menos do meio social, em que vivem; e eis aqui a razão de muitos crimes commettidos pelos ecclesiasticos, em épochas em que as outras classes da sociedade não offereciam por certo exemplos edificantes de virtude. Talvez que nós podersemos demonstrar (se isso fosse preciso) que nesses tempos calamitosos de ignorancia e relaxação dos vinculos sociaes, o clero foi a classe, que commetteu menos abusos.

Mas o A. até mesmo foi pouco feliz na escolha do facto, sobre que basêa o seu romance; e uma cousa que n'uma composição puramente poetica não seria defeito, converte-se numa aberração gravissima, desde que ao livro se pertende dar uma tendencia de reforma social. Porque ao menos esse facto capital, que resume todas as accusações contra o clero, não devia ser uma meca ficção da fantasia do Poeta.

É certo que um Bispo do Porto fôra acontado, por mão d'El-Rei D. Pedro I. em virtude de uma accusação de adultério, que contra o Prelado fôra levada ao Monarcha. Mas este facto, pouco decoroso para a magestade real, ainda mesmo que o crime fosse verdadeiro, converte-se n'uma nodoa indelevel para o nome do Rei, que o praticára, se (como nos affirma um dos nossos melhores escriptores) o Bispo era homem honrado e a accusação uma calumnia. Transcrevemos as expressões, com que Duarte Nunes de Leão moralisa este facto.

— «Esta dureza delRey não era sómente em vingar as cousas proprias, mas tambem as alheas, em muitos casos, em que precipitadamente fez justiça de delictos, de que lhe não constava, como a Rey, nem como a julgador, senão como a homem sómente, & por não sufficientes informações, como foi, que vindo elle á Cidade do Porto, ovio dizer no caminho, que

» o Bispo daquela Cidade que era hum
» Prelado honrado, & de grande autho-
» ridade, tinha fama de dormir com uma
» mulher de certo Cidadão, & que seu
» marido com medo d'elle senão ousava
» queixar. *ElRey só por ouvir isto, sem
» outra mais investigação, tanto que che-
» gou á Cidade, e acabou de comer, fez
» vir perante si o Bispo, & mandou aos
» porteiros, que como elle entrasse em
» sua camara lançassem fora do paço
» todos os criados que consigo trazia, &
» toda a mais gente que ali estivesse: &
» que se algum do seu conselho viesse, o
» mandassem ir para a pousada, dizendo,
» que assim o mandava elle. Vindo o
» Bispo, & despejado o paço, elRey,
» vendose só com a preya nas mãos, se
» despio, ficando em hum pelote de escar-
» lata, & per sua mão tirou ao Bispo to-
» das suas vestiduras, & com hum açoute
» na mão, brandindo-o para lhe dar,
» lhe disse confessasse sua culpa. Os
» criados do Bispo sabendo a con-
» dição delRey, & vendo que os deita-
» vão fora, suspeitâo que não hia bem
» ao Bispo, & forãose ao Conde de Bar-
» cellos, & ao Mestre de Christo, pedir-
» lhe lhe so-sem valer. Vindo elles, & en-
» trando com o Escrivam da Puridade
» com achaque, de trazem a elRey humas
» cartas, lhe não podião tirar o Bispo
» das mãos, lembradolhe quantos inno-
» centes erão cada dia accusados falsamen-
» te, & com medo do tormento, confessavão,
» o que nunca commetterão, & quam mal
» feito era, pôr mãos em um Pontifice, &
» que pelo Papa lhe seria estranhado. —
*Duarte Nunes de Leão. Chronica d'ElRey
D. Pedro I.**

Receando exceder os limites do Journal, para que escrevemos, pomos aqui remate a este artigo, protestando, que nos não causam grande receio as tendencias do Clero dos nossos dias, porque lhes resiste uma força maior, que a de todos os romances, — as necessidades do tempo e os progressos do espirito humano.

Um Velho Parocho de Coimbra,

O INDUSTRIAL PORTUENSE.

Publica-se actualmente no Porto, este periódico mensal, destinado a propagar e a divulgar pela numerosa classe de nossos artistas, os processos mais vantajosos de todos os ramos de industria. Encarecer o merito d'este novo propagador de conhecimentos uteis, fôra um empenho superfluo. Bastará dizer que faltava ainda ao nosso *jornalismo*, uma publicação puramente *tecnologica*, com o fim de reunir todos os elementos d'uma instrucção artistica verdadeiramente proveitosa.

As nossas artes e industria vão cada dia apresentando novos symphomas de regeneração e progresso. Vastos estabelecimentos podemos contar, onde são manufacturados com a desejada perfeição tanto objectos de primeira necessidade, como de luxo. O estabelecimento da Vista Alegre, onde vimos fabricar optima porcelana, os ricos tecidos de lã e seda que vemos sair das fabricas de Lisboa, as fundições de ferro do Porto & tudo nos deixa antever um prospero futuro da nossa industria nacional. Um jornal todo votado a estes interesses, que os esclareça, que os anime e proteja, é uma obra d'utilidade digna dos maiores louvores.

Transportar das alturas das sciencias e dos livros ás officinas dos artistas os conhecimentos indispensaveis das suas profissões é um pensamento feliz que a imprensa hoje realisa.

Os nossos fabricantes, operarios, artífices e lavradores vão ter no *Industrial Portuense* um armazem de processos, receitas e inventos, que muito lhes convirá verificar e experimentar. A reunião das sciencias abstractas com as experimentaes é hoje uma necessidade indispensavel para os progressos das artes. Já ninguem crê que possa haver bom desempenho practico sem o auxilio da theoria.

Facilitar pois aos artistas os meios

de avaliar os melhoramentos que os progressos das sciencias vão introduzindo nas artes e na industria é um dos passos mais uteis que o jornalismo pôde dar. E demais, hoje que os progressos da civilisação tem alargado os limites dos conhecimentos humanos, e popularisado, por assim dizer, as sciencias por toda a sociedade, já não pôde concentrar-se só nas mãos dos artistas a practica das artes; todo o homem quer experimentar, procurando por suas mãos não só obter o necessario senão tambem augmentar as suas commodidades; por isso um jornal *tecnologico* hoje é um jornal universal, é um jornal para o povo. Agouramos pois que todos lêrão o *Industrial Portuense*, e que este jornal será um novo padrão de gloria para a Imprensa portugueza. Acabamos de ler com o maior interesse os dous primeiros N.º

O 1.º traz uma extensa e erudita introdução, onde se percorre a historia da *Tecnologia*, e se mostram as suas numerosas vantagens e utilidades.

O seu auctor faz ver a necessidade que os artistas tem de reunir á practica manual de sua profissão os conhecimentos theoricos das sciencias de que ella depende, e convida-os a uma educação artistica toda proveitosa e necessaria.

O plano adoptado neste N.º—a divisão das artes, em chímicas, mechanicas e physicas—ainda que difficil na practica, porque ás vezes uma mesma industria exige processos de todas as ordens, parece-nos comtudo preferivel, por mais natural e simples.

Entre as applicações da chimica, figuram neste 1.º N.º a composição e fabrico de ligas metallicas, a marenaria, a tinturaria, e a agricultura, artigos escriptos com bastante mindeza e extensão, e em estylo chão e conciso.

As ligas metallicas são hoje de muito interesse nas artes; umas substituem metaes de maior valor no fabrico de objectos tanto d'utilidade como de luxo;

outras prestam numerosos serviços a muitas artes:—á do *statuario*, *fundidor*, *laticeiro*; ao fabrico da moeda, de *typos da imprensa*, &.

Folgamos d'annunciar, que já experimentámos as receitas de bronzear latão, e satisfizeram á nossa expectação.

Nas applicações da *mechanica* e da *physica*, recommenda-se, como optimo meio de transmittir o movimento nas machinas, as correias; sem as quaes fóra consideravel a perda de força pelas resistencias e attritos das peças.

Os importantes melhoramentos que modernamente Sulzer introduziu nas formas de fundição de ferro vem tambem preconizados neste N.º.

No 2.º N.º, no ramo da *chimica* applicada ás artes, sobresai o extenso artigo sobre douradura, onde resumidamente se percorrem os processos antigos, e se notam os seus inconvenientes e imperfeições até chegar ás mais recentes descobertas que se tem feito das applicações da *electrochimica*. Tambem em Coimbra, onde o desenvolvimento das artes não é animado por sufficientes estimulos, alguns artistas já fazem uso d'este processo; e não são só os artistas, que muitas outras pessoas por uma curiosidade verdadeiramente scientifica, leem por este meio dourado com a maior perfeição diferentes objectos. Um alvitre começa a ser seguido neste N.º, que de muito fructo pôde vir a ser para os artistas curiosos que desejam praticar as suas profissões guiados pelos seus principios das sciencias: queremos fallar dos artigos geraes, para servirem d'introdução aos especiaes;—O artigo sobre machinas é o primeiro que neste genero nos apresenta o Jornal.

Este pensamento é muito vantajoso por elle se logra o enriquecer o espirito dos artistas com os principios elementares das sciencias, o familiarisa-los com elles para se dirigirem na practica seguindo os dictames da theoria.

—Esperamos que os Redactores d'este interessante jornal, continuem nos se-

guintos N.º; a bem merecer do publico, por trabalhos de utilidade geral e reconhecida importancia. As estradas, os caminhos de ferro e as grandes manufacturas por certo que terão logar distincto nesta publicação.

Raspail diz que a *Technologia* é a arte de tirar o maior partido possível das sciencias para o interesse da humanidade.

Os zelosos Redactores do *Industrial* convencidos d'esta maxima te-la-hão por certo sempre em vista na escolha dos seus artigos. Verdade e utilidade são os dous principios de cuja combinação resultam sempre boas obras.

A *Revista Academica* saúda a aurora d'esta utilissima publicação que em abraço fraternal tem com ella empenhar-se numa missão commun:—a grande auctoridade dos nomes que figuram na sua redacção nos faz já antever o brilhante futuro d'esta obra litteraria.

J. A. S.

ASSEMBLÊA

ACADEMICO-PHILARMONICA.

Não querem que o nosso seculo seja um seculo civilizador? pois não querem muito mal, que os factos estão ahí todos os dias desenganando aos que do proposito cerram os olhos contra a luz.

Que se não louve tudo só porque é novo, e porque é nosso, dos nossos dias, muito bom; sômos nós dos que mais gemem saudades do passado: mas que sempre, e apezar da verdade, se seja o *laudator temporis acti* é manifesta injustiça, senão rematada loucura.

Uma das cousas melhores entre as mil e uma boas cousas da nossa época é por sem duvida o principio de *associação*: o necessario, o util, o agradável reccheram neste principio um auxilio maior do que tudo quanto lhes havia dado a philosophia em muitos annos de trabalho.

Tem-se realisado muitas chimeras tem-se demonstrado muitos absurdos por este unico meio—*associação*

Pois Coimbra tambem não ficou ociosa diante do grande principio; nem devia ficar:—se d'antes aqui se fallasse de um *theatro academico* fecharia toda a gente as mãos na cabeça, e gritaria—chimera, absurdo! se se dicesse que alem do *theatro* haveria, e no mesmo edificio, uma *associação* onde se lessem todos os jornaes e publicações do reino, muitos jornaes e publicações estrangeiras, e uma bella orchestra, que nos desse as melodias dos melhores cantores da Europa, ninguém responderia tambem senão—absurdo, chimera!

E todavia a chimera realisou-se, e o absurdo demonstrou-se.

Ora os incredulos tiuham alguma razão, a palavra *estudante* trazia consigo idéas tão heroicas que não admittia muito estas cousas *lyricas*: estudante! pois empreza em que elles entrem pôde lá ter geito? tem, sim, Senhores, ali está o *theatro academico* para o prevar, é o 3.º do reino em magnitude, o 1.º, talvez, em declamação; ali está a *Assembléa Academico-Philarmónica* com a sua casa de leitura variadissima e com os seus concertos brilhantes.

E é d'estes que quizemos dizer duas palavras.

Teve lugar o primeiro na presença unicamente dos socios no dia 24 de maio: o concurso era grande, todos queriam dar os emboras ao nascimento d'aquella

flor harmoniosa, e deram-n'os em repetidas palmas ao formoso desempenho de formosas peças de musica:—eram quasi que privativamente estudantes os que compunham aquella orchestra victoriada.

Teve lugar o segundo (extraordinario) no dia 24, tambem de maio; e aonde com os socios concorreram as suas familias; a casa parecia outra, tudo respirava mais graça depois que as graças ali vieram; até a musica era mais sonora, mais grata ao ouvido, ou porque algum anjo a inspirava, ou porque os olhos estavam contentes. Cade faltam as damas falta a belleza, e onde esta falta é imperfeita sempre a obra dos homens; não faltava pois nada, e a orchestra recebeu novos e merecidos applausos na execução do seu lindo e variado programma.

Fazia gosto ver aquella escolhida reunião onde ao lado dos estudantes se assentavam dignidades academicas, civis militares, e cidadãos dos mais conhecidos e estimados da cidade: era uma verdadeira festa, uma festa civilisadora.

Presidiu a tudo bom gosto, regularidade, e ordem; bem hajam os directores, bem haja esta Sociedade que assim prova que aquelle *mau espirito* proverbial dos estudantes é já uma pagina do passado.

J. de Lemos.

(J. D.)

A

MEDIANEIRA.

Eu te san do
Lua formosa,
ne vens surgindo
Tão luminosa!

Já todos dormem.
Eu velo ainda.
Só te eu contemplo
A face linda.

Meu peito arfando
Triste suspira
Na longa ausencia
Da linda Elmira

Oh se eu soubesse
Que neste instante
Tambem seu peito
Suspira amante;

Que em ti fitando
Seus olhos bellos
Por mim pratica
Iguaes desvelos,

E se eu podera,
Formosa Lua,
Gravar seu nome
Na face tua;

E mil protestos
Do amor constante,
Que lhe consagra
Meu peito amante;

Se iguaes protestos
Ella gravasse
C'o a mão tão linda
Na tua face;

Que linívito
Na dura ausencia!
Oh que engenhosa
Correspondencia!

Cómo por gosto
Eu mudaria
Em dia a noite,
Em noite o dia!

Jarome Luiz Sarmento

— 1880 1884 —

A RELIGIÃO CHRISTÃ E A PHILOSOPHIA.

CAPITULO I.
O GENESIS E A GEOLOGIA.

(Continuado da pag. 70.)

VII.

Et factum est vespere et mane; dies tertius.

Dixit autem Deus, Fiant luminaria in firmamento caeli, et dividant diem ac noctem, et sint in signa et tempora et dies et annos.

Ut luceant in firmamento caeli et illuminent terram; et factum est ita.

Fecitque Deus duo luminaria magna; luminare majus ut praeset diei, et luminare minus ut praeset nocti; et stellas.

Et posuit eas in firmamento caeli ut lucerent super terram.

Et praeset diei ac nocti et dividerent lucem ac tenebras. Et vidit Deus quod esset bonum.

Et factum est vespere et mane, dies quartus.

Naquelle anhelar tão melancholico, apanagio por ventura do coração dos mortaes, contemplava o espirito do homem o primeiro scintillar do amor, que nesta época de paz e de vida se manifestava a medo de sobre os pendoes das palmeiras.

Mas essa paz tão casada com a vida, essa paz filha da ordem de que era symbolo a manhã de cada dia (1) parecia agora moribunda ao declinar da manhã do dia terceiro. Era chegado o crepusculo confuso do quarto dia, com o qual devia de terminar a segunda época do universo, que tinha começado quando a mão do Senhor arrancára a terra do meio da materia inflammada, e lhe abriera o vasto salão do firmamento.

E nessa segunda época do universo deviam encerrar-se duas idades da terra

como n'uma idade da terra haviam de perder-se ainda muitas durações de imperios, como na duração d'um imperio muitas vidas mesquinhas como n'uma vida mesquinha mil pensamentos fugazes. Era o viver precario das rôlas que se confundia na duração secular das aguias.

E o espirito do homem, que vira o amanhecer d'essa época do universo quando a voz do Senhor os atomos da materia rijamente se chocaram, feriram centellas de fogo, e a luz appareceu no meio do abysmo, lia agora escripto na pagina azul dos céus o seu anoitecer magestoso... E qual era a urão, que traçava alli aquelles caracteres de gloria? qual a força, que estampava na face dos céus aquelle emblema da omnipotencia? (2).

A *Philosophia* respondia ao espirito do homem só com uma palavra — attracção! Mas quando essa palavra roçava mansamente pelos ouvidos do espirito do homem, uma sombra passava ante seus olhos como visão immensa.

E os seus olhos viram a sombra mysteriosa, que por toda a parte se extendia, galgando por sobre os montões da materia depositada no espaço. E a voz da *Fé* ao passar d'essa sombra dizia ao espirito do homem; — eis alli a attracção!

Era uma sombra prodigiosa. Era a sombra do braço do Senhor, que se extendia de polo a polo, agglomerava pela vastidão do espaço enormes massas ardentes, e pendurava globos magestosos na cupula do firmamento, como gottas geladas de orvalho nas folhas dos cyprestes do Lybano.

E d'entre tantos globos, immensos em numero, immensos em grandeza; oceanos de fogo, em cada um dos quaes a terra inteira que caísse, fora como o grão d'area arrojado pelos turbões ao meio das vagas do Atlantico, um havia que o espirito do homem se interessava

(1) As palavras hebraicas, *dia M., Eland*, com que no *Genesis* se designam tarde e manhã de cada dia tambem significam, a primeira — *con fusão* —, a segunda — *orden* — *V. Ros. do Log.*

(2) *Coeli enarrant gloriam Dei, et opera manuum ejus annuntiat firmamentum, Psalm. 18.*

mais em contempla-lo (3). A 25 milhões de leguas distante da terra tinha assente o seu throno este principe dos luminares (4); e o espirito do homem alongou d'alli os seus olhos pelo espaço, e a 9 milhões de leguas avistou um globo semelhante á terra em seu primitivo estado, posto que dez vezes mais pequeno do que ella. A dobrada distancia outro apparecia quasi igual a ella, e como o precedente, se movia em torno do principe dos luminares; mas ora apparecendo adiante d'elle a cada hemispherio terrestre, como precursor da aurora, ora só depois d'ella como mensageiro da noite. Eram os dois planetas, que depois se chamaram, *mercurio*, e *venus*.

Seguia-se a *terra*, que acompanhada, a distancia de 60 mil leguas, pela *lua*, globo 50 vezes menor do que ella, girava tambem á roda do *sol* com uma velocidade de mais de 18 mil leguas por hora! E cada ponto da circumferencia de seu equador tinha, além d'este, outro movimento, com que percorria 270 leguas por hora, ou $4\frac{1}{2}$ por minuto!

Mais além, a 38 milhões de leguas, apparecia outro globo cinco vezes mais pequeno que a *terra* (5); a 130 milhões seguia-se outro quasi 80 mil vezes maior que o precedente, e era acompanhado por quatro *luas*. Foram os que depois receberam os nomes de *marte*, e *jupiter*.

A 238 milhões de leguas ainda sexto globo apparecia, de volume um pouco menor que *jupiter*, cercado de extensos aneis concentricos, e rodeado por cinco *luas*, e ultimamente a 440 milhões de leguas lá apparecia septimo globo, 77 vezes maior que a *terra* acompanhado de seis *luas*. Eram *saturno*, e *urano*, o ultimo dos quaes havia de zombar por sessenta seculos da curiosidade dos astrónomos.

E todos esses globos giravam com os seus satelites á roda do *sol*, nadando nos espaços vazios, como os argenteos flóres de escuma sobre as aguas do oceano.

Tal era o mundo, que occupava no espaço uma esphera, mais de 80 mil milhões de milhões de vezes maior que o volume de toda a *terra*.

E foi no lançar d'olhos por quadro tão grandioso, que o espirito do homem reconheceu toda a fraqueza da sua razão. Oh! bem o pensou elle, que se mais cedo houvera vista de tal quadro, se mais cedo imaginara a *terra*, não como alicerce eterno do vasto edificio dos céus, mas como atomo quasi imperceptivel voando pelos espaços; não como rainha, a quem o *sol* com todos os astros dia e noite cortejavam, mas como tímida escrava que de longe aguarda os acenos de seu senhor; tentado fôra elle a tributar eultos ao principe dos luminares!

(3) Esse—um—é o *sol*. Se lhe chamamos oceano de fogo, nem por isso que rejeitamos a hypothese, que suppõe solido, e opaco o seu nucleo. Avantajada é ella na explicação das manchas do *sol*, e as objecções dos adversarios não são de fazer nosa: mas seja qual for o estado actual do *sol*, não exclue elle o que primitivamente lhe supponmos. *V. Montf. Dice. de Math. e Arag. Leç de Astr.*

(4) As leguas são portuguezas. Aproveitamos só os numeros redondos.

(5) Não mencionamos os quatro planetas menores, porque duvidamos da sua existencia já nos tempos primitivos. A inclinação das suas orbitas sobre o plano da ecliptica fez suppor-lhe origem um pouco differente da dos outros planetas; e a quasi igual distancia de todos quatro ao *sol* suscitou a idéa de que fossem primitivamente um globo que se partiu: quem sabe? Uma explosão interna podia originar essa catastrophe, e para isso bastar-lhe-hia uma força 48 vezes maior que a de uma peça de artilheria, se o movimento do globo fosse directo,

e 60 vezes, se retrogrado. É o que se deduz da fórmula de *Lagrange* relativa a este objecto.

Olbers suppunha a catastrophe produzida pelo choque de dous globos; tambem não é impossivel; e tanto que já por vezes tem havido serios receios de igual sorte para a *terra*. A 29 de Outubro proximo futuro 13 annos faz, que em *Paris* grande parte da noite muito boa gente não pregou olho, por medo do cometa de *Biela*, que então atravessava a orbita da *terra*. E o caso não é para rir a pesar do animo, que *Laplace* nos mette: na *America* já se viu atravessar não mui longe da *terra* um corpo immenso, que corria 43 mil leguas por hora, e de outro fazem menção as *Trans. Philosophicæ*, que passou a $6\frac{1}{2}$ leguas distante de nós, e corria 18 mil leguas por hora; ora se a este ultimo lhe desse para vir cá entender com nosco, gastava menos de um minuto em torcer seis leguas de caminho, e dentro d'esse espaço *Deus* sabe onde iriamos parar. Apesar d'isto tambem nós temos pouco receio d'estas catastrophes, não, e perdoe-nos *Laplace*.

(6) Mas já então empunhando o sceptro da Philosophia, o espirito do homem tocava com a ponta d'elle as orbitas longinhas dos planetas; e como se fôra o arbitro dos arcanos dos céus traçava aos astros as sendas dos seus caminhos. Já então em cada bago d'arêa da fatal ampulheta do tempo elle marcava os milhares de leguas, que cada planeta devia avançar no seu cego correr.

E tudo isto podia o espirito do homem, porque embora atomo mesquinho, orgulhando-se da sua mesma pequenez, não cabia com o pensamento em toda a esphera d'um mundo.

E todo abraçado como o pensamento elle lá divagava pela immensidade dos céus!

E elle bem quizera estender o sceptro da Philosophia até esses soes immensos, á roda dos quaes advinhava innumeraveis planetas, innumeraveis mundos, todos povoados por seres extraordinarios, com os quaes anhelava além do tumulto por uma vida mystica e universal, per uma communhão intima, no seio da Divindade. Mas o sceptro da Philosophia nem ao menos pôde tocar esses soes, nem esses mundos; que a 5 milhões de leguas estava collocado o *non plus ultra* do seu poder. E elles lá ficaram emancipados da lei dos calculos, mas nem por isso exemptos do poder do pensamento, que rival da omnipotencia ainda se extendia além d'elles no seu porfiado seismar.

E o espirito do homem voava com o pensamento de globo em globo, de mundo em mundo, de universo em universo; mas quanto mais alongava

seus vôos, mais distante avistava a sombra do braço omnipotente, que de immensidade em immensidade levava arrastos para os abyssos do infinito todos esses globos, todos esses mundos, esses universos todos.

E o espirito do homem, perdido na immensidade, ouviu a voz do Creador, que abençoava a obra do *quarto dia*, pregação eterno da sua grandeza!

E elle adorou o senhor!

E no remanso d'essa adoração deixou repousar o pensamento aniquilado e esvaecido por suas agitações.

Continuar-se-ha
G. de A.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 9h.)

Invenções: — Mr. Bontemps baseando-se sobre um antigo processo de fabricar o vidro, inventado pelo Suisso Guinand, imaginou um maquinismo engenhoso, com o qual se produz a mais intima união entre as partes, que compoem a massa do vidro. D'esta intima união resulta, que o vidro sai depois absolutamente privado das estrias e bolhas, que o tornavam muitas vezes perdido para lentes dos instrumentos opticos.

Já por este meio se fabricou para o Observatorio de Pariz uma lente de um metro de diametro. Em Birmingham tambem se adoptou este maquinismo.

Rapida extinção de incendios: — Com este fim se descobriram modernamente em Inglaterra duas machinas, uma das quaes tem o nome de *inundador*, e a outra de *apagador de incendios*. A pri-

er, pela segurança, que a sciencia nos dá; que o calculo das probabilidades não é o melhor antidoto do medo; mas porque só para o *dies iræ* julgamos reservado o *stella cadent* do Evangelho.

Quanto á distancia, a que os quatro plantas ficam do sol, é para *resta* 58 milhões de leguas, *juno* 62, *cores* 68, *pallas* 62 quasi.

Pelas mesmas razões tambem deixamos de fallar na posição dos cometas.

(6) A hypothese do movimento da terra alguns a julgaram desmentidora dos livros sagrados, e talvez de boa fé creram, que bem mereciam do céu por obrigarem *Galileu* a abjurar de joelhos uma heresia ideal.

Louvado seja Deus, que já passou a epocha, em que o *fanatismo philosophico* embicava por gosto com o *theologico*; a Religião pura, e a sã Philosophia ceiam-se as mãos.

Moyzes desconhecera a sua missão, se quizesse ensinar Astronomia aos Hebreus; e para fallar-lhes em movimento da terra era necessario esquecer-lhes as propensões, maiormente tendo não mui longe o exemplo dos Persas.

Aos que notam de ignorantes os escriptores sagrados por dizerem: *sol oritur atque occidit &c.* lembremos, que os Astronomos ainda hoje fallam igual linguagem; e sob pena de não serem entendidos.

meira faz cair sobre o incendio um grande jacto de agua, a qual se acha depositada em reservatorio conveniente, e é compellida por gazes, que sobre ella se fazem desenvolver. O modo de desenvolver estes gazes constitue o fundamento do *apagador*.

Este consiste em um forte cylindro de ferro, no qual se lança uma massa composta de carvão e salitre nas mesmas proporções, que para fabricar polvora, e se lhe juncta uma porção de gesso (*plaster of Paris*). Um pequeno embolo lateral, que pôde segurar-se com fortes parafusos, leva ao contacto d'esta massa uma porção de *chlorato de enxofre com assucar*. Instantaneamente se inflamma aquella massa, donde resulta uma enorme producção de gazes, mas sem explosão, os quaes por meio de uma manga dirigidos para o incendio abafam-no immediatamente.

A theoria favorece as vistas do inventor quanto ao resultado; toda a difficuldade está na practica, isto é, no tornar bem menciavel um cylindro, que deve ser muito pesado, e do qual os gazes se desenvolvem n'uma temperatura mui alta. Entretanto o auctor fez já alguns ensaios, que corresponderam ás suas esperanças, e nós ousamos dizer que aperfeiçoado o maquinismo, este invento será um dos mais vantajosos para a humanidade.

Magnetismo animal.

Na Inglaterra continuam com afan experiencias sobre este objecto.

Somnambulismo — No mez de março tiveram lugar algumas reuniões da Sociedade, que em Londres se creou com o fim de investigar os factos do magnetismo animal, e nellas se fizeram alguns ensaios.

Ellen Dawson foi o exemplar de que se serviram. Um dos socios, que se poz em relação com ella, mandou-lhe que o acompanhasse a Dover sua residencia, e a magnetisada, sem sair da casa em que estava, foi referindo os logares por-

que passava para chegar á residencia do magnetisador. Descreveu varios moveis da mesma casa, e ainda que algumas vezes o fez incorrectamente, todavia outras fallou tão exacta, e circumstanciadamente, que admirou.

Em sessão do dia seguinte chegou até a descrever exactamente um quadro existente em casa de um parente do magnetisador na cidade de T. onde por certo ella nunca tinha ido, como se deduz do maravilhosos que todos ficaram.

Mr. James Braid em carta escripta no mez passado (maio) ao Editor do *Critic* expoe factos, que parecem confirmar o *phreno magnetismo*. Acompanha-os d'uma theoria, em que admittre tres estados ou grãos de *Hypnotismo*. (Elle substitue esta palavra ás de Mesmerismo, e Galvanismo animal que poderiam suscitar a alguém ideas inexactas.)

No 1.º grão o somnambulo não está sujeito á vontade do agente, responde aos circumstantes, e depois de acordado, lembra-se do que se passou durante o somno.

No 2.º grão sens musculos sensiveis a qualquer titillação, contrahem-se facilmente; seguem-se depois movimentos reflexos em que se nota uma synergia em determinados musculos conforme a parte irritada.

Estes movimentos são acompanhados da manifestação de sentimentos ou em geral do exercicio das faculdades proprias do organ, donde partiu o movimento reflexo. Depois de acordado o paciente não se recorda do que passou; mas de novo *hypnotisado*, reassume as mesmas idéas, os mesmos sentimentos, de que estava possuido ao acordar.

No 3.º grão ha rigidez de musculos; mas a continuação de uma irritação forte sobre elles pôde fazer tomar a essa parte do corpo uma direcção contraria á que tinha, em consequencia da continua, e não interrompida acção dos musculos antagonistas.

Em tal estado o paciente perde todo ou quasi todo o sentido do tocar, obedece

única, e cegamente ao agente; quando dominado por uma idéa, obra semelhantemente aos monomaniacos.

Mr. J. B. pôs suas duvidas á decantada perspicacia dos somnabulos, e recommenda aos experimentadores, que não se contentem com tapar-lhes os olhos, mas se acantelem de bulir inadvertidamente com os labios, porque sem o saberem poderão declarar o que se passa no seu pensamento; e então o paciente pela grande relação em que se acha com o agente seria capaz d'ouvir o que ninguem mais pudera.

O Dr. Wagner's admittê a possibilidade d'essa admiravel perspicacia, e cita factos muito notaveis. De uma senhora pertencente a uma familia, que reside na Prussia, falla elle, a qual contava successos passados aquella hora em lugares distantes, e que depois foram achados exactos.

Apaixonado pelas doutrinas dos Allemaes elle admittê a existencia do principio universal da vida, que, animando todos os seres creados, combe ao homem em mais vantagem a porção: accumulada no plexo solar do agente, e d'ali communicando-se para a espinal medulla, pode ser transmittido pelos dedos d'ambas as extremidades ás extremidades do paciente, mediante a accção do cerebro, excitada pela força da vontade.

Mr. W. Newnham em uma obra recentemente publicada cita alguns dos casos observados por Mr. Ribes, Bourdois, Foissac, e Segalas, e entre estes é notavel a provocação que o somnambulo fez a um dos circumstantes, o qual lhe tirára a venda dos olhos para examinar, se ella tinha por onde pudesse entrar-lhe luz. Consistia a provocação em fixar na parede com obrea branca qualquer carta de jogar, de forma que ficasse com as costas para fóra. Assim se fez, e o somnambulo apenas foi chamado adivinhou qual ella era.

Outro facto mui notavel se observou mais, posto que só depois de varias ten-

talivas, porque o gráu do somnambulismo conveniente não é facil de calcular. Foi o seguinte: — mandavam dizer os espectadores em carta fechada ao magnetizador o que elle devia ordeuar mentalmente ao magnetizado; quando uma d'essas cartas veiu opportunamente, o paciente estorceu-se com repugnancia, subiu a uma cadeira, e d'alli se arrojou aos braços do magnetizador. Viu-se depois que era isto exactamente o que na carta se determinava.

O A. corrobora a possibilidade d'estes factos com outro tirado da obra de Mr. Sandby's. Era uma joven senhora Inglesa, que dorida pela morte de um seu parente, ficou sujeita a ataques nervosos, os quaes terminavam por somnambulismo natural. Neste estado bastava-lhe passar a mão per sobrequalquer papel impresso, ou manuscripto para dizer o seu conteúdo.

Emprego therapeutico:—

1.º J. T. artista de Bristol padecia ataques periodicos de gotta com dores insupportaveis nos pés. J. W. R. persuadiu o, que se deixasse magnetisar; logo á primeira tentativa o doente que pouco antes se horrorisava só com a idéa de lhe tocarem, pôde, sem a concurrencia do somno magnetico, dar passeios por toda a casa, havendo na parte enferma uma visivel desintumescencia. Durou este allivio seis a septo horas; então repetido o processo, no qual o correr (*passes*) era feito na direcção dos pés, obteve novo allivio. Assim se passaram alguns tempos, no fim dos quaes o doente ficou completamente curado.

2.º Hon. Mrs. Hare, senhora de consideração, padecia desde muitos annos ataques que o Dr. Eliotson qualificára de nervosos. Quantos medicamentos foram julgadas a proposito para combater a molestia, como a digitalis, saes de potassa com espirito de junipero, opio, acido prussico &c. os tomou ella debalde. Recorreu a Mr. Kiste, que pu-

successivas magnetisações a curou completamente, e lhe tornou possível o abster-se do opio, cujo uso quotidiano os seus padecimentos lhe tornavam atéli indispensavel.

3.º *Charles Chiffinch de Combe Down*, que padecia uma surdez, recorreu a *S. D. Saunders*: este pela applicação dos processos magneticos não pôde restabelecer-lhe completamente o ouvir, mas as melhoras foram consideraveis. Nesta applicação factos notaveis se observaram.

Mrs. S. que sentada diante do magnetisado com um pé lhe tocava a cadeira, passou a estado de somnambulismo, estado a que Chiffinch não pôde chegar; e quando foi acordada estava surda d'ambos os ouvidos; foi necessario magnetisa-la de novo *devidamente*, para que recobrasse o ouvir.

Quando Mr. S. D. poz uma das mãos sobre o alto da cabeça de Chiffinch como para lhe conciliar o somno Mrs. S. que já estava em somnambulismo fallou em uma pessoa, que prérgava um sermão. É de notar, que a mão fôra collocada sobre o que os Phrenologistas chamam organ da veneração (sentimento religioso). Tambem ella deu signaes de jovialidade, quando foi posta a mão sobre o organ respectivo na cabeça de Chiffinch.

O que deixamos dito é sufficiente para mostrar, que o magnetismo animal continúa a occupar a attenção de muitos sabios estrangeiros.

(Continuar-se-ha.)

G. de A.

Resenha de varias experiencias e observações feitas em Coimbra.

Pelo Sr. Macedo Pinto. —

Em casa do Sr. Dr. Fernandes Thomaz Lente de Philosophia, foi tres vezes magnetisado um joven parente seu de idade de 14 a 15 annos pessoa de character ingenuo. Ainda hoje confessa, que estivera verdadeiramente magnetisado:

Conheceu uma Senhora, que chegara já depois de o terem magnetisado, e fallando-lhe o Sr. Fernandes Thomaz ao ouvido em alta voz, elle não lhe respondeu, mas fez-lo, desde que lhe fallou a região epigastrica. É de notar, que elle tractava o Sr. Fernandes Thomaz com todo o respeito. Assistiram a estas experiencias entre outras pessoas distinctas os Srs. Dr. Barjona, que não se deu por convencido, e João Ribeiro da Silva Arango official de Infantaria. O Sr. Macedo Pinto quiz fazer no mesmo individuo quarta experiencia, e não lhe foi possível: depois não teve occasião de fazer nova tentativa.

Em casa das Sr.ªs Neves foi magnetisada uma menina de 9 a 10 annos antes da grande voga do magnetismo. Assistiram alem da familia da casa outras pessoas conspicias

Em casa do Sr. Dr. Gomes Ribeiro, Lente de Medicina foi magnetisada duas vezes uma menina parenta sua de 10 a 11 annos de idade, e por tres vezes uma criada de 20 annos pouco mais ou menos. O Sr. Dr. Barjona, que assistiu a dous d'estes ensaios ainda não saiu completamente convencido, O Sr. Dr. Paes Lente de Medicina tambem ficou d'uma vez duvidoso, mas de todas as outras não lhe restou escrupulo. Assistiram mais a estas experiencias os Srs. Drs. Peres Lente de Medicina, Ferrer, e Seiga Lentes de Direito, Mamede Lente de Mathematica, Doria Dr. em Medicina, &c.

Em casa do Sr. Dr. Antonino, Lente de Philosophia, foi magnetisado o Sr. H. Carlos de Miranda estudante do 1.º anno de Direito e um criado do Sr. Antonino chegado pouco antes de Anadia.

Este não tinha conhecimento de magnetismo, e aquelle é pessoa de toda a prohibidade.

O mesmo Sr. Miranda foi ultimamente magnetisado em sua casa por duas ou tres vezes e desde então sentiu allivio em incommodos que soffria durante o somno. Assistiu o Sr. Sousa Gonçalves, estudante de Medicina, com outras pessoas.

No Observatorio astronomico foi magnetisado um criado do Sr. B. J. Ferreira: assistiu o Sr. Dr. Marques, Lente de Philosophia, e outras muitas pessoas.

Em sua propria casa magnetisou o Sr. Macedo Pinto os Srs. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, estudante de Direito, e Ignacio Rodrigues d'Almeida, de Medicina cada um por duas vezes. Magnetisou ainda outro estudante, e um rapaz de pouca idade. A probridade d'aquelles estudantes é reconhecida. Assistiu entre outras pessoas o Sr. Antonio Carlos Dr. em Medecina.

Em casa do Sr. Dr. Justino Lente de Direito pertendeu o Sr. Macedo Pinto magnetisar alguém, e não lhe foi possível. O mesmo lhe aconteceu por outras vezes.

Não mencionamos os phenomenos ordinarios observados em cada um d'estes casos porque no N.º 5.º da R. Academica o Sr. Macedo Pinto os deixou descriptos debaixo da epigraphé de — phenomenos positivos e duvidosos. —

—*Pelo Sr. Pina Rollo.*—

O Sr. Pina Rollo, Official de Marinha, e estudante de Mathematica e Philosophia, foi um dos magnetisadores mais distinctos, e de cuja dexteridade somos nós testemunhas. Tem magnetisado um grande numero de pessoas, e tantas que não nos é poss vel mencionar senão alguns casos mais notaveis.

Em casa do Sr. Francisco José Gonçalves de Lemos foi magnetisado um rapaz criado seu de 18 annos de idade que não tinha conhecimento do que era magnetismo.

Indicava todas as pessoas, que o tocavam, apesar de estar rodeado por grande numero de circumstantes, a muitos dos quaes não podia ver, mesmo quando tivesse os olhos abertos. Assistiram os Srs. Drs. Cesario, Lente de Medecina, Constantino, Advogado, Augusto Cesar de Sousa, B.º formado em Medecina, e Provedor do districto, José

de Mello Gouvea B.º formado em Philosophia, &c.

Em casa do Sr. Dr. Agostinho José Pinto, Lente de Prima de Mathematica foi magnetisado um rapaz de 10 annos de idade, que apresentou os phenomenos ordinarios. Assistiram alem da familia da casa, os Srs. Governador Civil, e Militar, e o Sr. João Thomaz de Sousa Lobo Lente de Theologia.

Em casa do Sr. Dr. Serpa Machado Lente de Prima de Direito e Par do Reino foi magnetisado o Sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo. Assistentes os Srs. Drs. Forjaz Lente de Direito, Ferraz Lente de Theologia, Miguel Ribeiro, e Francisco Antonio de Mello.

Na mesma occasião fei magnetisado um pequeno preto, pertencente ao Sr. Dr. Luiz Ferreira, e como o Sr. F. A. de Mello durante o processo fizesse no paciente alguns toques, quando depois o Sr. Pina Rollo quiz praticar a desmagnetisação, debalde o tentou: lembrando então que o Sr. Mello estivera em relação com o magnetisado, concou reu este para a desmagnetisação, e ella teve immediatamente logar.

Em casa do Sr. Castro Freire Lente de Mathematica foi magnetisado o mesmo Sr. D. Antonio em presença da maior parte do corpo Cathedratico. Os phenomenos apresentados foram os ordinarios.

—*Pelo Sr. Sanches.*—

O primeiro que em Coimbra praticou o magnetismo, o Sr. Sanches fez muitos e mui repetidos ensaios em presença de todas as pessoas que quizeram assistir. Não escolhia elle os magnetisandos, mas convidava qualquer pessoa que mais incredula fosse. Assistiram a estes ensaios os Srs. Drs. Jeronimo José de Mello Lente de Physiologia, Paes, Macedo Pinto, Antonio Carlos, Francisco Antonio de Mello, todos medicos, alem de innumeraveis pessoas, que o não eram.

O Sr. Alexandre de Moraes ainda

Loje confessa, que fôra verdadeiramente magnetizado pelo Sr. Sanches.

Outras muitas pessoas magnetisaram, e foram magnetizadas em Coimbra; fastidioso seria enumerar-las. O Sr. Agapito Barboza da Paz, bem que por uma vez se fingisse magnetizado, d'outra sabemos nós, (e teve logar em casa de membros d'esta redacção) na qual elle não pôde deixar de confessar, que effectivamente estava em perfeito somnambulismo, porque sendo picado fortemente n'uma mão, não pôde depois lembrar-se de semelhante cousa, por mais que tentou adivinhar.

RESUMO DE PRELECCÕES DE PHYSIOLOGIA EXPERIMENTAL.

(Continuado da pag. 104)

IV.

Augmento de densidade no sangue.

Da jugular externa de um cão, de constituição robusta, extrahimos 5 onças de sangue, das quaes recebemos duas em dous copos, e lançámos n'um d'elles algumas gottas da seguinte dissolução.

R. Sulfato de quinino $\frac{1}{2}$ oit.
 Agua distillada 4 onç.
 Acido sulfurico 10 gott.

O que nos sobrou d'esta dissolução, injectámos-lo na veia que havíamos aberto. Passados dez minutos morreu o animal, e sua morte foi precedida de movimentos convulsivos; e a disseccção a que procedemos 48 horas depois mostrou-nos o seguinte: — Pulmão de uma côr escarlate muito vivo com manchas de roxo escuro, e este estado manifestava-se mais do lado opposto ao da injectação; — seu tecido apresentava uma congestão de sangue escuro, e viscoso com as mesmas manchas que a superficie exterior; — não crepitava, e parecia ter soffrido a 1.º gráu de hepatisação. — Tra-

chea, e bronchios muito injectados, tanto mais quanto se approximavam das ultimas ramificações. Tres pollegadas distante do estomago encontrámos abraçando o esophago pela parte exterior um tumor que depois de aberto nos mostrou uma grande quantidade de *fillarias*, que, as maiores, orçariam por uma pollegada de comprimento — estavam recolhidas em cellulas formadas por tecido cellular muito duro. As cavidades direitas, e esquerdas do coração estavam distendidas por coagulos de sangue muito escuro; nas primeiras não vimos cousa alguma que nos inculcasse a existencia do ar, e nas segundas vimos que estes coagulos se extendiam pelas veias pulmonares e aorta. Na auricula direita, e systema venoso existia menos quantidade de sangue, do que na esquerda e systema aortico, pois neste o sangue se espalhava até as pequenas ramificações. O figado exteriormente apresentava manchas mais escuras, que as do pulmão, e interiormente uma congestão de sangue venoso. O estomago, e intestinos delgados tinham manchas analogas ás que havíamos notado no pulmão, mas eram mais superficiaes. O cerebro estava exteriormente injectado por sangue escuro, e interiormente no estado normal; — a choroidea estava muito injectada.

O sangue que tinhámos extrahido do animal, e que receberamos em dous vasos, n'um foi alterado por algumas gottas da dissolução acima mencionada; notámos que a coagulação d'este teve logar um minuto primeiro que o natural, e nos apresentava na sua superficie pontos arroxados inteiramente semelhantes á côr das manchas pulmonares. Ao cabo de 10 minutos poucos pontos se notavam, e passados tres dias ainda conservava o mesmo estado — o coagulo cortado perpendicularmente mostrava mais consistencia que o natural, e no seu interior notavam-se os mesmos pontos roxos: — o soro tinha a côr natural.

A um cão de mediana grandeza, e muito mal alimentado foi-lhe aberta

uma das jugulares externas, extrahimos-lhe 6 onças de sangue, e ao depois injectámos lhe com uma seringa de metal 4 onças da seguinte infusão —

R.* Quina..... $\frac{1}{2}$ onça.

Faça infusão para... $\frac{1}{2}$ lib.

O animal ficou triste — o pulso cheio e frequente — 24 horas depois d'esta operação deu-se lhe uma sangria na mesma veia, e o sangue coagulava á medida que caia no vaso, apesar da abertura da veia ser larga, e o jacto grosso. Meia hora depois começou a apparecer o soro, sendo de notar, que a separação d'este era mais rapida que no sangue natural — viam se pontos roxos, que depois se reuniram n'uma mancha no meio da superficie do coágulo. Quanto ao mais, notámos-lhe os mesmos phenomenos que nos apresenton o sangue alterado pelo sulfato de quinino. O animal foi successivamente recuperando o vigor, e passados 7 dias pareceu-nos estar restabelecido.

Em um cão grande e forte injectámos pela jugular externa —

R.* X.* simples..... 4 onças.

E depois da operação observámos — o pulso cheio e frequente — algumas horas depois tardo, e ainda cheio — no dia seguinte o animal estava quasi restabelecido e então injectámos-lhe novamente

R.* Oleo commun..... 2 onças.

Suspenderam-se depois d'esta nova injectação por alguns momentos as palpitações do coração, que reappareceram tumultuosas e com maior energia — passado pouco tempo o animal caiu em grande prostração — a respiração difficil e stertorosa, acompanhada de grandes esforços para fazer as inspirações — ao cabo de dez minutos o animal morreu, sendo a sua morte precedida de dejecções de urinas, onde claramente se reconheciam algumas gottas de oleo commun. A dissecação teve lugar dois dias depois da morte e observámos — nos pulmões nodos fuliginosos, e con-

gestão de sangue venoso — na larynge e canaes aereos um liquido sanguineo escuro — as cavidades direitas do coração distendidas por coagulos de sangue, e este misturado com azeite: — não encontramos signal algum da introdução do ar.

Num cão pequeno injectámos por uma das jugulares externas 4 onças da seguinte infusão

R.* Cravagem..... 4 oitava

Faça infusão para... $\frac{1}{2}$ libra

Durante a operação vimos que o animal fazia grandes inspirações, manifestando signaes de viva anciedade — as palpitações do coração eram pequenas, frequentes e irregulares — 6 minutos depois morreu o animal. — Procedemos immediatamente á dissecação e observámos — as cavidades direitas do coração muito distendidas por sangue não coagulado, mas excessivam ute grosso, e de côr mui semelhante á do vinho mosto do Douro — o sangue das cavidades esquerdas e arterias sem differença alguma — os pulmões de côr natural, e nenhum indicio de alteração sensivel. — Exposto o sangue ao ar, coagulava mais rapidamente que o natural, mas esta coagulação era imperfeita, e o coágulo molle.

D'este mesmo cão tínhamos recebido antes da injectação duas onças de sangue, cada uma em seu vaso, e em um d'estes algumas gottas da precedente infusão. Notámos que no ultimo vaso a coagulação principiou primeiro, mas foi mais demorada — o coágulo tinha menos consistencia que o natural, e a sua côr tambem era mais escura.

As propriedades physicas do sangue foram alteradas na 1.^a e 2.^a experiencia, porque houve augmento na sua densidade e viscosidade; tambem nos pareceu, que as propriedades vitaes soffreram alguma modificação, porque a sua coagulação era mais prompta.

O estar o sangue debaixo d'acção do systema vascular nada influui no resul-

tado; por que notámos que a alteração era a mesma quer o sangue estivesse fora, quer dentro dos vasos; julgamos igualmente, que o acido sulfúrico não teve parte alguma nesta modificação, porque observamos os mesmos phenomenos, quando empregamos a quina ou o sulfato de quinino.

Na 4.^a *experiencia* parece-nos, que a existencia dos coagulos sanguíneos nas cavidades esquerdas e aorta inculcam, que o sangue coagulou rapidamente debaixo da influencia do sulfato de quinino, e não deu occasião a que o systema aortico evacuassee o sangue nos últimos momentos da vida; e por isso temos para nós, que a morte do animal foi causada pela rapida coagulação do sangue nos vasos.

Nas *experiencias* 3.^a e 4.^a a crase do sangue foi alterada pelo augmento de densidade e viscosidade e por isso a circulação tornou-se mais difficil. Esta modificação do sangue occasionou as alterações anatomicas, que observámos semelhantes ás das *experiencias* antecedentes; e, com quanto tenham sido produzidas por diferentes agentes pharmacologicos, são todavia dependentes de uma alteração do sangue um pouco semelhante. O apparecimento do oleo commum na ourina prova evidentemente a tendencia, que a economia animal tem para depurar o sangue por meio d'este emunctorio de tudo aquillo, que pôde alterar a sua crase normal.

Na 5.^a *experiencia* observámos, que a integridade do sangue foi alterada, e vimos, que esta alteração se generalison a todo o systema sanguíneo. A morte rapida a que o animal succumbiu provem talvez do insolito estimulo do sangue, assim alterado. As alterações do sangue, que observámos nesta *experiencia*, explicam-nos de algum modo as virtudes hemostaticas, que se tem pertendido attribuir a principios da cravagem.

(Continuar-se-ha.)

J. F. de Macedo Pinto.

BAROMETRO.

O peso da atmospherá, hoje demonstrado por tantos e tão variados meios, foi inteiramente ignorado ate meiado do seculo XVII. Os principios da sã philosophia começavam já a diffundir seus raios luminosos pelo orbe scientifico; mas ainda as doutrinas da eschola peripatetica eram quasi geralmente seguidas na Europa; e no principio d'este seculo se ensinava na Universidade de Pariz pelos livros de Aristoteles: o qual tendo apenas suscitado o peso do ar, pesou successivamente ao ar livre um odre vazio, e cheio d'ar, e não lhe achando differença como não devia achar, concluiu erradamente que o ar não era pesado.

O *horror da natureza ao vacuo* era um dos principios d'esta eschola, e com elle se explicava o ascenso dos liquidos na bombas. Supunha-se que o vacuo não podia naturalmente existir por ser uma ferida na natureza que os corpos não consentiam, cedendo até do seu proprio peso, para a sanar. A Galileo é que estava reservada a gloria de mostrar a falsidade d'este principio e descobrir a verdadeira causa do phenomeno.

Havendo certos artifices construido na cidade de Florença uma bomba que devia elevar a agua a mais de 32 pés, viram com espanto que ao jogar com o embolo a agua não subia acima d'esta altura. Foram perguntar a Galileo a razão de phenomeno tão novo e tam contrario aos principios da sua philosophia; ao que elle respondeu:—que a natureza não tinha horror ao vacuo senão até a altura de 32 pés.

Não desconhecem o Philosopho o frivolo d'esta resposta: bem viu elle que este facto observado pela primeira vez na natureza exigia uma nova explicação e guiado pelo seu talento de grande experimentador reconheceu a falsidade do principio e demonstrou que o peso da

atmosfera, e não o horror ao vacuo, era a causa da elevação da agua.

Todavia esta importantissima descoberta ia quasi a descer com elle á sepultura porque em 1642, quando ja estava proximo ao termo de sua vida, é que elle a communicou a seu discipulo Torricelli, o qual um anno depois a divulgou e construiu primeiro o barometro ainda hoje conhecido pelo nome de tubo de Torricelli.

A's observações de Torricelli vieram juntar-se as de Pascal que notou no barometro a elevação do mercurio no alto e nas faldas de Puy-de-Dome e reconheceu, pela variação d'altura que era o peso da atmosfera a causa da differença do nivel de mercurio dentro e fora do tubo: desde então o peso da columna barometrica ficou sendo a expressão da columna d'ar que se eleva desde a superficie exterior do mercurio até os limites da atmosfera. O mesmo nome do barometro o indica — é derivado de duas palavras gregas que significam medida do peso do ar.

A altura medida da columna de mercurio é de 0, 76 ou 28 pollegadas, que equivalem a uma columna d'agua de 32 pés d'altura. Na celebre viagem aerea de Mr. Gay-Lussac feita em 1804, em que elle se elevou a mais de 3180 braças acima da superficie do mar, o barometro chegou a descer a baixo de 0, 33 ou 12 pollegadas.

Antes de se haver consultado a experiencia, suppunha-se que o mercurio devia subir com o tempo chuvoso e baixar com o tempo secco e bom, por estar a atmosfera, no primeiro caso, mui carregada com os vapores aquosos: — a observação demonstrou que succedia exactamente o contrario.

Quiz-se recorrer á differença de densidade por ser o vapor aquoso mais leve que o ar que por elle se suppunha substituido: mostrou todavia a experiencia que a quantidade de vapor que um espaço determinado é capaz de conter em uma temperatura dada é a mesma,

tanto no vacuo como no ar livre, e tambem que a elasticidade do ar é augmentada com a do vapor; — d'aqui deviam resultar phenomenos contrarios.

Entendia o Barão de Leibnitz que o mercurio devia descer em tempo chuvoso por cairem os vapores que tinham estado suspensos no ar, ficando este por isso menos comprimido e mais leve; mas então qual seria a razão da subida do mercurio quando, tendo caído a maior parte dos vapores, o tempo passa de chuvoso para bom? — Não se acha pois este phenomeno exactamente explicado: as agitações constantes da atmosfera e a variação da temperatura são, quanto a nós, as principaes causas d'elle, porque no tempo quente a atmosfera contém mais quantidade de vapor, o que, como sabemos, augmenta a força elastica do ar.

Deixando porém a theoria e consultando a experiencia, os factos geraes que ella demonstra, posto que com algumas excepções, são os seguintes: —

1.º — As maiores variações do barometro são no universo; e mais sensiveis nos paizes frios que nos quentes.

2.º — Em tempo bom, fixo, secco e sereno, sustenta-se o mercurio ordinariamente em maior altura.

3.º — Em tempo mudavel, chuvoso, tempestuoso ou mui humido, a altura do mercurio é menor.

4.º — Se em tempo bom começar o mercurio a descer, é igual de chuva ou vento: mas se o tempo for mui calmoso é ordinariamente igual de trovoadas.

5.º — E se estando o tempo chuvoso, o mercurio subir constantemente, indica proxima mudança para bom tempo.

Mas não são só estes os usos do barometro: hoje elle tem-se tornado um instrumento precioso nas mãos do physico e do geografo, e suas applicações são mui extensas. Com elle se calcula a pressão da atmosfera sobre uma superficie dada: sua expressão é o peso d'uma columna de mercurio, que tenha por base

a superficie, e por altura a da columna barometrica. Serve para determinar a força elastica dos gazes debaixo de pressões menores que a da atmosphera; para provar o vazio da machina pneumática, ou demonstrar a quantidade d'ar, que fica, depois d'um vazio qualquer.

Serve tambem o barometro para medir as alturas, e com tal exactidão, que o erro nas maiores pode quando muito ser de 2 ou 3 covados; e dá por consequente a altura d'um lugar qualquer acima do nivel do mar, com tanto que haja uma serie d'observações, feitas com cuidado, para com os seus dados se usar da formula, demonstrada pelo sabio auctor do codigo das leis do Céu—Mr. Laplace.

O Geographo em fim pode tirar do barometro mui grande utilidade. A longitude e latitude dão as posições dos pontos na superficie do nosso globo; mas como elle é um espheroides irregular, precisa-se tambem saber quanto esses pontos estão acima, ou abaixo, da superficie do mar; o que pôde indicar o barometro. Para o que seria preciso fazer em cada logar uma serie de observações do barometro e thermometro, durante muitos annos, empregando-os bem feitos e comparaveis, para deduzir a temperatura e altura medias do mercurio. — Um igual trabalho, que podia facilmente, como diz o insigne Mr. Biot estender-se a toda a Europa, daria nesta parte do globo a mais bella um nivelamento completo, e muito mais extenso, que o que dão as linhas trigonometricas; indicaria perfeitamente a direcção das cadeias de montanhas, e a inclinação dos rios; e, melhor que simples descrições, faria sentir por toda a parte a forma do terreno. A geographia physica, mui pouco cultivada entre nós tiraria pois d'ahi sem duvida uma grande utilidade.

A sensibilidade ás pequenas variações d'atmosphera, a destruição da acção capilar de tubo barometrico, a corres-

pondencia constante da superficie exterior do mercurio ao zero do tubo, e a facilidade do transporte, sem perigo de se quebrar o tubo, tem sido outros tantos motivos, que tem atrahido em diversas épochas as attensões dos philosophos, para modificarem d'infinitas maneiras a forma dos barometros. D'entre todos o mais simples é o chamado de — *tina*; e os mais notaveis são os — de *riagem* e de *syphão* de *Gay-Lussac*, o de *Fortin*, que o tornou portatil e de nivel constante; e o de *quadrante*. — Neste ultimo um pequeno cursor na superficie exterior do mercurio, estando preso a um *fil*, que passando por cima d'uma roldana, se equilibra com outro peso suspenso ao mesmo; se eleva ou abaixa com o mercurio, fazendo mover a roldana, á qual vai presa uma agulha, que n'um circulo graduado marca sensivelmente os mais pequenos movimentos. Este seria de todos o mais sensivel, a não ser a inexactidão dependente dos atritos, e de que o peso d'agulha não é o mesmo nos diversos quadrantes.

(Continuar-se-ha)

L. Albano.

(I. D.)

EUGENIO SUE

E OS

MYSTERIOS DE PARIZ.

Quando um livro, ao sair debaixo da penna de seu escriptor, corre por toda a parte, é por todos lido e tem uma voga extraordinaria, nem sempre se segue que é uma obra prima, que arrostará o olvido dos seculos: do mesmo modo que ás vezes um livro ao principio ignorado e sem nome vem a ser para as gerações futuras um dos melhores monumentos do seculo, em que fôra escripto, e a gloria de um genio, que só no tumulo pôde alcançar justiça dos homems. *Shakspeare* hoje como dramatico

immensamente superior a *Voltaire* só foi conhecido na Europa depois que o poeta francez elogiou o seu merito, e só verdadeiramente avaliado, depois que entre as ruinas de uma eschola mais moderna do que a sua os poetas da Alemanha arvoraram de novo o pendão do *romantismo*. O *Paraiso Perdido* de *Milton*, que hoje entra no numero das grandes obras da litteratura europea, foi despresado em vida do poeta, ao passo que a Inglaterra festejava com ardor a sua *Iconoclasta*, que hoje só é conhecida pelo nome de seu auctor.

Quando um homem dá um passo agigantado no caminho do pensamento humano, e apresenta ao mundo o que a maior parte d'esse mundo não pôde comprehender, é preciso renunciar aos louros do seu tempo, para receber os louros sinceros e immarcesciveis da posteridade; em quanto que aquelle, que escreve para agradar ao paladar de seus contemporaneos, troca todo um futuro de gloria duradoura pelas palmas ephemerias de um triumpho momentaneo. E é com muita razão que diz *Labruyere* — « Aquelle que só escreve para os homens do seu seculo, cuida mais em si do que nos seus escriptos. »

Uma obra litteraria ali avulta hoje, que mais do que todas as contemporaneas tem percorrido a Europa — Os *Mysterios de Pariz* de *Eugenio Sue*. Não queremos dizer com o que acima escrevemos que esta obra será bem depressa esquecida, como a *Iconoclasta* de *Milton*, e que nos devamos abster de proferir sobre ella um juizo em differencia ao juizo, que d'ella farão os vindouros: seria isso querer acabar com a critica, que desgraçadamente entre nós pouco mais é do que uma palavra, mas que para a Europa é uma poderosa alavanca de aperfeiçoamento litterario. Queremos dizer que a voga, que tem tido os *Mysterios de Pariz* não é signal caracteristico de um merito sem igual, nem da sua superioridade sobre todas as obras modernas de genero semelhante com ue-

nos fama e nomeada. Os *Mysterios de Pariz* tem defeitos, como hão-de te-los sempre as obras dos homens, ainda as mais perfectas; um porém dos seus principaes defeitos na parte philosophica será talvez o pertencer ao numero d'aquellas obras, que tem só um merito de circumstancia: dizemos na parte philosophica, porque em quanto ao que é imaginação Os *Mysterios de Pariz* são um romance, ou antes um encadeamento de romances, aonde se encontram scenas verdadeiramente bem escriptas, principalmente aquellas, em que avulta a naturalidade e a verdade, regra essencial e eterna de todas as obras de arte.

Quando uma qualquer d'estas obras de imaginação, não é feita com um fim, podemos applicar a sentença do auctor latino — *stulta est gloria*. Na antiga eschola litteraria já as tragedias nos faziam interessar pelo ideal da virtude, e as comedias pintavam o ridiculo dos homens e serviam para corrigir os costumes. Mas é principalmente á eschola litteraria moderna que cabe a gloria de fazer da litteratura um meio e não um fim, — um meio de aperfeiçoamento moral. Nem sempre todavia os modernos tem seguido esta regra, e muitas vezes infelizmente são prejudiciaes os fins, que o auctor da obra teve em vista, como o pensamento de *Goethe* no seu *Werther*, que parece pertender sanctificar o suicidio. *Eugenio Sue* nos seus *Mysterios de Pariz* tem por fim um pensamento novo, — o de mostrar os vicios não só dos homens considerados abstractamente, mas especialmente os vicios da nossa sociedade actual, e a maneira de remedial-os. É nesta segunda parte, na parte philosophica da sua obra que a critica tem de impugnar o auctor dos *Mysterios*.

Eugenio Sue descobriu um novo caminho, coube-lhe essa gloria sempre grande, mas não tirou todas as vantagens da sua nova posição, não nos apresentou o que o raciocinio lá lhe devia mostrar, não tirou dos factos a philosophia, que elles encerram. *Eugenio Sue* conduz nos

atravez dos horrores da corrupção do nosso seculo, mostra-nos um grande numero de crimes, de attentados tenebrosos, de desgraças as mais terriveis e pungentes, filhas da organisação da nossa sociedade, conduz-nos ao meio de gerações infectas, que se revolvem no lodo das cidades esmagadas pelo carro duro e sem piedade da nossa civilisação imperfeita: *Eugenio Sue* procura as causas de todos estes diversos acontecimentos, e pretende dar-lhes remedio. Mas o que *Eugenio Sue* parece não ter considerado é que no mundo social bem como no mundo moral e no mundo material, ha sempre uma causa unica para um grande numero de acontecimentos, que esses acontecimentos estão ligades por uma lei constante, que é necessario passar da analyse dos phenomenos á lei, que os rege e d'ahi á sua causa: *Eugenio Sue* parece não lembrar-se de que em quanto se não obviar á causa, os effeitos hão-de sempre ter logar debaixo de qualquer forma; que se os remedios que propoe fariam cessar alguns dos terriveis males, que a nossa sociedade nos mostra a cada passo, o mal apparecerá eternamente, em quanto não for cortado pela raiz, em quanto não for analysada, conhecida e derribada a sua causa. Os males, que *Eugenio Sue* procura remediar não se remedeiam por certo pela abolição da pena de morte, pela lei do divorcio, ou por não sei que outras leis, que viriam augmentar o labyrintho das que já existem. Grande parte dos terriveis males, de que nos vemos cercados, provem da organisação da nossa sociedade, e só se poderá obviar a elles, reconstruindo esta até os alicerces, e ordenando de differente maneira todos os seus elementos. É isto o que para as gerações futuras será um axioma, e é por esta razão que lhes não agradará a philosophia de *Eugenio Sue*. A pena de morte é por certo abominavel, é um monumento da antiga barbaridade no meio da civilisação moderna; mas desgraçadamente muitos outros monu-

mentos barbaros ainda por ahí restam, e de tal modo ligados que só cada um deixará de perseguir nos, quando todos desabarem em ruinas. Será muito bom o systema penitencial de *Eugenio Sue*, mas só poderá admittir-se, quando todos poderem supporta-lo, quando as outras instituições sociaes com elle estiverem de accordo. Na sociedade actual existem homens, que de homens não teem mais que a figura, esses filhos da prostituição e do crime, que se revolvem no meio das immundicies asquerosas da miseria e do vicio, que não teem uma idéa de moral, nem differenciam-o justo do injusto, e que as circumstancias impellem irremessivelmente para a vereda do vicio e da perversidade, como se aquella fosse a vida habitual da especie humana. Como pôde um homem d'estes ter a consciencia de seus crimes? E por consequencia como pôde arrepende-se d'elles depois de cego? Como pôde tornar-se ainda proveitoso á sociedade? Como pôde viver na atmospherá da razão e da virtude, quem passou a vida toda respirando continuamente em uma atmospherá infecta de instinctos brutaes e vicios ignobeis?—O remedio para esta calamidade espantosa das nossas épocas não é arrancar os olhos a um d'estes homens, e arremeça-lo para o mundo com uma bolsa d'ouro na mão, o remedio não é só fechar este homem n'uma prisão solitaria. O remedio para livrar a sociedade d'esta raça de barbaros selvagens, que se agitam na miseria das cidades, é fazer desapparecer essa miseria, é fazer penetrar a luz da sciencia, da moral e da religião nessa atmospherá de vicios, é chamar essas gerações de miseria, que se revolvem no crime para o ar livre da sociedade, onde se gosam direitos, e onde se cumprem obrigações.

(Continuar-se-ha.)

Antonio de Serpa.

(J. D.)

TRADUÇÕES INTERLINEARES.

Se em toda a parte os methodos de ensino são considerados como um dos principaes instrumentos de aperfeiçoamento litterario, especialmente no que é de instrucção primaria e secundaria; entre nós que esta se acha por ora limitada a estudos classicos, não poderá ser indifferente qualquer melhoramento naquelle genero; consumindo a mocidade pelos methodos geralmente seguidos grande parte do tempo em estudo de linguas antigas. Pareceu-nos por isso de algum interesse trasladar de um jornal estrangeiro muito acreditado para a nossa Revista um methodo especial de ensino sancionado pela practica.

Em Julho de 1832 comecei a ensinar trez rapazes quasi igualmente ignorantes da lingua latina. Um d'elles nunca tinha lido uma só palavra; os outros alguma coisa tinham lido de grammatica. Immediatamente lhes puz nas mãos as fabulas de Phædro com traducção *interlinear*, a gramatica Latina Londinense, e as Raizes da lingua latina de Hall. Aprendiam cada dia uma fabula, uma porção de grammatica e uma pagina de *Raizes*. A 6 d'outubro tinham acabado Phædro e começado a ler Cæsar—Invasão Britanica—com a traducção *interlinear*; e ao mesmo tempo segunda leitura de Phædro sem entrelinhas. Durante este tempo faziam exercicios escriptos de substantivos declinados; de substantivos e adjectivos conjunctamente e conjugações de verbos em todos os tempos. Caminharam por Cæsar com muita facilidade; e a 3 de novembro passaram á *selecção de Methamorphoses de Ovidio* com traducção *interlinear*; no que se occuparam até o Natal. Por este tempo tinham acabado toda a grammatica e syntaxe (escripta em Inglez, traducção de grammatica d'Eton) e es-

tavam em termos de dar explicação das mais das palavras de suas lições; e adi-
antados em *raizes*.

Depois dos dias sanctos continuáram com Ovidio e regencia grammatical: o depois de acabarem 2.^a vez a syntaxe começaram com a prosodia, e sua applicação ao exame do livro, que aprendiam. Acabada a leitura de Ovidio, repetiram-no *sem traducção*, occupou-os este trabalho até principio do anno, e então lhes dei Cæsar *sem traducção*. Lêram doze capitulos do L.^o 1.^o continuando de quando em quando com Ovidio para refrescar a memoria, e a exercitarem-se na regencia. Por todo este semestre continuaram a repetir as *raizes latinas* de Hall, exercicios grammaticaes e regencia todos os dias. Os exercicios, escriptos eram a 1.^a parte dos de *Ellis* traducção ingleza de Cæsar e regencia.

O 3.^o semestre começou com a historia de Cæsar do principio do L.^o 1.^o, e no mez de novembro tinham acabado todo aquelle livro sem ajuda de *traducção*. Em setembro começaram a ler o 1.^o L.^o das Eneidas de Virgilio com *traducção interlinear*, e acompanhada a lição da regencia, e analyse grammatical; e antes dos dias sanctos tinham acabado o livro, e já repetido 2.^a vez mais de amate, como preparo para exame. Neste semestre os exercicios escriptos consistiram na 2.^a parte de *Ellis*, traducção e regencia escriptas. A repetição da grammatica fez uma parte do trabalho diario. Alguns trabalhos fizeram de versificação e sem nenhum encômodo.

Depois dos dias sanctos continuaram com o 2.^o L.^o de Virgilio, dispensando o auxilio da *traducção*.

Agora estão em termos de traduzir exactamente todo o 1.^o L.^o das Eneidas; e 1.^o L.^o dos commentarios de Cæsar, apresentar a conjugação perfeita de qualquer verbo; genero e declinação de nomes; e construcções grammaticaes das mais e menos usadas; podem medir e dar as regras de qualquer verso do 1.^o L.^o das Eneidas; responder a perguntas

mythologicas, geographicas e historicas concernentes áquelle livro e a Caesar; e escrever com muito poucos erros dez ou doze sentenças de *Ellis*, P.º 2.º, de improviso, sem que antes as tivessem estudado. Tudo isto é o resultado do trabalho de anno e meio sem mais que o cuidado da attenção d'uma pessoa, dividida por dezoito alumnos de oito a dezeseite annos: e devo acrescentar que durante este tempo tem estudado outros ramos de uma educação liberal; taes como escrever, contar, geographia, francez &c.

Acrescentarei que foram examinados por pessoa competente com o resto dos discipulos antes das ferias; e dar-me-hei por feliz em serem examinados por qualquer dos nossos amigos que desejar convencer-se da practica do methodo exposto.»

(*The Quartely Journ. of Education* N.º 14).

M.

RESIGNAÇÃO.

Como á flôr que o sol murchára
Da noite pede a frescura,
Como o nauta pede as ondas
A patria que em vão procura,
Como a mãe implora o filho
Que caiu na sepultura.

Como a alma compungida
Pede ao triste a solidão,
Como o poeta amoroso
Pede á lyra uma canção,
Como pede a hora da tarde
Um gemido ao coração.

Assim em meus tristes sonhos
Minha alma por tí anhela! . .
Porque escutar-me não queres?
Porque me foges donzella?!
Embora! . . que eu possa ao menos
Ao Senhor orar por ella.

(J. D.)

LIVRARIA CLASSICA PORTUGUEZA.

O Digno socio d'este Instituto, o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, e seu irmão, o Sr. José Feliciano de Castilho acabam de annunciar uma sua publicação do maior interesse para o estudo da lingua portugueza: é uma escolha do que de mais mimoso e perfeito se encontra em nossos poetas e prosadores classicos; acompanhando a colleção dos escriptos de cada auctor, a sua biographia, e o juizo critico de suas obras, sob o titulo de — *Livraria Classica Portugueza*.

Temos a maior fé no bom gosto de tão entendidos conhecedores; e esperamos que a facil leitura d'esta obra, que periodicamente irá saindo, e cujo modico preço faculta o seu conhecimento a todas as classes da sociedade, dê um poderoso impulso á regeneração e pureza do nosso elegante idioma portuguez; que tanto perigo vai correndo, degenerado, e envilecido, como anda, pelas mãos de tantos, até n'isto, homicidas villões ruins de nossa nacionalidade.

J. F. de Serpa.

ESTUDANTES DE BELLAS ARTES EM ROMA

D'uma statistica dos artistas nativos e estrangeiros que estão actualmente estudando e praticando em Roma se collige que o numero dos italianos é 542, fora os 2000 que trabalham no mosaico; o dos allemães 158, inglezes 35, francezes 25, dinamarquezes 31, russos 17, succos e noruegos 15, húngaros 11, polacos 7, belgas 10, hollandezes 5, hespanhoes 15, portuguezes 7, e americanos 14; e que dos estrangeiros se applicam 300 á pintura, 58 á esculptura, 39 á architectura, e 7 á gravura.

APPENSO AO N.º 8 DA REVISTA

ACADEMICA.

A discussão (1) que vai suscitando o artigo sobre magnetismo animal publicado no n.º 5.º da Revista Academica exige que a Sociedade Editora d'este jornal faça uma declaração, — a primeira e a ultima a semelhante respeito.

Todos os artigos, que occupam as columnas da *Revista Academica*, exceptuando os que veem da parte do *Instituto de Litteratura, e Arte Dramatica*, são previamente examinados e approvados por uma *Commissão Redactora*, seja qual for o credito de seus auctores; e o programma d'esta Commissão é desterrar do Jornal tudo quanto forem polemicas menos scientificas que pessoas, doutrinas perigosas em moral, questões que tenham a mais leve referencia ás crencas politicas de nossos concidadãos, ou quaesquer objectos, que possam porventura arriscar o credito do Jornal.

Vê-se pois, que a *Redacção* coherente, como tem sido, com este programma, e como sem duvida o será sempre, mau grado quaesquer pertencões, partam donde partirem, se tivesse a menor suspeita de que o *Sr. Macedo Pinto* não referia com exactidão as suas experiencias, havia de recusar publicá-las, porque receria de enganar o publico auctorizando factos não verdadeiros.

A *Redacção* porém, bem como toda a sociedade faltaria á missão do Jornal, se acaso não desse logar a que *scientificamente* se tractasse materia tão importante, e que tanto occupa hoje as attentões dos Physiologistas.

A *Redacção* sabia quanto os Jornaes scientificos estrangeiros se occupam hoje em registar factos, e observações, quanta pressa se dão em apresentar as differentes theorias, que d'essas observações teem deduzido sabios abalisados; e apesar de conhecer a microscopica figura que occupa a *Revista* entre os

(1) Art.º 4296, 4350, e 4371 da Revista Universal Lisbonense.

Jornaes que a tal assumpto se dedicam, esperava que os excerptos d'esses Jornaes, que neste numero se transcrevem, não fossem de tal modo *ignorados* por quem entra em discussões d'esta natureza, que fosse taxada de *leviandade* a publicação dos trabalhos de um Portuguez, e a exposição das suas experiências, observações e theoria, quando em França e Inglaterra se cuida do mesmo.

Felizmente factos não faltam, e as columnas da Revista mui bastos os apresentam; ignoral-os, nem pela mente dos Redactores podia passar como cousa possivel para quem habita Coimbra, e que se os não observou, foi porque não quiz.

A *Sociedade Editora da Revista Academica*, composta pela maior parte d'esses *estudantes amigos do Sr. Macedo Pinto*, que o rogaram, instaram mas não obrigaram (como se diz em um artigo publicadô na Revista Universal) a publicar as suas prelecções, convidou-o para Collaborador porque reconheceu o seu merito e talentos, e o Sr. Macedo não se esquivou a coadjuvar a empreza que a Sociedade havia tomado a peito, nem recusou dar valioso contingente a um Jornal no começo da sua carreira.

O Sr. Macedo pelas determinações da Faculdade de Medicina (1) dava então publicas lições de *Physiologia experimental*, e então fez o que deve fazer todo o homem amante do progresso das sciencias, consultou os factos, não decidiu *ex cathedra*. E da observação dos factos deduziu uma theoria, que submetteu ao criterio dos entendidos.

Estes seus trabalhos como parte das suas Prelecções foram publicados na *Revista*, o Sr. Macedo quiz desafiar uma discussão *scientifica*; a *Redacção da Revista* de muito bom grado franqueou as columnas do seu Jornal para servirem de campo (2).

(1) A Faculdade de Medicina incumbira ao Sr. Macedo o fazer Prelecções pelo despacho do theor seguinte = *Physiologia experimental* — Em conselho da Faculdade de Medicina de 20 de Fevereiro de 1843 — Campos P. — Não havendo por tanto programma algum, à vista do despacho, basta o compendio da aula de Physiologia pelo Sr. J. José de Mello para decidir a questão de nelle se comprehender ou não — o *Magnetismo animal*. —

(2) Temos a palavra d'honra do Sr. Macedo, que entre elle e o Sr. R. de Gusmão não houve colloquio sobre o seu artigo, se não em casa de um dos nossos

Nisto trabalhava em prol do progresso das sciencias, e nunca cuidou que em vez de impugnação seria e *scientificamente* apparecessem periodos fundados em simples negações, tendentes a menoscabar pessoas e jornal, e que a isso se chamasse artigos.

Mas o juiz competente é o publico, e para lhe dar uma satisfação é que a *Sociedade Editora* faz a presente declaração, á qual, por não ser objecto puramente scientifico, o programma da Redacção da Revista Academica não podia conceder logar nas columnas do Jornal.

D'este modo afastamos toda a idea de resposta *pessoal*, porque nunca desceremos a tal.

Coimbra em sessão de 25 de Junho de 1845

Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abru,

Joaquim Augusto Simões de Carvalho,

Manoel Maria da Silva Bruschy,

Pedro Nunes Leal,

João de Lemos Seixas Castello-Branco,

Isidoro Emilio Baptista,

José Vicente Barbosa du Bocage,

Sebastião Frederico Rodrigues - Leal.

Ao entrar no prelo esta nossa declaração, recebemos uma carta do Sr. Alexandre de Moraes, a qual por falta de espaço não podemos publicar.

O Sr. A. de Moraes estranha ao Sr. Gusmão o ter-se servido d'elle para argumento contra o Sr. Macedo Pinto, quando das suas expressões não podia tirar-se illação alguma contraria antes favoravel á realidade dos factos magneticos occorridos em Coimbra.

Convida o Sr. Gusmão a deixar-lhe o nome em repouso, e aconsellia-o a apresentar só os factos por si mesmo observados.

Socios o Sr. Simões de Carvalho, e alli não fallou em que tivesse modificado as suas idéas, mas só respondeu ao Sr. R. de Gusmão que estava prompto a entrar em polemica puramente scientifica porque reconhecia que o objecto admittia contestação.

ANNUNCIOS.

No N.º 12 termina a 1.ª serie da Revista Academica, a 2.ª começará a publicar-se no sabbado immediato a 15 de setembro proximo, e continuará saindo cada numero regularmente aos sabbados de 15 em 15 dias. Assigna-se em Coimbra no escriptorio da Redacção no theatro de S. Paulo, e nas lojas da imprensa da Universidade, Dardalhon, Mesquita, em Lisboa na da V. Henriques, e no Porto na de Moré.

As pessoas das outras terras que pertenderem assignar pôdem fazê-lo em caza dos correspondentes da Sociedade, que são os Ill^{mos} Srs.

Pedro de Sousa Guedes Aguiar. em *Guimarães*.

P.º João de Sousa Guimarães. . . . *Barcellos*.

Joaquim João Judice. *Alagoa no Algarve*.

Christovão José d'Oliveira. *Madeira*.

Naquellas terras onde por não haver ainda numero sufficiente d'assignaturas, a Sociedade não tem correspondentes as pessoas que quizerem assignar pôdem dirigir-se directamente á Redacção em Coimbra.

Preço d'assignatura por 12 n.º 720 r.º.

A vulso 80 r.º.

A correspondencia será dirigida franca de porte á Redacção da Revista Academica.

Aos Srs. Assignantes, os quaes não participarem que não querem continuar a se-lo, serão remettidos regularmente os numeros da 2.ª Serie. Aquelles, que tiverem deixado de receber algum N.º da 1.ª serie, queiram participa-lo para serem indemnizados, e para de futuro se prevenirem iguaes faltas.

De toda a publicação litteraria, ou scientifica, de que se remetter um exemplar á Redacção, far-se-ha menção nas columnas do jornal acompanhada de um juizo critico.

(J. D.)

BIBLIOGRAFIA ABBREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

O manuscrito, que vamos publicar foi offerecido ao Instituto Dramatico pelo insigne litterato portuguez, e nosso illustre consocio, o Sr. Agostinho Mendonça Falcão. Já na *Chronica Litteraria* começou de inserir-se uma diminuta parte de obra tão acabada. O Instituto renova hoje o testemunho do alto apreço em que tem o A. e o manuscrito, apresentando-o entre as suas publicações.

Propozéira-se o A. dividir a obra em seis partes.

A 1.^a sob o nome de—Historias geraes—tracta-se dos AA. que escreveram a historia de Portugal, sem relação a algum reinado particular.

A 2.^a dos que escreveram da chorographia d'este reino, e topographia e historias particulares de suas cidades e villas, e das antiguidades da Lusitania, das moedas, e medalhas.

A 3.^a dos que escreveram a historia dos Soberanos portuguezes, pela ordem dos reinados.

A 4.^a dos escriptores da historia dos descobrimentos, e conquistas dos Portuguezes na Asia, Africa, e America.

A 5.^a dos escriptores da historia ecclesiastica de Portugal.

A 6.^a contém o catalogo dos AA. estrangeiros, que escreveram das nossas consas.

Pêza-nos que o A. não concluisse as ultimas duas partes, por cujo complemento ainda aguardamos. E recomendamos a leitura das outras aos que desejarem instruir-se no estudo de nossa historia, que este precioso trabalho muito facilita.

PARTE PRIMEIRA.

Dos Escriptores da Historia Portugueza em geral, naturaes de Portugal, ou suas conquistas.

I.

Ruy de Pina, natural da cidade da Guarda, chronista mór do reino e guarda-mór da Torre do Tombo, secretario de duas embaixadas, uma a Castella, outra a Roma, no reinado de D. João II, foi nomeado por este Monarcha por morte do chronista Gomes Eanes d'Azurara, para continuar as chronicas do reino, e mandado a Barcelona para compor as differenças, que se tinham suscitado com os reis catholicos Fernando, e Isabel sobre os descobrimentos do novo Mundo.

El-rei D. Manoel não só conservou a Ruy de Pina estes empregos, mas lhe fez varias mercês, como se póde ver na Bibliotheca Lusitana do incançavel Abbade Diogo Barbosa Machado. Escreveu—Chronicas dos reis de Portugal.

Ha questões entre os nossos Bibliographos sobre o numero das chronicas, que escrevem Ruy de Pina. A opinião geral é que escrevem a chronica dos reinados de D. Sancho I inclusive até D. Manoel, até á tomada de Azamor, pelo duqué D. Jaime em 1514; esta é a opinião do auctor da Bibliotheca Lusitana. Damião de Goes na quarta parte da chronica de D. Manoel capitulo 38. diz: que Ruy de Pina, o que fizera foi acabar a chronica do sr. D. Affonso V começada por Gomes Eanes d'Azurara, fazer toda a do sr. D. João II, e parte da do sr. D. Manoel até o anno de 1514. O Padre José Pereira Baião, no prologo da chronica de D. Pedro, por Fernão Lopes, que deu á luz, diz: que escusando-se Duarte Galvão ao sr. D. Manoel de continuar na composição das chronicas dos reis d'este reino, dos quaes só tinha feito a do sr. D. Affonso Henriques, se lhe offerecera Ruy de Pina, para as fazer, e que accitando-

Ihe a offerta: por este motivo escrevera a dos senhores D. Sancho I, D. Affonso II, D. Sancho II, D. Affonso III, D. Diniz, e D. Affonso IV, que eram as que tinham perdido de Fernão Lopes.

Quando tractar da Bibliographia de cada Monarcha em particular apontarei as edições de cada uma das chronicas d'este escriptor.

II

Christovão Rodrigues Azinheiro nasceu em Evora em 1474; exerceu a occupação de Advogado na sua patria por muitos annos. Deu-se muito particularmente ao estudo da historia portugueza revolvendo todas as chronicas que corriam no seu tempo escriptas nos 300 annos antes d'elle, segundo diz Fr. Mancel dos Santos—*Monarchia Lusitana* p. 8. L. 22. Cap. 4.^o—das quaes extrahiu com summa diligencia as principaes noticias, e acções dos nossos Soberanos desde o conde D. Henrique até D. João III.—É duvidoso se este summario ou extracto se imprimiu.

O Padre Fonseca na Evora Douta segue que sim. Nega-o com fracos fundamentos o auctor da Bibliotheca Lusitana, sendo a opinião recebida que este summario é o mesmo, que se imprimiu com o seguinte titulo—

Summario das Chronicas dos Reis de Portugal, revisito e acrescentado, e em parte emendado nesta 2.^a impressão (não ha memoria da primeira) em que foi apurado pelas proprias chronicas, em o qual se contém muitas cousas dignas de memoria, e feitos heroicos dos mesmos Reis.

Coimbra 1570—4.^o

III.

Fernando de Goes Loureiro, natural de Lisboa, foi moço da Camara de D. Sebastião a quem acompanhou na infeliz expedição d'África de cuja morte foi testemunha ocular, como elle mesmo

affirma em tratado particular que escreveu d'esta jornada. Restituindo-se ao reino ordenou-se Presbytero, e foi Abade de Soalhães do Bispado do Porto.—Passando a Roma ali assistiu muito tempo e pôr ser muito instruido na historia portugueza, escreveu, e dedicou ao Duque de Mantua—

Breve summa y relacion de las vidas y hechos de los Reis de Portugal, y cosas succedidas em aquel reino desde su principio hasta el año de 1595.

Mantua 1596.—4.^o

IV.

Fr. José Teixeira, natural de Lisboa, onde nasceu em 1543. Professou o Instituto de S. Domingos. Foi acerrimo defensor do partido de D. Antonio, Prior do Crato, que tanto forcejou por se fazer declarar rei de Portugal, o nunca o largou, acompanhando-o á Franca quando foi pedir socorro á rainha Catherina de Medicis, e á Inglaterra em outra semelhante jornada que D. Antonio alli fez, para vêr se da rainha Isabel obtinha auxilio sufficiente para se oppor a Philippe II. Soube em Franca ganhar tanta affeição da rainha, e de Henrique III, que o fizeram seu prégador, e conselheiro, recebendo igual favor de Henrique IV.

Foi assás instruido na genealogia, e historia portugueza, bem como nas linguas latina, italiana, e franceza. Defendeu vigorosamente de palavra, e por escripto o direito que D. Antonio pretendia ter á corôa d'este reino. Compoz *Arbor Geneologica Regum Portugallia. Parisii 1582—4.^o*

Contra esta obra escreveu o Desembargador Duarte Nunes de Leão uma severa critica impressa em Lisboa em 1585 em 4.^o com o titulo—*Censura in libellum de Regum Portugallia origine,* etc.—á qual respondeu Fr. José Teixeira, publicando a obra seguinte:

Confutatio nugarum Duardi Nonis Leonis Jurisconsulti Lusitani, et aliorum qui Portugalliae Regnum Philippo Castellae Rege jure heriditario obvenisse contendunt, et Antonii veri Portugalliae Regis jus vellicare excerpta ex anticrisi Josephi Texeria.

Ticini 1594.—8.º

Neste, e em outros tratados sustentada, que o reino pertencia não a Filipe II, mas a D. Antonio pelo direito da eleição que o povo d'elle fizera em Santarem.

V.

Duarte Nunes de Leão nasceu na cidade d'Evora, estudou direito civil na universidade de Coimbra acompanhando este estudo de outros conhecimentos de litteratura, em que foi insigne: foi Desembargador da casa da Supplicação; occupação que o não impediu de publicar varias obras excellentes. Nas horas vagas do seu ministerio applicou-se a reformar, e reduzir a melhor forma as chronicas dos nossos reis, reputando alguns factos menos verdadeiros, e estabelecendo outros de que se duvidava. Falleceu em 1608. Além das obras que compoz—da collecção das leis extra vagantes por mandado d'el-rei D. Sebastião, origem e orthographia da lingua portugueza, censura do livro de Fr. José Teixeira, descripção de Portugal, e outras, escreveu para instrucção do Principe D. Filipe de Castella. —

Genealogia verdadeira dos Reis de Portugal com sus Elogios y sumario de sus vidas.

Lisboa 1590. e 1608.—8.º

Esta obra é traducção da que escreveu contra a de Fr. José Teixeira. É resumo, e semelhante aos elogios de Fr. Bernardo de Brito, e do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Começa no conde Henrique e chega até Filipe II. Escreveu mais —

Chronicas dos Reis de Portugal—primeira parte. Lisboa 1600—folio, um volume. Saiu segunda vez, Lisboa 1677—folio: terceira Lisboa 1774 —dous volumes em quarto.

Estas chronicas comecam na fundação de Portugal, e acabam em el-rei D. Fernando. Escreveu mais

Chronicas d'el-rei D. João de gloriosa memoria, o primeiro d'este nome, e dos reis de Portugal o decimo, e a dos reis D. Duarte, e D. Alfonso V. Lisboa 1645—fol.

O Arcebispo de Lisboa D. Rodrigo da Cunha é quem dizem que mandou fazer esta edição, a que se acrescentou o Auto de levantamento d'el-rei D. João IV, e juramento que lhe prestaram os tres Estados, e ao Principe D. Theodosio seu filho. Saiu segunda vez em Lisboa—dous tomos em quarto (ou em 1760.)

VI.

Pedro de Mariz, natural da cidade de Coimbra. Viveu nos reinados dos Filippes: foi Presbytero, Bacharel em Canones, Guarda-mór da livraria da Universidade de Coimãra, corrector da sua impressão, e Provedor perpetuo do hospital da villa da Castanheira. Teve muitos conhecimentos da historia geral e particular d'este reino, e como tal é elogiado por varios escriptores, que cita o auctor da Bibliotheca Lusitana. Escreveu

Dialogos de varia historia, em que summariamente se referem varias cousas antigas de Hespanha, e todas as mais notaveis que em Portugal aconteceram, com os retratos de seus reis. Coimbra, 1594, em folio, e 1597, quarto; e Lisboa, 1749, com o acrescentamento das vidas dos reis D. Alfonso VI, D. Pedro II, D. João V. por Fr. Francisco Xavier dos Serafins Pittorra Xabregano.

Ha outra edição de 1674, em quarto, que tenho da officina Crasbeekiana. É compendio, e a primeira historia, que houve impressa dos monarchas d'este reino. Parece-me ser o melhor resumo que temos da historia de Portugal, e o mais proprio para se darem as primeiras lições elementares d'ella aos meninos.

(Continuar-se-ha.)

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 76.)

II.

O nascer e o morrer d'um dia formoso; a profecia do sol e o seu derradeiro adeus; o ensaiar dos canticos das aves, e o desfallecer d'esses canticos, que passam e morrem nas tranças da floresta; as aguas, que reflectem o raio que se alevanta; as aguas, que reflectem o raio, que se deita; os échos, que despertam; os échos, que adormecem; a treva, que se adelgaça e a treva, que se condensa; o crepusculo da manhã e o crepusculo da tarde, são duas horas gemeas nos encantos, na suavidade, na doçura, nas inspirações.

Elysa, será um erro, uma superstição talvez, mas eu creio que todo o pensamento nobre, grande, generoso, sublime, que tem brotado da cabeça do homem, n'uma d'estas duas horas é que foi concebido.

Quando o homem, á luz duvidosa da manhã ou da tarde, se assenta no visio d'um monte, na alcatifa d'um valle, na margem d'um rio, no limiar d'uma porta, e d'alli, pairando com a vista entre a terra e o céu, abrange todos os objectos sem se fixar em um só; ouve

todos os sons sem escolher um só; sente todas as sensações sem definir uma só; quando o coração, enfeitado nestas horas pelo incerto da luz, dos objectos, dos sons, e das sensações, parece embalar-se no peito e adormecer, oh! então, Elysa, então é que o homem conversa com a Divindade, então os ouvidos da creatura ouvem as palavras do Creador!

É por uma donosa madrugada que eu agora escrevo no teu livro, Elysa: é ella que do seu throno de verdura me está dictando este capitulo; — que não possa transportar eu para estas paginas essa pagina tão bella do livro do Eterno! Ainda o sol não desengastou das ondas o seu rosto em braza; uma luz froxa, cristalina, mimosa, perfumada espaa-se, como um regato, por sobre toda a natureza, enroscá-se á volta de todos os seres alastrando de esmeraldas a terra e de saphiras o céu; aquelle murmurar monotonico, pesado, e enfadonho do dia ainda se não escuta; e as brizas folheando na selva levam de cada folha um som, e lá nas alturas compoem um hymno para Deus!

Elysa, deixa que os ricos da fortuna e os poderosos da terra nasçam, vivam, e morram sem nunca terem visto a face da madrugada; fatigou-os a noite no bulicio dos saraus e das orgias, deitaram-se quando o dia se alevantava; deixa que elles ignorem, que elles não gosem o brilho suavissimo da mais rica perola do diadema do mundo, deixa-os, e vem tu comigo assistir em espirito á festa de todos os dias, ao desabrochar da madrugada:

Ei-la trajando verdes,
A linda mãe dos amores,
Com seus volateis cantores
Pelos campos a folgar;
Ei-la folgando na mata,
Que nas aguas se retrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

Salve, rainha formosa !
Festeja-te o lirio, a rosa,
Dos jardins a mariposa,
Do trovador a canção;
Festeja-te a pastorinha,
Que nas côres te a divinha
Um pensamento, que tinha,
Que tinha no coração.

D'aldea o sino te chama,
E o moço, que deixa a cama
Porque vai ver a quem ama
Ao pé da encosta d'alem;
Suspiram-te sempre os montes,
Abraçam-te os horisontes,
Choram-te rios e fontes,
Nas fontes d'amor, que teem.

Bem diz-te o velho, e ensina
A' neta, que é pequenina,
Rezas sanctas da divina
Crença, que tem no Senhor;
Bem diz-te o armento balando,
Do tumilho o cheiro brando,
E'o pegureiro cantando,
Cantando maguas d'amor.

Vem, ó liada madrugada,
Vem de violetas c'roada,
Pelas brizas embalada,
Vem nestes campos folgar;
Folga nos céus, e na m'ita,
Que nas aguas se rétrata,
Nas aguas de lisa prata,
Na prata do liso mar.

Todo o mundo parece corar de puro
gôso, parece que sorri com o sorriso
da felicidade quando o primeiro albor
da manhã lhe corre com mão de jaspe
a cortina da noite; é a amante cari-
nhosa, que vai despertar d'um sonho
d'afflicção o amante adormecido com
um beijo na fronte: — Elysa, se por
cada um dos meus sonhos d'afflicção ti-
vesses de me dar um beijo, quantos bei-
jos me não devias! e cre que então não
quizera eu sonhar outros sonhos.

Mas como são cheias de galas e de
thesouros, para os olhos do corpo e para
os olhos da alma estas horas do alvore-

cer do dia! O ar que respiramos é mais
puro e embalsamado; uma harmonia
deliciosíssima desferida nas harpas dos
bosques, dos rochedos, e das aguas re-
produz-se inteira nas cordas intimas do
seio, e a poesia acode voluntaria aos
labios; é uma poesia ensinada pelos
anjós, porque só falla de Deus; é a ver-
dadeira poesia.

De todos os argumentos mais gratos
ao espirito, mais poderosos, mais
energicos para demonstrar ao homem a
existencia d'um Deus, o mais grato, o
mais poderoso, o mais energico é a
contemplação da natureza. De todas as
horas do dia as melhores e as mais
bellas para esta contemplação são as
horas do crepusculo da manhã e da
tarde: — não sei que delicioso anhelar,
que doçura saudosa anda então no pen-
samento, que nas asas da meditação
nos arrebatá para o céu, e nos desata
as cadeas mesquiinhas da vida mesqui-
nha da terra!

Os raciocinios da philosophia con-
vencem quando demonstram a realida-
de da causa primaria, mas a natureza faz
mais, depois de convencer gera o amor;
o coração não pôde deixar de amar a
origem das maravilhas, que admira. E
não sabes, Elysa, qual é a obra das mãos
de Deus, que mais me tem convencido
da sua existencia? Vais talvez dizer-
me que são esses mares a revolverem-se
noite e dia á roda dos continentes, esses
mares cujas gottas são lettras, cujas
vagas são syllabas, cujos bramidos
são palavras, que dizem—existe Deus!
Vais talvez dizer-me que são as moun-
tanhãs e os promontorios erguidos como
braços da terra apontando para o fir-
mamento! Vais talvez dizer-me que são
esses milhões de mundos luminosos gra-
vitando no espaço, e traçando no manto
azul da esphera a historia da omnipo-
tencia! enganaste! olha para o teu es-
pelho, Elysa, e lá verás a minha prova
mais bella, a minha prova mais segura
da existencia de Deus!

O' senhor quiz no teu rosto
 Quiz o impio confundir,
 Quiz dos céus todo o composto
 Num só ponto resumir;
 Nos olhos pôz-te as estrellas,
 Inda mais lindos do que ellas
 Os vejo d'amor folgir,
 Poz-te nas faces a aurora,
 Poz o sol no teu sorrir,
 E nas tranças côr d'amora
 Fez negra noite cair,
 Que o senhor quiz no teu rosto,
 Quiz dos céus todo o composto
 Num só ponto resumir.

Na verdade, Elysa, ver o teu rosto e descrever da Divindade seria o absurdo do atheismo positivo; não, não cuides que o atheismo passe dos labios; ha lá dentro do athen um sentimento, uma voz intima, uma quasi fatalidade, que, mau grado seu, o arrasta e o convence: mas que haja um só tão desgraçado, que o haja que, mercê da minha dama, lhe provarei que mente apontando-lhe para a tua face; — a minha Elysa não podia ser fructo de um acaso estúpido, a minha Elysa é a victoria do Eterno!

E que mais formosa. . . mais não, a perfeição não tem grãos, que formosa não es tu quando nestas horas da manhã ou da tarde te embeveces a meditar com a fronte encostada á mão, os olhos na immensidade, e o peito arfando brandamente, como superficie de lago ao bafejo das auras! que formosa!

Nunca viste nos teus sonhos de innocencia o teu anjo da guarda a contemplar socegado o socego da tua alma, tão pura como elle? Imagina a tua lindeza pela do teu anjo, assim como pela tua lindeza tenho imaginado a de todos os anjos!

Que formosa não es tu nessas horas!

O pagão se te vira assim na alvarada d'um dia de primavera erguia-te um altar e chamava-te *Vesta*! Cuidaria ver-te conduzindo pela mão as *Estações* e o *Amor*; veria as choréas das *Nymphas* á volta do teu carro tirado por so-

herbos leões; veria os *Ventos* adormecidos ao teu lado, e *Ceres*, *Pomona*, e *Flora* a cingirem-te a fronte com uma corôa de rainha! — o pagão erguia-te um altar e chamava-te *Vesta*.

Mas no teu templo, minha *Vesta*... minha Elysa, — enganei-me — no teu templo não seriam as donzellas romanas, que conservariam o fogo immortal, ali o sacerdocio seria todo meu, a chama immortal estava no meu coração.

Se fosse á hora da tarde que o pagão te visse, que te visse naquello estado, que suspende a alma entre o prazer e a dôr, naquello estado, que então te exorna como uma aureola mystica; que te visse como a violeta da varzea, recatada do mundo, e rica, e feliz na solidão onde reinas, se elle te vira, em vez de te chamar *Vesta*, chamava-te a *Melancholia*.

E o pagão chamava-te um bem doce nome! Fôras uma Deusa bem suave, bem mimosa ao coração: *Melancholia*! que mais feiticeira ficção tem o paganismo para te offerocer? que mais puro, mais arrobado, mais ineffavel, mais divino sentimento ha ahí na terra?

Mais que o prazer, que a alegria,
 Mais que a risonda emoção
 É mais doce ao coração
 A doce melancholia!
 Como é bello, quando o dia
 Se afoga no salso mar,
 Sobre ignota penedia
 Ir co'as vagas conversar!
 Ir sósinho suspirar
 Juncto á fontinha sonora,
 E nos prantos, que ellá chora
 Ir aprender a chorar!
 Como é bello então scismar
 N'uma scismada ventura,
 E aquelles sonhos sonhar
 Nunca fartos de ternura!
 Como a harmonia se apura
 Nas cordas da meiga dôr
 Quando a rôla da espessura
 Poisa na harpa ao trovador!
 Quando uns gemidos d'amor,
 Gemidos, que não sabia,
 Sáem da harpa, e ao redor

O echo lh'os repetia!
 Como então mais que a alegria,
 Mais que a risonha emoção
 É mais doce ao coração
 A doce melancholia!

Elysa, se o pagão te chamasse a *Melancholia* o pagão chamava-te um bem doce nome!

E as horas da melancholia são as horas da tarde.

Aquelle tibio da luz; aquelle horizonte dourado e bordado de nuvensinhas diaphanas côr da espuma dos mares; aquelle hymno immenso da terra, que se vai perdendo, perdendo ao longe por scios de cavernas; aquelle vôo da ave, que nos passa por cima da cabeça ao ir aninhar-se na roupagem da montanha; aquelle canto da zagala, que vem do prado com os seus cordeirinhos tão alvos como ella; aquellas brizas perfumadas, que então andam a folgar nas aguas do rio, ou na relva das margens, e que nos veem depois roçar as faces com a ponta da asa melindrosa; aquelle rugir da folha secca e caída debaixo dos pés do viandante cansado; aquellas vozes confusas, que se escutam no casal, que augmentam, que diminuem, que recrescem, e finalmente morrem no silencio; aquelle agoireiro latir do lebreu repetido pelos échos do valle; aquelle fatigado carpir do carro lá ao longe ao subir da encosta; e o sino da aldêa, que no alto da serra está assentada, como pastorinha esquecida a meditar amores; e os céus azulados a vestirem pouco a pouco o manto das sombras; e as sombras a desdobram-se nos campanarios; e os campanarios a perderem-se da vista; e a vista a resumir-se no coração; e o coração a afogar-se inteiro no saudoso da tarde, e a tarde com todas as suas galas... oh! como tudo isto falla á alma uma linguagem ignota, e a deixa naquelle estado scismador em que as lagrimas são mais doces do que os risos do prazer!

As horas da melancholia são as horas da tarde.

Elysa, a mythologia esqueceu-se de nos dizer em que hora do dia tinha nascido o *Amor*; eu só nesta hora mysteriosa da tarde quizera que elle tivesse nascido; não podia, não devia nascer n'outra hora. Não ves tu como ao cair da noite vem sempre um suspiro pendurar-se nos labios em busca d'um irmão a quem se abraça? não ves como é então que a mulher desatina a cantar sem o cuidar, sem o sentir, sem o querer talvez, e como que respondendo a outra voz que a chama? não ves como a donzella, com todos os affectos ainda em botão virginal, começa de adivinhar um segredo, um segredo lindo, que lhe anda entre nuvens no pensamento?

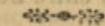
Coração de mulher, qual philomela,
 É todo amor e canto ao pé da noite;
 Do amante a voz então entra mais branda,
 Mais grata, mais feliz dentro do peito;
 Toldam sombras o pejo, as faces pôdem
 Osculadas côrar sem que o triumpho
 Lá veja o vencedor escripto em rosas;
 Melhor se escuta o frémito dos labios
 Suspirando d'amor, pedindo amores;
 Pôde o *sim* mais sumido então colher-se;
 Fingir que foi acaso a mão tocada:
 O rigor femenil, desdens, orgulhos,
 Da tarde a viração leva-os nas asas.

Elysa, se tu não fôras unica na terra, se não fôras o archanjo impecavel, que me Deus mandou dos céus para eu crêr deveras na virtude, tremeria com a idea—bastava a idea—de te veres a sós com um mancebo por tal hora do dia:—é a hora dos amores.

Mas tambem é a hora da religião; não ha momento em que a alma de melhor vontade se eieve para Deus: a oração, Elysa, é tão consoladora, tão cheia de balsamos neste momento! Guarda as tuas preces para esta hora, e dize-me depois se não pensas que as sanctas do céu vieram com mais alegre semblante ajunta-las no regaço, como

flores de maio, e leva-las mais velozes aos pés do Senhor!

A oração é o resultado do amor; o amor é o resultado do conhecimento d'aquelle, que se ama; que melhor en-sejo queres tu para conhecer o Creador? Esse mesmo véu, que te vai envolvendo quanto enxergas, esse mesmo é uma das suas mais formosas maravilhas: — o silencio que se vai fazendo em toda a criação parece que é feito para que o homem falle; calou-se tudo para que fallasse o monarcha da terra ao monarcha da terra, o do céu! Elysa, para te ouvirm as rezas os mesmos anjos se calariam; devem de ser um hymno tão melodioso, tão lindo como o que elles cantam, tão fervoroso como o d'elles, tão angelical como tu mesma!



(Continuar-se-ha)

J. de Lemos.

O ARCO DE SANT'ANNA.

Lemos com sentimento na *Revista Universal Lisbonense* de 3 de julho um artigo, em que nos é feita uma, urbana sim e delicada, mas nem por isso menos grave acensação por havermos inserido no nosso jornal um artigo tal qual nos foi remettido, no qual se pertendia criticar o *Arco de Sant'Anna*.

Nada diremos sobre o judicioso, ou não judicioso da critica: declararemos unicamente que logo julgámos incompleto o artigo do *Velho Parocho de Coimbra*, e ao ler a carta que com elle nos foi remettida, suppuzémos que o A. esperava só ve-lo impresso, para que seguro de não perder o seu trabalho nos enviasse alguma coisa mais sobre o mesmo assumpto.

Bem que tal fosse o nosso juizo, não duvidámos publicar o artigo: correccão, não li-a fizemos, por que se de alguma carecesse, seria tal que mais ao publico do que a nós competia fazer-l'a.

Não entendemos, que o *Velho Parocho* se referia ao facto do adulterio do Bispo, quando dizia, que o facto do romance não devia ser mera ficção da phantasia do poeta. O adulterio, verdadeiro ou falso, lá andava assoalhado pelas chronicas; mas como um só crime não constitue um caracter, ao caracter julgamos, que se referia a expressão — *mera ficção da phantasia*. Houve por exemplo em Jerusalem um rei adultero, e assassino do marido da sua amante; logo á primeira impressão d'esto facto levados somos a fingi-lo um tyranno orgulhoso, impio, e cruel; mudamos porem de opinião quando o vemos de arrependido beijando o pó, e beu que implorando do céu o perdão nas melancholicas harmonias do sagrado nebel, fugitivo de seu palacio, perseguido pelo mais amado de seus filhos, apedrejado por um soldado, e todavia soffrendo humilde e resignado a pena de seu crime, que o céu inexoravel não podia perdoar-lhe sem expiação. Talvez que o *Velho Parocho* não quizesse, que o A. do Arco de Sant'Anna fizesse do Bispo do Porto, bem que adultero, senão um David arrependido: era querer tolher a liberdade poetica, cousa desculpavel n'um *Velho Parocho*; mas não era dizer uma falsidade.

Tambem não entendemos, que o nosso correspondente affirmasse ou negasse a existencia de conspirações de oligarchias ecclesiasticas; era entrar n'uma questão muito grave e muito seria, e para quem não confunde a causa do clero catholico com a de uma corporação que deu origem á celebre discussão do dia 2 de maio nas camaras francezas, ha-de a cousa custar bastante a tirar-se a limpo. Mas o que julgavamos, e ainda julgamos é, que o nosso correspondente dizia, e nós dizemos, e diz o A. do Arco de Sant'Anna: — « não ha medo, repito, que volte » (*a aristocracia sacerdotal*) — e se tal asserção, é como na *Revista Universal* se diz, uma falsidade, ella lá está no prologo do *Arco de Sant'Anna*.

Isto baste para nos justificarmos de haver inserido na *Revista Academica* essas duas chamadas falsidades, justificação de que por certo nos absteríamos, se o artigo do *Velho Parocho* nos fosse remettido devidamente assignado.

Outra justificação porem temos de dar ao publico, e d'essa não podemos abster-nos, porque somos arguidos de nos deixarmos illudir a ponto de servirmos (sem o saber) de cego instrumento da calumnia contra um de nossos mais eximios litteratos!

Agradecemos muito cordialmente ao A. da nota inserida na *Revista Universal* o conceito em que nos tem. Calumniadores! é crime que não acreditamos cabido em peitos jovens. Se algum deduziu d'aquelle periodo, a que se refere o A. da nota, cousa menos favoravel á honra e virtudes do A. do Arco de Sant'Anna, aqui protestamos franca e sinceramente que não aventamos tal nas expressões do artigo do *Velho Parocho*. Fosse quem fosse o A. do Arco de Sant'Anna, nunca de caso pensado haviamos de soffrer, que das columnas do nosso jornal se levantasse o mais pequeno miasma impuro de maledicencia, e muito menos de calumnia. Repetimos: fosse quem fosse; quanto mais se nos lembrasse (bastava por sonho) o nome do nosso illustre collaborador, do digno socio do nosso Instituto — o Sr. Almeida-Garrett.

Prestamos á critica as columnas do nosso jornal, porque na republica das lettras, verdadeira republica, ninguem está collocado tão alto, que não possa ser chamado perante o tribunal da critica, processado, e julgado; calumniado e deprimido nunca.

E não julgavamos nós deprimido o A. do Arco de Sant'Anna, porque d'elle se disse: — julgon que para demonstrar as exorbitancias do clero na epocha actual, devia revolver as chronicas á cata de um factio escandaloso, para depois atirar com elle as turbas enfeitado com as suas louçanias poeticas,

— dizer-lhes:ahi tendes o que é o clero, odiae toda essa classe porque um homem que lhe pertencia commetteu um crime horrendo.» Se o A. do Arco de Sant'Anna estava convencido da existencia de uma oligarchia immoral e infame, e queria combate-la por meio de um romance, que havia de fazer senão buscar um feito escandaloso, polo em paralelo com os do nosso tempo, retratar o clero actual no clero d'essa epocha de desmoralisação detestavel, e dizer ás turbas: «ahi vedes o que é hoje o clero, os seculos de degradação moral voltam a passos de gigante».

Não achamos que houvesse razão para se dizer, que nós não reparámos no alcance d'aquellas descomedidas palavras. Serão uma accusação grosseira, mas de certo não são uma accusação tão grave e tão seria, como a imputação de *querer fazer-nos voltar ao philosophismo do seculo passado*. Isto sim que seria conciliar o odio não a um clero devasso, mas a uma Religião que o detesta, que se peja de taes ministros: tal accusação é que nós julgamos infundada, e contra ella tambem levantariamos o nosso brado, se o proprio A. do artigo inserto na *Revista Universal*, se a mesma *Revista* o não houvera feito.

Sim, porque nós separamos a causa da Religião da de seus maus ministros; porque tambem nós confessamos, e stigmatizamos, e não será esta a ultima vez, a corrupção d'uma grande parte d'esses que deviam ser o sal da terra. A nossa assistencia pelas provincias nos tem feito ser testemunhas do estado de miseravel ignorancia d'uma boa porção d'esses, que deviam ser a luz do mundo; e a muitos temos visto entrarem no redil do Senhor não pela porta, que essa lhes estava fechada, mas pelo telhado: e esses, diz o Evangelho, que são ladrões e não pastores. Para taes homens que por gosto *patinham e chafurdam* no lodo do vicio e da ignorancia, queremos nós que se

multipliquem os romances, mas com prologos mais em harmonia com a obra; porque almejamos do intimo do coração pela sua regeneração moral. Queremos *Arcos de Sant'Anna*, que manifestem a hediondez do crime filado no amicto do sacerdote, ou escondido sob a murça do prelado; queremos *Euricos*, que no sentimento melancolico e sublime do *Presbytero de Carteia* recordem qual pureza se requer para o ministerio dos altares, mostrem aos jovens capazes de remorso a importancia, as consequencias do holocausto, a que com tanta imprudencia se offerecem, sem verem no futuro o magestoso phantasma do Sacerdócio, que lhes trava do braço, que lhes esmaga e lia-de esmagar os peitos contra as paredes do santuario, em quanto nelles não morrer o arfar da lembrança d'um anjo de sonhos talvez outr'ora innocentes, mas não já para o Sacerdote.

E todavia que não odiamos o clero, porque ainda entre seus membros divisamos homens probos, e virtuosos, porque queremos que os nossos brados em prol da sua regeneração moral sejam benevolmente escutados e attendidos, e não podem se-lo palavras em que se sente espremido o fel do odio: mas se desesperados de uma tal regeneração manifestassemos o desejo de ver reprimida a audacia e perversidade d'uma classe incorrigivel, não teriamos recio de que nos taxassem de irreligiosos, porque haviamos de apontar para as columnas do nosso jornal, haviamos de mostrar que temos defendido a Religião não por moda mas por zelo, não por interesse mas por convicção.

E portanto sendo o A. do Arco de Sant'Anna um dos que mais tem coadjuvado a reacção religiosa no nosso paiz, por certo que não fará caso dos ataques da calumnia, como nós também o não fariamos.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 86, 97, e 115)

Academia das Sciencias de Paris—(Fev. 17)

Al. Brongniart apresenta os resultados d'uma longa serie d'experiencias feitas no Laboratorio de porcelanas de Sevres, de que é director, e expendidas n'uma obra verdadeiramente magistral que acaba de dar á luz, tão rica em sciencia e vasta em erudição, como modesta no titulo—*Tratado das Artes ceramicas ou das louças*. O auctor explica a retracção das pastas argilosas por um começo de fusão; faz conhecer a diminuição do seu peso especifico na razão inversa do grau de cocção, as condições de temperatura e construcção dos fornos para as massas plasticas e para as cores vitrificaveis, as diversas composições d'umas e outras, a inalterabilidade de certos vernizes, alguns dos quaes eram ja empregados pelos povos da maior antiguidade, &c. Mas um outro lado de interesse que inspira o escripto d'este bem conhecido sabio está nas considerações que faz sobre a importancia dos conhecimentos d'esta arte para diversos fins sociaes: traçando a sua historia, faz ver como os monumentos mais antigos da existencia e industria humana nos são conservados pelos fragmentos de utensilios ceramicos, mais duraveis que os metaes e pedras (*); como as suas formas, composição, vidrado, cores, inscripções e ornatos seguem em cada um dos povos o progresso da civilisação e o gosto das bellas artes; e quanto em tempos modernos ella se tem aperfeiçoado pelo poderoso

(*) Depois de mostrar a duração mais ou menos precaria e a difficuldade de trabalho de quasi todos os materiaes empregados pelo homem na construcção dos monumentos, diz Brongniart: — Deux seules matières, riches d'instuction pour l'histoire des sociétés et pour celle du globe, peuvent traverser des milliers de siècles en nous apportant les premiers élémens de l'histoire la plus ancienne des peuples de la terre; ce sont, d'une part, les terres cuites façonnées en vases ou en us enciles, et de l'autre les parties solides des animaux et des végétaux réduits à l'état fossile; a près ces deux matières, tout est périssable ou muet.—

socorro das sciencias. Apesar do titulo, julgar-se-ha a obra de Brongniart não só um directorio para o artista e para o professor, mas para o archeologo que quizer interpretar os poucos traços deixados pela mão do homem, para o naturalista que indaga a origem e os grãos da intellectualidade da especie humana, e para o estadista que estude a industria e a civilização dos povos.

O uso do polariscopio tem avançado grandemente os processos da Mineralogia, depois que se reconheceu haver uma relação entre as propriedades luminosas e o modo de cristalisação dos mineraes: sabia-se que no quartzo cristalizado o poder rotatorio provém da disposição das laminas perpendicularmente ao eixo; que a amethysta e o cristal da rocha apresentam ás vezes uma direcção rotatoria particular a cada porção, e nulla em outras; que as cores da 1.^a estão em relação com o entrelaçamento dos seus cristaes; que n'uma e outra propriedade influe a elevação da temperatura; e que é raro um exemplar de laminas quartzosas de côr uniforme. Dos factos communicados por Soleil resulta que é na junção dos cristaes voltados em sentidos oppostos que se divisa a cinta negra que apresentam no seu meio certas laminas do quartzo cristalizado, e que é ella uma especie de neutralisação completa de forças rotatorias contrarias. -- Arago, Babinet e Brewster apresentam considerações relativas a certos pontos da atmosphera, variaveis conforme a posição do sol, e que parecem estar situados sobre uma linha que passa pelo disco d'este astro e vem ter ao sitio das observações opticas: nem a natureza d'esta linha, nem os pontos todos estão conhecidos; apenas tres tem sido determinados por estes sabios, um acima e outro abaixo do sol, e o terceiro em opposição com elle. A propriedade d'estes pontos é fazerem desaparecer completamente a polarisação dos raios luminosos diffusos; chamáram a estes pontos *pontos neutros*, e pertendem explicar

o phenomeno pela multiplicidade das reflexões.

Magendie como relator d'uma commissão encarregada de examinar a invenção dos braços artificiaes construidos por Van - Petersen, dá conta do uso que d'elles se acaba de fazer em muitos alejados e entre outros n'um velho soldado que nas guerras do Imperio tinha perdido ambos os braços: este manêta tomou com uma das mãos artificiaes um copo cheio que estava sobre uma mesa, levou-o á bôcca, bebeu sem perder uma só gotta e tornou a po-lo no seu lugar, apanhou do chão um alfinete, uma folha de papel, &c. Osapparelhos são feitos de pau, ocos, sem que cheguem a ter uma libra de peso, e imitando exteriormente a forma natural; articulados no cotovelo, punho e nós dos dedos, tem molas que os conservam ordinariamente em estado de flexão, e são munidos de diversas cordas de tripa no interior para se praticar a extensão, abertura da mão, jogo e opposição dos dedos: seguram-se por meio de colchetes ao côto do braço, ou á espádua do estropiado e ligam-se por algumas fitas em volta do peito; o movimento dos musculos d'estes orgãos, que o individuo com um pouco de habito chega a saber regular, põe os cordões em exercicio, depois do qual segue-se por si mesmo o cerrar da mão pela força das molas.

De diversas experiencias de Schrœtter resulta que a força chamada catalytica da esponja de platina, do chloro, do ferro pyrophoro e do potassio desaparecem em temperaturas baixas do acido carbonico solido e do protoxydo d'azoto, e (Fer. 3) que em geral os gazes levados á liquefacção mudam de propriedades. Aguiet propõe um apparelho motor fundado da força d'esta liquefacção.

Sociedade real de Londres.-(Fer. 16) São tantos os trabalhos de Faraday sobre a liquefacção e solidificação dos gazes, que nos é impossivel formar um sum-

mario das condições especiaes que este sabio tem chegado a determinar para cada uma das substancias, e das propriedades novas que lhes tem descoberto com a mudança d'estado. Os meios que emprega são o appaarelho de Thilorier (V. p. 32.) com alguns aperfeiçoamentos seus, a solução d'acido carbonico solido no ether, e pressão que pode chegar até á de 50 atmosferas, e observa que o oxydo nitroso levado á solidéz é preferivel áquelle acido. (Fex. 27) Este gaz, assim como o oleificante, parece ao auctor serem compostos de dous, cada um dos quaes tem seu grán especial de volatilidade. Confirma a lei de que n'um dado gráu de pressão crescendo as temperaturas em razão arithmetica, a força elastica dos vapores procede na geometrica, sendo o gráu de volatilidade de cada corpo expresso por um factor especial e constante que entra na razão d'esta progressão. O auctor prosegue neste tão vasto como importante estudo d'um dos ramos fundamentaes das sciencias physico-chimicas, tendo actualmente em vista determinar a lei da relação que existe entre a força elastica e a força da tensão dos vapores.

(Jan. 23) G. Fownes enriqueceu a nova serie dos compostos do amidogenio (*amides*) com um novo alcali vegetal; da distillação d'uma mistura de farello, acido sulfurico, e agua obtém um oleo essencial que chama *furfuroleo*, representado por $C^{15} H^6 O^6$, e de cuja reacção sobre a ammonia resulta aquelle corpo, descrito pelo auctor com a denominação de *furfuramide* e a formula $C^{15} H^6 NO^3$.

(Fex. 6) Shoehlein extrahé da combustão lenta do vapor do ether misturado com o ar um principio atéqui desconhecido, e dotado d'uma tal força d'oxydación que se torna preferivel a todos os meios empregados no branqueamento; decompõe rapidamente a maior parte das materias colorantes, e em contacto com a agua augmenta o gráu d'oxygenação de muitos acidos e sacs.

O auctor depois de examinar as propriedades d'este corpo, suas analogias com o chloro e com os outros principios empregados naquelle processo, passa a mostrar que iguaes effeitos se podem obter pela combustão rapida d'uma corrente d'hydrogenio ao ar livre e de muitos outros corpos inflammaveis, dadas certas condições que ainda se não tem podido formular; deduzindo d'ahi que o acto da oxydación e decomposição das côres tem lugar em todos os casos de combustão rapida no ar atmosferico, independentemente da natureza do corpo.

(Fex. 20) Newport apresenta uma memoria sobre a estructura e desenvolvimento dos globulos sanguineos dos insectos e outros invertebrados, sua comparação com os dos animaes superiores, e a analogia de suas funções com a das cellulas secretorias das glandulas. De todos os physiologistas que haviam descrito estes orgãos, Carns, Spence, Wagner, Bowerbank, Edwards, Baly, diz o auctor, foi Bowerbank o unico que deu idea exacta da sua forma; distingue 4 periodos na sua historia: 1.º o estado de *moleculas* extremamente miúdas, sem nucleo algum sensível, e parecendo analogas ás particulas fluidas do chylo dos vertebrados; 2.º corpos contendo *nucleos* (*out-shaped*), analogos aos globulos do chylo; 3.º *spherulas*; e 4.º *discos*, estado analogo ao dos globulos rubros do sangue dos vertebrados e que apparece só na classe mais perfeita (*lepidopteros*) dos insectos. No ultimo gráu de desenvolvimento os globulos apresentam uma congerie de nucleos, que rompendo o involucre se espalham na parte fluida do sangue, tendo entre si um central, que passa ao estado de *spherulas*; parece pois que os globulos elaboram os proprios liquidos que são o seu vehiculo. A 1.ª metamorphose dos lepidopteros corresponde á rapida conversão dos globulos do 2.º no 3.º estado, e a formação das *spherulas* parece ser a condição que, alem

de dar consolidação á estrutura toda, imprime o movimento expansivo que determina a desenvolvimento das asas. D'este genero de factos resulta a analogia que alguns physiologistas pertendiam estabelecer, e de que ainda não havia provas bastantes, entre os globulos sanguineos e os órgãos secretores. — Owen dá a conhecer um facto do systema circulatorio *phlebenterico* (V. p. 47.): os dous corações biloculares que existem aos lados do corpo dos molluscos brachiopodos, communicam-se livremente com a cavidade visceral, que faz ao mesmo tempo as vezes d'um grande seio venoso, e o sangue banhando os órgãos digestivos passa immediatamente d'elle para as aurículas.

(Março 6) Wöhler acha um methodo de obter o alumínio em estado compacto, mostrando que este metal é promptamente fusivel, e rectificando neste ponto a sua antiga opinião; o meio é empregar um cadinho de argilla, em que se introduz o potassio, chloruretos de ammonio e de potassio, tapa-lo perfeitamente e submete-lo a forte calor de forja: a redução d'um dos principios da argilla dá o alumínio em globulos excessivamente tenues, que se reúnem em liquido branco e luzente, e logo tomam o aspecto d'estanho, inalteravel ao ar e perfeitamente malleavel. — A sessão d'este dia não poudo continuar por cansa de um triste accidente que teve logar no meio d'ella: uma apoplexia fulminante fez cair por terra um dos mais distinctos sabios da Europa, o professor Daniell, e apesar dos promptissimos soccorros dos seus collegas que lhe estavam ao lado, em poucos instantes deixou de existir. O primeiro soccorro com que acudiu o Dr. Bowmana, apenas lhe observou difficuldade de respiração e immobilidade da vista, foi uma sangria na jugular, mas 5 minutos depois fechou-se a veia e o doente expirou. Não havia duas horas que tinha feito a sua costumada prelecção de chimica no *King's College*, e entrara na sala das sessões

sem a mais leve queixa de saude; nem na sua vida anterior que era extremamente regular e sobria, se pode descobrir predisposição alguma. São bem conhecidos os relevantes trabalhos d'esto sabio, especialmente em Meteorologia e nas modernas theorias Electro-chimicas, de que elle se pôde considerar como um dos fundadores.

(Continuar-se-ha)

I. E. B.

BAROMETRO.

(Continuado da pag. 124.)

Sendo quasi sempre necessario comparar as observações feitas, já em diferentes barometros, e já no mesmo a diversas temperaturas, é preciso, para que ellas possam dizer-se bem feitas e comparaveis, attender ás seguintes condições.

1.ª A superficie do mercurio no reservatorio muda de nivel, variando a altura da columna: e como a expressão da pressão atmospherica é a differença de niveis do mercurio no reservatorio e no tubo, é preciso que o fundo da tina seja movel, para que por meio d'um parafuso se faça sempre corresponder a superficie de mercurio ao zero da escala. É esta a perfeição, que lhe trouxe Mr. Fortin, deixando fluctuar á superficie do mercurio uma ponta de marfim, que saindo por um orificio na parede superior da tina, quando se move o parafuso, marca a sua correspondencia com o zero da escala. E continuando a mover o parafuso, o mercurio enche perfeitamente o tubo do barometro, e o torna apto para se transportar, evitando os choques no interior do tubo.

2.ª O effeito da capillaridade faz depressim a columna do mercurio; é por isso necessario augmenta-la sempre da quantidade dependente d'esta acção, que é constante para cada barometro; e tanto maior, quanto menor for o diametro interior do tubo. Mr. Laplace calculou uma taboa para esta acção, a qual junctamos no fim d'este artigo, accres-

centando-lhe a relação com as nossas medidas.

Nos barometros de scifão não é preciso attender á capillaridade; por que, existindo ella igualmente nos dous ramos, seus effeitos se destroem. E é esta a razão, porque nos barometros de scifão a columna do mercurio é mais elevada, que nos de tina.

3.ª E finalmente deve tambem tomar-se em consideração o gráu de calor, a que é feita a observação. Todos os corpos se dilatam pelo calor; e o mercurio o é uniformemente entre zero e 100 grãos do thermometro centigrado. Não sendo pois feitas as observações á mesma temperatura, é preciso rednzi-las todas a um ponto determinado, para poderem comparar-se.

A escolha d'este ponto é arbitraria; mas como no nosso paiz se fazem quasi sempre as observações n'uma temperatura acima de zero, será conveniente reduzir sempre a altura barometrica ao que seria á temperatura zero. D'esta forma será sempre preciso diminuir a altura observada d'uma quantidade, dependente do gráu de temperatura, a que se fizer a observação; devendo este ser marcado por um thermometro ligado ao barometro; por que nem sempre esta temperatura é a mesma, que a do ar ambiente.

Segundo as experiencias de MM. Gay-Lussac, Lavoisier, e Laplace, d'ac-

cordo com as da Sociedade real de Londres, a variação da altura barometrica, dependente da temperatura, é uniforme entre zero e 100 grãos do thermometro centigrado e iguala $\frac{1}{5412}$ da altura da columna para cada gráu do thermometro. Debaixo d'esta hypothese nós calculámos uma taboa para esta correcção, desde 1 até 100 grãos do thermometro, e entre 27 e 33 polegadas inglezas do barometro; a qual tambem junctamos.

Para fazer uso d'esta taboa, tendo marcado os grãos do thermometro, e a altura do barometro, entra-se com os primeiros na primeira columna vertical, e com a segunda na primeira linha horizontal: a casa, que corresponder a estes dous dados, dará as decimas e centesimas de pollegada ingleza, que devem diminuir-se na altura observada.

Finalmente, sendo diversas as unidades de medida, a que se referem os barometros inglezes e francezes, é preciso tambem saber converte-las umas nas outras, para as comparar. Em Portugal faz-se muito uso dos barometros inglezes; e por isso nós junctamos tambem uma tabella da relação entre as diversas medidas, tomando as pollegadas inglezas para termo de comparação.

Com todos estes auxilios poderemos sempre comparar as observações barometricas, feitas em qualquer barometro, e a qualquer gráu de temperatura.

TABOA DAS DEPRESSÕES DO MERCURIO NO BAROMETRO DEVIDAS A' CAPILLARIDADE

| Diametro interior do tubo em millimetros | Depressão em millimetros. | Depressão em linhas de pollegadas portuguezas | Diametro interior do tubo em millimetros. | Depressão em millimetros. | Depressão em linhas de pollegadas portug. |
|--|---------------------------|---|---|---------------------------|---|
| | mm | l | | mm | l |
| 2 | 4,560 | 2,021 | 42 | 0,260 | 0,115 |
| 3 | 2,902 | 1,287 | 43 | 0,205 | 0,091 |
| 4 | 2,039 | 0,904 | 44 | 0,160 | 0,071 |
| 5 | 1,505 | 0,667 | 45 | 0,124 | 0,055 |
| 6 | 1,148 | 0,509 | 46 | 0,097 | 0,043 |
| 7 | 0,881 | 0,391 | 47 | 0,075 | 0,033 |
| 8 | 0,685 | 0,304 | 48 | 0,059 | 0,026 |
| 9 | 0,535 | 0,237 | 49 | 0,043 | 0,019 |
| 10 | 0,420 | 0,186 | 20 | 0,035 | 0,016 |
| 11 | 0,351 | 0,155 | | | |

Quando o barometro não traz marcado o diametro interior do tubo, pode conhecer-se approximadamente pelo diametro exterior da maneira seguinte: mede-se por meio d'um compasso de pontas curvas, e da medida resultante tiram-se $2^{\text{mm}},3$ para os tubos de 8 a 10 millimetros de diametro exterior, e $2^{\text{mm}},5$ para os de 10 a 12 millimetros.

TABELLA DA DIMINUIÇÃO, QUE DEVE SOFFRER A ALTURA DA COLUMNA DO BAROMETRO, PARA A REDUZIR AO QUE SERIA A TEMPERATURA ZERO

| Gr. do therm. centigr. | Altura do barom. em polog. inglezas | | | | | | | Gr. do therm. centigr. | Altura do barom. em polog. inglezas | | | | | | |
|------------------------|-------------------------------------|------|------|------|------|------|------|------------------------|-------------------------------------|------|------|------|------|------|------|
| | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 32 | 33 | | 27 | 28 | 29 | 30 | 31 | 32 | 33 |
| 1 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 0,01 | 26 | 0,13 | 0,13 | 0,14 | 0,14 | 0,15 | 0,15 | 0,16 |
| 2 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 | 01 | 27 | 13 | 14 | 14 | 15 | 15 | 16 | 16 |
| 3 | 01 | 02 | 02 | 02 | 02 | 02 | 02 | 28 | 14 | 14 | 15 | 15 | 16 | 17 | 17 |
| 4 | 02 | 02 | 02 | 02 | 02 | 02 | 02 | 29 | 14 | 15 | 15 | 16 | 17 | 17 | 18 |
| 5 | 02 | 03 | 03 | 03 | 03 | 03 | 03 | 30 | 15 | 16 | 16 | 17 | 17 | 18 | 18 |
| 6 | 03 | 03 | 03 | 03 | 03 | 04 | 04 | 31 | 15 | 16 | 17 | 17 | 18 | 18 | 19 |
| 7 | 03 | 04 | 04 | 04 | 04 | 04 | 04 | 32 | 16 | 17 | 17 | 18 | 18 | 19 | 19 |
| 8 | 04 | 04 | 04 | 04 | 05 | 05 | 05 | 33 | 16 | 17 | 18 | 18 | 19 | 19 | 20 |
| 9 | 04 | 05 | 05 | 05 | 05 | 05 | 05 | 34 | 17 | 18 | 18 | 19 | 19 | 20 | 21 |
| 10 | 05 | 05 | 05 | 06 | 06 | 06 | 06 | 35 | 17 | 18 | 19 | 19 | 20 | 21 | 21 |
| 11 | 05 | 06 | 06 | 06 | 06 | 06 | 07 | 36 | 18 | 19 | 19 | 20 | 21 | 21 | 22 |
| 12 | 06 | 06 | 06 | 07 | 07 | 07 | 07 | 37 | 18 | 19 | 20 | 20 | 21 | 22 | 23 |
| 13 | 06 | 07 | 07 | 07 | 07 | 08 | 08 | 38 | 19 | 20 | 20 | 21 | 22 | 22 | 23 |
| 14 | 07 | 07 | 07 | 08 | 08 | 08 | 08 | 39 | 19 | 20 | 21 | 22 | 22 | 23 | 24 |
| 15 | 07 | 08 | 08 | 08 | 09 | 09 | 09 | 40 | 20 | 21 | 21 | 22 | 23 | 24 | 24 |
| 16 | 08 | 08 | 09 | 09 | 09 | 09 | 10 | 41 | 20 | 21 | 22 | 23 | 23 | 24 | 25 |
| 17 | 08 | 09 | 09 | 09 | 10 | 10 | 10 | 42 | 21 | 22 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 |
| 18 | 09 | 09 | 10 | 10 | 10 | 11 | 11 | 43 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 25 | 26 |
| 19 | 09 | 10 | 10 | 11 | 11 | 11 | 12 | 44 | 22 | 23 | 24 | 24 | 25 | 26 | 27 |
| 20 | 10 | 10 | 11 | 11 | 11 | 12 | 12 | 45 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 27 |
| 21 | 10 | 11 | 11 | 12 | 12 | 12 | 13 | 46 | 23 | 24 | 25 | 25 | 26 | 27 | 28 |
| 22 | 11 | 11 | 12 | 12 | 13 | 13 | 13 | 47 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 |
| 23 | 11 | 12 | 12 | 13 | 13 | 14 | 14 | 48 | 24 | 25 | 26 | 27 | 27 | 28 | 29 |
| 24 | 12 | 12 | 13 | 13 | 14 | 14 | 15 | 49 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 |
| 25 | 12 | 13 | 13 | 14 | 14 | 15 | 15 | 50 | 25 | 26 | 27 | 28 | 29 | 30 | 30 |

Sendo—*k*—a altura do barometro observada, e—*t*—os grãos de temperatura no thermometro centigrado; a correcção a fazer será—*ht*. 0,00018, Mr. Delcros supõe ser a correcção—*ht*. 0,00016: a differença é —*ht*. 0,00002, que no caso extremo só dá erro de centesimas de pollegada: nós adoptamos a primeira, que é de Mr. Biot.

RELAÇÃO DAS ALTURAS BAROMETRICAS.

| Inglezas | | Portuguezas | | Francezas | Inglezas | | Portuguezas | | Francezas |
|----------|-------------|-------------|--------|-------------|----------|-------------|-------------|--------|-------------|
| Polg. | partes dec. | Polg. | Linhas | Millimetros | Polg. | Partes dec. | Polg. | Linhas | Millimetros |
| 27 | 0 | 25 | 4,0 | 685,79 | 30 | 0,1 | 28 | 2,9 | 764,52 |
| » | 0,1 | » | 5,1 | 88,33 | » | 0,2 | » | 4,0 | 67,06 |
| » | 0,2 | » | 6,2 | 90,87 | » | 0,3 | » | 5,1 | 69,60 |
| » | 0,3 | » | 7,4 | 93,41 | » | 0,4 | » | 6,3 | 72,14 |
| » | 0,4 | » | 8,5 | 95,95 | » | 0,5 | » | 7,4 | 74,68 |
| » | 0,5 | » | 9,6 | 98,49 | » | 0,6 | » | 8,5 | 77,22 |
| » | 0,6 | » | 10,7 | 701,03 | » | 0,7 | » | 9,6 | 79,76 |
| » | 0,7 | » | 11,9 | 03,57 | » | 0,8 | » | 10,8 | 82,30 |
| » | 0,8 | 26 | 1,0 | 06,11 | » | 0,9 | » | 11,9 | 84,84 |
| » | 0,9 | » | 2,1 | 08,65 | 31 | 0 | 29 | 1,0 | 87,38 |
| 28 | 0 | » | 3,2 | 11,19 | » | 0,1 | » | 2,1 | 89,92 |
| » | 0,1 | » | 4,4 | 13,73 | » | 0,2 | » | 3,3 | 92,46 |
| » | 0,2 | » | 5,5 | 16,27 | » | 0,3 | » | 4,4 | 95,00 |
| » | 0,3 | » | 6,6 | 18,81 | » | 0,4 | » | 5,5 | 97,54 |
| » | 0,4 | » | 7,7 | 21,35 | » | 0,5 | » | 6,6 | 800,08 |
| » | 0,5 | » | 8,9 | 23,89 | » | 0,6 | » | 7,8 | 02,62 |
| » | 0,6 | » | 10,0 | 26,43 | » | 0,7 | » | 8,9 | 05,16 |
| » | 0,7 | » | 11,1 | 28,97 | » | 0,8 | » | 10,0 | 07,70 |
| » | 0,8 | 27 | 0,3 | 31,51 | » | 0,9 | » | 11,1 | 10,24 |
| » | 0,9 | » | 1,4 | 34,05 | 32 | 0 | 30 | 0,3 | 12,78 |
| 29 | 0 | » | 2,5 | 36,59 | » | 0,1 | » | 1,4 | 15,32 |
| » | 0,1 | » | 3,6 | 39,13 | » | 0,2 | » | 2,5 | 17,86 |
| » | 0,2 | » | 4,7 | 41,67 | » | 0,3 | » | 3,7 | 20,40 |
| » | 0,3 | » | 5,9 | 44,21 | » | 0,4 | » | 4,8 | 22,94 |
| » | 0,4 | » | 7,0 | 46,75 | » | 0,5 | » | 5,9 | 25,48 |
| » | 0,5 | » | 8,1 | 49,29 | » | 0,6 | » | 7,0 | 28,02 |
| » | 0,6 | » | 9,3 | 51,83 | » | 0,7 | » | 8,1 | 30,56 |
| » | 0,7 | » | 10,4 | 54,37 | » | 0,8 | » | 9,3 | 33,10 |
| » | 0,8 | » | 11,5 | 56,91 | » | 0,9 | » | 10,4 | 35,64 |
| » | 0,9 | 28 | 0,7 | 59,45 | 33 | 0 | » | 11,5 | 38,18 |
| 30 | 0 | » | 1,8 | 61,98 | » | 0,1 | 31 | 0,6 | 40,72 |

Esta tabella dá tambem as linhas, correspondentes ás centesimas de pollegada ingleza: multiplicando estas por 0,11. E obterse-hão tambem os millimetros correspondentes, multiplicando as centesimas por 0,254.

Os productos reunir-se-hão respectivamente aos numeros precedentes.

L. Albano.

ERRATA.

| Pag. | Col. | Linh. | Erros | Emendas | Pag. | Col. | Linh. | Erros | Emendas |
|------|------|------------|-----------------------------------|-------------------------------|------|---------|-------|----------------------|----------------------|
| 70 | 1 | 18 e 19 | a quem só era dado o comprehender | de quem se era o comprehender | 123 | 1 | 9 | primeiro o barometro | o primeiro barometro |
| | | | | | » | » | 27 | altura medida | altura media |
| 105 | 2 | ult. (nt.) | hisortias | historias | 2 | » | » | no universo | no inverno |
| 111 | 1 | 15 e 16 | uas formas | nos fornos | » | 36 e 38 | igual | signal | |

(J. D.)

BIBLIOGRAPHIA ABREVIADA DA HISTORIA DE PORTUGAL.

(Continuado da pag. 132)

VII.

O Padre Antonio de Vasconcellos, natural de Lisboa, abraçou o Instituto da Companhia em 1570. Foi muito instruído na lingua latina e humanidades, e não menos nas sciencias escolasticas, de que foi mestre na Universidade d'Evora, fallecendo nesta cidade em 1622. Além de outras obras de diverso assumpto, escreveu

Anacephalæosis: id est summa capita actorum Regum Lusitaniæ. Antuerpiæ 1621.—4.º *Conimbricæ 1793.*—4.º

Começa no Conde D. Henrique, e segue até Philippe III. Também não é mais que resumo da historia portugueza classica.

VIII.

Fr. Bernardo de Brito (1), natural da villa d'Almeida, mandado em tenros annos para Roma (2), ali se instruiu eminentemente na poesia, oratoria, e nas linguas, sendo consummado na latina, italiana, e franceza, e tendo bastantes conhecimentos da grega, e hebraica. Applicou-se ao estudo da historia, em que fez grandes progressos, bem como na poesia, e lingua portugueza, sendo venerado como mestre da lingua, e como classicas as suas obras. Professou a regra de S. Bernardo no mosteiro de Alcobaça em 1585, e passando d'ahi

á Universidade de Coimbra tomou o gráu de doutor na faculdade de Theologia. Sendo porém a historia o seu estudo favorito, e projectando escrever a d'este reino se deu com o maior disvelo á investigação dos monumentos mais preciosos da mesma, que se guardavam nos arquivos publicos da torre do Tombo, e dos mosteiros d'Alcobaça, Lervão, e outros, donde tirou as preciosas noticias, com que enriqueceu a sua excellente obra da *Monarchia Lusitana*; principando a sua historia desde o principio do Mundo, e publicando a primeira parte d'ella sendo d'idade de 27 annos. Mereceu pelas suas luzes ser nomeado chronista mór do reino em 1616, emprego, em que succedeu por morte de Francisco d'Andrade, sendo-o já da sua religião, da qual também publicou a historia com o titulo de *Chronica de Cister* (3). Vindo de Madrid para Almeida, chefe de caução, e atenuado pela assídua applicação, falleceu nesta villa em 1617, sendo o seu corpó conduzido para o mosteiro de Santa Maria de Aguiar da sua mesma ordem, situado na vizinhança da villa de Castello-Rodrigo. Passados 32 annos foi trasladado para a casa do capitulo d'Alcobaça. Compoz

Monarchia Lusitana — primeira parte—Alcobaça (4) 1597—folio. *Monarchia Lusitana* — segunda parte—Lisboa 1609. Saíram ambas reimpressas em Lisboa em 1690—folio (5).

A primeira parte contém a Historia de Portugal desde o principio do Mundo até o Nascimento de Christo. A segunda continúa, e segue a historia desde o Nascimento de Christo até Portugal ser dado em dote por D. Affonso VI. do

(1) Nasceu a 20 d'Agosto de 1569.

(2) Não a Roma, mas sim á Universidade de Coimbra e que tão somente se reconhece elle devedor das humanidades, e theologia que sabia, como se vê na parte 1.º livro 4.º capitulo VI. da *Monarchia Lusitana*.

(3) Publicou somente a primeira parte, que contém a historia d'aquella ordem nos primeiros tempos da sua existência. Em Lisboa: por Pedro Gruesbeck, anno de 1602—folio. Foi segunda

N.º 40 — 1 d'Agosto de 1845.

vez impressa em Lisboa por Paesboal da Silva impressor. em 1720—folio.

(4) No fim da primeira parte vem um opusculo intitulado: *Geographia antiga da Lusitania*. Alcobaça, por Antonio Alvares, 1597.—folio.

(5) A primeira, e segunda parte da *Monarchia Lusitana* foi publicada pela terceira vez, com duntas notas pelo director da classe de litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa, em 8 volumes de 8.º

Gastella ao Conde D. Henrique. A respeito d'esta obra, convém observar, que não obstante ser escripta com estylo elegante e proprio da historia, ella está cheia de factos de que hoje duvidam os criticos, e que se não podem comprovar com monumentos coetaneos; e taes são a maior parte dos que Brito apresenta, anteriores á entrada dos Carthaginezes na Lusitania, e da serie dos reis que n'ella reinaram até esses tempos, que se devem olhar como fabulosos, ou heroicos para a historia da Lusitania. Sómente, depois que os escriptores romanos escreveram os factos, relativos a este paiz, que estavam ligados com a historia, que elles escreveram, é que a narração de Brito começa a ser mais certa. O mesmo juizo se deve fazer das origens, que Brito dá a muitas cidades e villas d'este reino, cujas fundações vão além da vinda de Christo, porque tanto estas noticias, como as dos reis da antiga Lusitania, e outras pertencentes á historia da meia idade, tirou elle das falsas chronicas de Flavio Dextro, de Laimundo de Orteja, e de outros escriptores fabulosos, que ou foram inventadas pelo mesmo Brito, ou se existiram não merecem crédito no conceito dos criticos. Com igual prevenção se devem ler todas as historias portuguezas, e obras de Geographia, e antiguidades da Lusitania, onde se acharem narrações semelhantes, origens de povoações, de cidades e villas, desituidas de fundamentos, series de reis, e de acontecimentos anteriores aos primeiros monumentos da historia romana, com que está ligada a da Lusitania, como de uma conquista d'aquella republica. Differente idéa deve fazer-se dos trabalhos d'este historiador depois que elle entra a tirar de melhores fontes as suas narrações, que são

tanto mais respeitaveis, quanto mais se avizinha ao principio da erecção de Portugal em reino. Fr. Antonio Brandão continuador de Brito falla de uma terceira parte da Monarchia Lusitana, que Brito compozera, mas que nunca se imprimiu; e ainda que esta obra se acha hoje comprehendendo oito partes, ou oito volumes, elles são parto de diferentes pennas, sendo as duas primeiras de Brito, como fica exposto; terceira e quarta de Fr. Antonio Brandão, quinta e sexta de Fr. Francisco Brandão, septima de Fr. Rafael de Jesus, e a oitava de Fr. Manoel dos Santos, de quem fallarei nos numeros proximos seguintes. É assás custoso ajuntar hoje os volumes todos d'esta immortal obra, por estarem raros, e serem muito procurados dos amadores d'este ramo de litteratura, em que esta obra deve ter um mui distincto logar. Compoz mais o mesmo Brito

Elogios dos Reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos, que se podéram achar. Lisboa 1603 e 1726. 4.º, e 1762 — 8.º Saíram adicionados com as vidas de Philippe IV, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II, e D. João V, por D. José Barbosa Thætino, e impressos em Lisboa no referido anno de 1726.

Esta obra ainda que breve (são pallavras do celebre antiquario Manoel Severim de Faria) é de grande consideração, porque na linguagem e juizo pôde servir de modelo a toda a boa historia abreviada (6).

IX.

Frei Antonio Brandão, natural de Alcobaça, Cistercienco nasceu em

(6) A pequena collecção de Poesias portuguezas e castelhanas, que Paulo Crasbeeck publicou sem nome de auctor em Lisboa, no anno de 1651 em 4 volumes em 32 com o titulo de—Silvia de Lysardo—é attribuida geralmente pelos doutos a Fr. Bernardo de Brito. Veja se o tomo primeiro do Dic-

cionario da lingua portugueza publicado pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, catalogo dos auctores, paginas CLXXVIII. Foi pela primeira vez dada á luz por Alexandre de Sequeira, em Lisboa, anno de 1597, em 32.º; e segunda vez ahí mesmo por Pedro Crasbeeck, em 1632, em 12.º

1584. (*) *Diction philosophia, et theologia*, na sua religião, e recebeu na Universidade de Coimbra o gráu de doutor nesta faculdade, sendo geral da sua congregação e nomeado Chronista mór do reino, em cujo emprego succedeu a D. Manoel de Menezes. Determinado a continuar a historia que Brito começára, deu-se por espaço de dez annos ao trabalho penoso de revoiver, e examinar os mais antigos e veneraveis cartorios de mosteiros, igrejas, cidades e villas, e sobre todos o da Torre do Tombo, não poupando diligencia alguma, para obter tão generoso intento, que conseguiu escrevendo uma historia clara, solida, (falla o auctor da Bibliotheca Lusitana) verdadeira, copiosa, e bem digesta. Estabelecem-se nella com o melhor fundamento as datas, a genealogia, nascimentos, mortes, acções, e descendencias dos nossos monarchas, as origens de muitas familias illustres, brazões e appellidos de que usam, fundações, foraes e privilegios dos mais celebres conventos, igrejas, cidades, villas, e cathedraes d'este reino, successão de seus prelados, e outros muitos successos celebres, tudo comprovado com monumentos irrefragaveis, acreditando-se o seu auctor tão eminentemente, que mereceu os constantes elogios de nacionaes, e estrangeiros, sendo o do auctor da *Historia Genealogia da Casa Real, que a historia portugueza será sempre devedora á sua estimada obra da Monarchia Lusitana*, e chamando-o admiravel na historia e antiguidades do nosso reino. O erudito D. José Barbosa no catalogo das raias portuguezas, lhe dá com razão o nome de verdadeiro Hercules das difficuldades da Historia Portugueza. É indubitavel serem as duas partes (3.^a e 4.^a) as mais acréditadas, podendo com propriedade chamar-se-lhe uma historia monumental. Compoz:

Terceira parte da Monarchia Lusitana, que contém a Historia de

(*) Em 25 d'abril de 1583 e falleceu na mesma villa de Alcobaca aos 27 de novembro de 1637.

Portugal desde o Conde D. Henrique, e todo o reinado d'ElRei D. Affonso Henriques.

Lisboa 1632 — folio.

Quarta parte da Monarchia Lusitana, que contém a Historia do Portugal desde o tempo d'ElRei D. Sanchol. até todo o reinado de D. Affonso III. Lisboa 1637. — folio.

X.

Fr. Francisco Brandão, sobrinho de Fr. Antonio Brandão, e seu successor na occupação de chronista mór do reino, por alvará de 19 de janeiro de 1649, bom como religioso da mesma congregação, era como elle natural d'Alcobaca, e como elle foi doutor em Theologia, e mestre d'ella na sua religião. Den-se desde os primeiros annos ao estudo das antiguidades e historia portugueza, cujos conhecimentos o habilitaram para continuar a Monarchia Lusitana, mas não sei se menos felizmente que seu tio, a quem elle é muito inferior na continuação que fez, não sendo tão profundo, nem tão seguro na historia, que escreveu: e é notavel que tendo o primeiro continuador da Monarchia Lusitana excedido ao seu primeiro auctor Fr. Bernardõ de Brito (o que é raro em semelhantes trabalhos) todos os mais continuadores ficassem muito abaixo da esteira de Fr. Antonio Brandão, a quem elles devêram seguir como modelo, não podendo dizer-se monumental a historia, que elles escreveram. Compoz

Quinta parte da Monarchia Lusitana, que contém os primeiros 23 annos do reinado de D. Diniz. Lisboa 1650 — folio.

Sexta parte da Monarchia Lusitana, que contém a historia dos ultimos 23 annos d'El-Rei D. Diniz. Lisboa 1672 — folio.

XI.

Fr. Rafael de Jesus, da ordem de S. Bento, nasceu na villa de Guimarães em 1614. Teve varios empregos na sua

religião, e em razão dos seus conhecimentos da historia foi nomeado Chronista mór do reino por alvará de 11 de novembro de 1681. Falleceu no convento de S. Bento de Lisboa em 23 de dezembro de 1693. É um dos continuadores da Monarchia Lusitana, e sobre o merecimento e juizo da continuação, veja-se o que observei no numero precedente. Compoz

Setima parte da Monarquia Lusitana: contém a vida d'el-rei D. Affonso IV, por excellencia o bravo. Lisboa 1683 — folio.

Escreveu 8.ª e 9.ª parte d'esta mesma obra, que se não imprimiram.

XII.

Fr. Manoel dos Santos é o ultimo continuador da Monarchia Lusitana, nasceu em Carentão, termo da villa de Cantanhede, em 1672. Abraçou o instituto cisterciense no mosteiro de Alcobaça; depois de concluir os seus estudos monasticos, deu-se particularmente ao da historia, examinando com indefesso trabalho o archivo do mosteiro d'Alcobaça, donde extrahiu copiosas noticias que o habilitaram a escrever a historia do mesmo mosteiro, e continuar os trabalhos de Brito, e dos Brandões compoendo a 8.ª e ultima parte da Monarchia Lusitana, para o que se achava auctorizado tanto como Chronista da sua congregação, como sendo-o do reino por alvará de 6 de fevreiro de 1726. Falleceu em Alcobaça em 1740. Escreveu

Monarchia Lusitana parte 8.ª: contém a historia e successos memoraveis do reino de Portugal no tempo de el-rei D. Fernando, a eleição d'elrei D. João I com outras muitas noticias da Europa. Lisboa 1729 — folio.

Já acima (n.º X) deixei feito o juizo que se deve fazer d'esta obra. A 7.ª, 9.ª, 10.ª parte, que Fr. Manoel dos Santos fez, não gosaram do beneficio da impressão.

XIII.

Manoel Constantino viu o dia na cidade do Funchal, capital da ilha da Madeira, estudou philosophia na Universidade de Coimbra, e theologia na de Salamanca, em que se graduou doutor. Passando a Roma dictou philosophia na Sapiencia, celebre academia da capital do mundo christão, em que mereceu os applausos, e attentões das principaes personagens da curia pelo seu talento e vasta erudição, obtendo como remuneração bem merecida cinco beneficios rendosos, e uma pensão no mestre-escolado de Evora.

Compoz diversos tratados, entre os quaes pertence ao presente assumpto o seguinte

Historia de origine, et principio atque vita omnium regum Lusitaniz, et rebus ab illis præclare gestis cum omnibus casibus, qui in eo regno ad nostra usque tempora evenere, et multis aliis rebus scitu dignissimis, ad idem regnum Lusitaniz spectantibus.

Romæ 1601.-4.º Consta de 20 Liv.

XIV.

Luiz Coelho de Barbuda, natural de Lisboa, criado da casa real: applicou-se á historia portugueza escrevendo em estylo laconico e elegante na lingua castelhana—

Emprezas militares de lusitanos, Lisboa 1624—4.º

Consta de 18 livros, em que narra as acções militares dos portuguezes, desde o conde D. Henrique até o anno de 1607, em que foi invadida a praça de Moçambique pelos holandezes, a quem derrotou D. Estevão d'Alaide. Apezar de que o auctor promete a paginas 229 segunda parte d'esta obra, não consta que a compozesse. Antonio de Souza de Macedo na sua obra Florez d'Espanha, cap. 14 — excel. 9 n. 58 dá a esta o titulo de excellente.

(Continuar-se-ha.)

O FESTIM DE BALTHAZAR.

I

Brando o sol esmorecia,
E da tarde a viração
Nas folhas seccas do chão
Já cantava o fim do dia;
Louvores do Senhor Deus
Cantava, no captiveiro,
Um velho, em solo estrangeiro,
C'os olhos fitos nos céus.

Reluz-lhe a fronte já calva,
As faces rugosas tem,
Té á cintura lhe vem
A barba comprida e alva;
Que magestoso não é
Entre as ruínas da idade!
No meio da tempestade
Parece o cedro de pé!

Puras aguas fugitivas
A's plantas lhe vão passar,
Vão-se-lhe á volta assentar
Lindas donzellas captivas;
São quaes purpureos botões,
Que das roseiras do estio
Pendem á beira do rio,
Ouvindo aéreas canções.

E o velho canções cantava
Tão saudosas do Senhor!
E canções d'antigo amor
Da patria, por quem chorava;
Ah! que patria que elle tem!
Não lhe ouvis por entre o canto
Murmurar em nome sancto?
Não lhe ouvis Jerusalem?!

Mas contra este nome lucta
Horrendo tumultuar!...
Era em seu impio folgar
Babylonia a prostituta.
Folga, cidade infiel!...
Folga, folga, o tempo expira...
Já sobre ti desce a ira
Do Senhor Deus de Israel!

Não te valem esses muros
De Nabuchodonosor,
Nem o cinzel do esculptor,
Que fez teus Deuses impuros;
Já na raça de Judá
Poz Deus a vista clemente...
Já das partes do oriente,
Surge uma voz... que será?...

E negra a noite crescia
Quando ao velho vem buscar
Um servo de Balthazar,
Que da cidade corria:
E o captivo louva a Deus
Cantando no captiveiro,
Segue a trilha ao mensageiro
C'os olhos fitos nos céus!



II.

Que ricas formosas salas,
Que joias, sedas, e galas
Lá no palacio real!
E que palacio infinito,
Todo porfido e granito,
Onde se adora Baal,
Onde em forma de serpente
N'aurca columna fulgente
S'enrosca o genio do mal!

De bronzeas cadeas rijas,
 Presas nas altas cornijas,
 Pendem lampadas sem fim;
 Brilha a mesa dos banquetes,
 E brillham finos tapetes
 Sob os leitos de marfim;
 Vem dar mate á formosura,
 Não longe, a eterna verdura
 Do marmoreo amplo jardim.

Alli, de eunucos cercado,
 No throno d'oiro assentado,
 Folgava o rei Balthazar;
 Com elle, torpes amores
 De Babylonia os Senhores
 Iam nas taças libar;
 E o fogo, acceso nas taças,
 Mil concubinas devassas
 Iam depois apagar.

E já tudo louco andava,
 Tudo ria e descantava
 Entre nefando prazer;
 Ardiam frouxos os lumes,
 E os recedentes perfumes
 Mais e mais a recender;
 Ligeira, a lubrica dança
 A's concubinas já cança,
 Já lhes faz a côr perder.

Em seus desejos protervos
 Mais impio o rei, aos seus servos
 Mais impias ordens dictou:
 Quiz alli ver profanados
 Aquelles vasos sagrados,
 Que seu paé outr'ora ousou,
 Do Senhor na casa entrando,
 Roubar, maldito! lá quando
 Jerusalem captivou!

De Baal ás frageis plantas
 Leva o rei aquellas sanctas
 Alfaías do Senhor Dens;
 Depois de vinho as enchia,
 Por ellas depois bebia,
 Bebiam todos os seus; . . .
 Eis de repente apparece
 Uma nuvem, que alli desce
 Lá das alturas dos céus! . .

Sai da nuvem um som grosso...
 Nuta o marmoreo colosso,
 Querem as salas cair,
 E a mão, que occulta as movêra
 Nas paredes escrevêra
 De Balthazar o porvir;
 O porvir! . . . no homem não cabe
 Ler taes lettras; — ninguem sabe
 Lettras, que sabem fulgir.

Como o sol fulgiam ellas,
 Fulgiam como as estrellas,
 Mas com terrivel pallor;
 E Balthazar já descora . . .
 Ajoêlha . . . brada . . . implora . . .
 Coâ-lhe n'alma o pavor . . .
 Quer fugir . . . fugir não póde,
 Porque os membros lhe sacode
 Horrido e frio tremor! . . .

As concubinas correndo,
 E lacrimosas gemendo,
 As faces cobrem co' a mão;
 Andam co' as vestes rasgadas
 Co' as madeixas desgrenhadas,
 Palpitante o coração!
 Os escravos, os Senhores
 Soltam sentidos clamores,
 Røjam as fronte no chão!

Debalde quer seus futuros
 Ler Balthazar sobre os muros,
 Que Balthazar não os leu;
 Debalde todos os sábios
 Alli foram; mudos labios
 Teem para as lettras do céu!
 » Oh! venha, diz a rainha,
 » O captivo, que adivinha,
 » Que rasga aos sonhos o véu (*).



III.

Que grave aspecto, que passo
 Tão lento o velho tomou,
 Quando ao portico devasso
 C'o mensageiro chegou!
 Sobe... sobe... a sala entrara...
 Defronte do throno pára,
 E crava os olhos no rei!...
 O rei e todos tremeram,
 Porque na vista lhe lêram
 Não sei que males, não sei!

Balthazar ante o captivo
 O colo curvado tem,
 Já não é monarcha altivo
 Novo monarcha alli vem;
 Novo monarcha da festa
 Que a monarchia lhe attesta
 O antigo rei sobre o pó;
 Reina o captivo d'outr'ora
 Que a fronte lhe c'rôa agora
 O Senhor Deus de Jacob!

— Velho! dou-te a liberdade,
 » Os meus thesouros sem fim,
 » Do meu imperio metade,
 » E o maior depois de mim
 » Tu serás... — não quero; escuta:

» Babilonia a prostituta,
 » Teu prostituto folgar,
 » Acordando iras do Eterno,
 » As largas portas do inferno
 » Abriram de par-em-par!

» Rei! além tu tens com fogo
 » Escriptas lettras fataes!
 » Não vale ante ellas teu rogo,
 » Nem teus presentes reaes;
 » São tres palavras sagradas (*)
 » Porque alli foram gravadas
 » Por mão sagrada do céu;
 » Vede, ó rei, vede, ó rainha,
 » Ao captivo, que adivinha,
 » Rasgar-lhes agora o véu.

» Balthazar! foste julgado,
 » E o teu reinado passou;
 » Tu foste por Deus pesado
 » E nenhum peso te achou;
 » D'Assyria as terras diversas
 » Serão dos Medas, dos Persas,
 » Babilonia cairá!...
 » Eis do Senhor a vingança,
 » Porque já seus olhos lança
 » Sobre a casa de Judá,

E todos cáem por terra,
 E longo pranto se ouviu...
 Mas do oriente a voz, que aterra
 Já mais perto retiniu...
 Eram de Cyro os soldados
 Sobre os muros conquistados
 De Babilonia sem fé:
 Olha o captivo a cidade...
 No meio da tempestade
 Parece o cedro de pé!

(*) O propheta Daniel tinha explicado o sonho de Nabuchodenezor.

(*) As tres palavras são MANE', THEKEL, PHARE'S, e a sua explicação *byblica* foi seguida com a possível fidelidade.

Nessa noite o sangue corre
 Dos ferros n'assyria mão,
 Balthazar punido morre,
 Surge a captiva Sião!
 Oh! mas quem era o captivo
 Junto ao rio fugitivo
 C'os olhos fitos nos céus?
 Quem taes verdades dissera?
 Aquelle velho quem era?
 Era um propheta de Deus!

J. de Lemos.

(J. D.)

EUGENIO SUE

E OS

MYSTERIOS DE PARIZ.

(Continuado da pag. 126)

O quadro da familia *Morel* é um dos mais bem desenhados, e que mais commovem nos *Mysterios de Pariz*: aquelle miseravel operario morrendo de fome com sua mulher e com seus filhos tambem morrendo de fome, trabalhando mais que um forçado, suicidando-se lentamente, para dar á sua familia o pão negro da miseria, e cercado de joias e diamantes, o minimo dos quaes seria para elle a salvação e a abundancia... ah! este homem merecia um throno, se houvesse para a probidade um throno cá na terra. E que remedio dá o auctor dos *Mysterios* a esta desgraça tão vulgar, a esta chaga corruptora da nossa sociedade? Uma policia de homens a procurar a probidade pelo mundo! Entregar a sorte de familias e familias ao alvedrio de homens sujeitos a paixões e vícios! Acredita o auctor que a desmoralisação do nosso seculo não illudiria e tornaria inutil essa instituição, como o tem feito a muitas outras? Não é contra essa desmoralisação, filha da miseria e do luxo, que se

devem procurar todos os remedios? Não está a miseria de milhares de familias escripta em caracteres bem claros nas leis que distribuem actualmente os direitos e as riquezas? O remedio para a desgraça de tantas familias, como a familia *Morel* não será organizar a sociedade de maneira, que nunca seja possivel que um homem probro a trabalhar toda a sua vida defínhe de miseria?

Uma scena nos apresenta o auctor dos *Mysterios*, que desgraçadamente é uma scena das mais vulgares da classe pobre da nossa sociedade: um operario, que passou a maior parte da vida a trabalhar para o sustento da sua familia, torna-se de repente chegado a certa idade em um homem vicioso, abandona sua mulher e seus filhos, e foge com a sua amazia, que o instiga a negociar o pão da infamia com a prostituição de suas filhas! As velhas chronicas da barbara Europa mostram-nos crimes os mais barbaros e sanguinolentos, que respiram a crueza selvatica das feras; mas um attentado tão immoral e tão ignobil só o apresenta a corrupção do nosso seculo. E será só o remedio para este facto escandaloso livrar aquella familia desgraçada das mãos de seu barbaro chefe, quebrar os laços, que a uniam a elle, como se os homens podessem desfazer os laços da natureza? Será só o remedio para tal desgraça dar áquella familia os meios de subsistencia? — Dinheiro, dinheiro, eis a mola real da philosophia arida e orgulhosa do nosso seculo. O dinheiro é uma consolação philosophica, mas não será nunca uma consolação moral, uma consolação religiosa, uma consolação verdadeira. Aquella mulher abandonada podia nunca esquecer na sua dôr de esposa e do mãe que o pae de seus filhos a havia abandonado por uma mulher infame e perdida? — O remedio que o divorcio de *Eugenio Sue* daria a uma tal desgraça era para os nossos tempos um grande bem; mas não seria muito maior bem prevenir essa desgraça do que dar-lhe

um remedio que não pôde sanar toda a enfermidade?— A causa do mal é a miseria e a ignorancia, a miseria que instiga ao crime, como unico meio de lucro, a ignorancia, que não deixa ver a immoralidade, que elle encerra: o remedio é fazer desaparecer essa ignorancia e essa miseria. Muitos dos homens e mulheres ignorantes da classe pobre e ainda das classes abastadas tem na idade um certo limite, em que a razão parece enfraquecer-se-lhes, e depois de uma vida regular segue-se em geral uma vida de idiotismo fanatico, ou de idiotismo criminoso. Este phenomeno observa-se nas pessoas de uma razão fraca e não cultivada nem desenvolvida pela instrução. Qual será o remedio aos males, que d'aqui se seguem, senão as luzes da instrução para o pobre, como para o rico, para a mulher, como para o homem?

Se *Eugenio Sue* pertende regenerar a sociedade, devia apresentar-nos a causa dos factos mais caracteristicos da nossa sociedade — a corrupção e a miseria. *Eugenio Sue* mostra-nos a miseria com todos os seus horrores, mas devia mostrar-nos essa miseria não como um acontecimento inevitavel, que tracta de minorar, como uma desgraça que é preciso adoçar, mas sim como um facto proveniente de um vicio organico da nossa sociedade, como uma desgraça que é necessario fazer desaparecer. *Eugenio Sue* apresenta-nos a prostituição, essa filha primogenita da miseria como a atmosphera habitual da escoria do povo; mas nós queriamos ve-la principalmente como a consequencia inevitavel da differença das fortunas, como a conductora da corrupção do rico para o pobre; estragando a flor da mocidade, perturbando a ventura das familias, reduzindo o sentimento a um puro materialismo, tornando os laços mais sagrados da natureza em um meio impuro e immoral de favorecer os sordides calculos da avidéz e do egoismo, enfraquecendo assim as ternas e sanctas ligações

de familia, e sendo um obstaculo immediato ao crescimento e aperfeiçoamento phisico e moral da especie humana.

Eugenio Sue devia dizer aos homens: — as desgraças terriveis, que se agitam na vossa sociedade, existem porque é má a organização d'essa sociedade, porque são más as vossas instituições, porque fazeis gala de illudir as vossas leis, porque muitas d'ellas são mesmo hypocritas e enganadoras, ou vós assim as tornais; porque a lei manda preferir o merito nos cargos publicos, e vós preferis os maiores escravos dos partidos, porque as leis prohibem severamente o soborno e é pelo soborno que hoje se dirige a sociedade, porque dizeis pomposamente nas vossas constituições que todo o homem tem o direito de fazer o que a lei lhe não prohibe, e tal artigo é uma irrisão e um ludibrio para o pobre, que embora possua um milhão de direitos, não pôde mais do que desfinhar trabalhando até á morte, se quizer viver nesta sociedade, aonde por escarneo lhe chamam homem livre.

A penna de *Eugenio Sue* devia ser rigida e inexoravel, imputando aos homens os seus crimes. Nos terriveis contrastes entre a grandeza e a miseria devia recordar-nos a cada passo que esse grande no meio do luxo, da abundancia e bastas vezes da infamia é irmão do pobre miseravel, que estende ao canto das ruas a descarnada mão pedindo esmola, e que recebe em resposta a chicotada do vil lacaio, que conduz no cocho almofadado seu opulento senhor.

O auctor de uma obra, que muito se parece na forma com os *Mysterios de Pariz*, o auctor das *Memorias do Diabo*, sem tractar das muito delicadas questões sociaes, como *Eugenio Sue*, tem no seu genero uma linguagem, que muito conviria ao auctor dos *Mysterios*. A penna de *Frederico Solié* implacavel e terrivel não poupa nunca exprobrações e sarcasmos. Sem contemplação para com os prejuizos da sociedade apresenta-nos os seus vicios, como inlicreates

à sua organização monstruosa. *Quereis cousas terriveis para vos regosijardes*, diz elle no principio das suas terriveis paginas, *pois bem, aqui tendes um pedaço da vossa historia*. Não é assim que falla *Eugenio Sue*, que se persuade que os vicios da actual sociedade podem ser destruidos sem destruir os seus alicerces, que não vê em todos elles uma lei, que os liga ao desequilibrio e á má divisão de todos os elementos sociaes — capitaes e trabalho, direitos e instrução.

Se o livro de *Eugenio Sue* não é perfeitamente philosophico, porque não remonta dos phenomenos á sua causa primitiva, os *Mysterios de Pariz*, em que vemos tamanhas tendencias religiosas, tambem não é um livro perfeitamente christão: nelle não ressumbra a fraternidade evangelica, que faz do genero humano uma só familia, e que tanto realce daria ao penoso e terrivel espectáculo do irmão desgraçado perecendo á mingua em frente dos sumptuosos palacios de seus irmãos poderosos.

O rico deve socorrer o pobre, porque tem obrigação de assim o fazer, e não para se divertir, como muitas vezes o *Rodolpho de Girolstein*, a providencia visível de *Eugenio Sue*. E este caracter tão bello, este grão Duque da Alemanha, penetrando tantas vezes na miseravel choça do pobre parisiense, este nobre philosopho vai perder toda a nossa sympathia, como soberano dos seus estados: os *Mysterios* acabam á saída de *Pariz*, o epilogo é desnatural, deslocado, e extranho á obra, e *Rodolpho* deixa de ser o protagonista e deixa de ser philosopho, para ser um aristocrata allemão.

Finalmente a philosophia de *Eugenio Sue* não está a par dos actuaes conhecimentos scientificos: os remedios, que applica *Eugenio Sue* ás doenças da nossa sociedade, podem-se chamar empyricos, e hoje ninguem ignora que elles devem ser deduzidos das leis da sciencia, de uma sciencia social e economica ainda recente e pouco adianta-

da. Os sabios pronunciaram a palavra associação, mas a formula de uma associação geral não a deram ainda as leis da sciencia. Já lá vai o tempo, em que os publicistas assentavam que a liberdade politica e as leis empyricas que elles imaginavam, podiam por si fazer a felicidade dos povos: hoje os homens da sciencia reconheceram que essa felicidade só póda provir de uma boa organização social fundada nas leis da moral, da economia e do direito.

Concluindo pois, dizemos que a obra de *Eugenio Sue* agradou e agradeu muito, porque o romance é verdadeiramente bello; porque o livro é novo no fundo e na forma, e porque a sua philosophia é uma philosophia facil, que consiste em apontar o mal, e applicar-lhe um remedio, que não encontra os interesses dos homens, nem afronta os seus prejuizos. Mas a obra perderá a sua grande fama desde o dia em que os homens reconhecerem que essa philosophia é chimerica e acanhada.

Mesmo assim muita gloria coube ao homem, que primeiro atirou para o vulgo dos leitores as primeiras questões sociaes, que pertendeu abalar os velhos e barbaros costumes arreigados aos seculos, que mistrou ao recreio a philosophia, que chamou a attenção dos homens para pontos importantes e delicados, e que mostrou ao mundo asquerosas e sanguinolentas as chagas da sociedade. Honra e gloria ao que defende os interesses da humanidade, ao campião do pobre e do opprimido.

Antonio de Serpa.

REVISTA SCIENTIFICA

(V. p. 138)

Sociedade Astronomica (Jan. 10) — Um apparelho de *Airy* para determinar a curva de flexão produzida por diversas pressões sobre uma barra de ferro de espessura uniforme e apoiada em determinados pontos. O mesmo apparelho

indica tambem a mudança de dimensões que possa resultar das variações quer de temperatura, quer dos pontos d'apoio e da applicação das pressões, sua intensidade e proporções.

Instituição Real (Fev. 14)—Forbes pretende deduzir dos seus estudos em zoologia e botânica alguns pontos theoreticos sobre as relações de analogia e polaridade entre os dous reinos organicos, distinguindo as que são de forma e afinidade, e as de estrutura e funções:— por exemplo que nos zoophytos a existencia de órgãos vesiculares suspensos contendo ovos, tem analogia, principalmente nas plumarias, com as folhas, flores e fructos das arvores; e que nestas os órgãos correspondentes ás folhas se revestem d'outras formas apropriadas para a reprodução. As analogias dão-se entre grupos parallellos; e quando os membros de cada grupo differem do respectivo typo é por adoptarem o caracter do typo mais vizinho: assim, nos molluscos e annelides que são typos parallellos, os gasteropodes pectinibranchios, typo dos 1.^{os}, entram no mesmo grupo com os nudibranchios, vermiformes e destituídos de concha, que possuem tantos caracteres externos dos 2.^{os}. Em quanto á especie, todas as vezes que um individuo de um grupo apresenta monstruosidade quanto ao numero de órgãos, esta se explica pelo numero dominante do grupo correspondente: assim os arachnodermes e echinodermes estão nesta relação de parallelismo, tendo aquelles os seus órgãos dispostos em multiplos de 4, e estes de 5; portanto quando se apresenta um exemplo monstruoso de qualquer d'estas tribus, o numero dos órgãos será o mesmo do da tribu parallellos. D'este modo percorrendo os grupos parallellos vê-se sempre uma mutua representação dos caracteres de cada um d'elles: assim os grupos parallellos *animal* e *vegetal*; um caracterizado pela concentração das partes essenciaes, e por sua organização tendente ao desenvolvimento

individual, o outro pelo alongamento das partes essenciaes, e por sua disposição para a reprodução extensiva da especie. A' medida que os dous reinos se aproximam vão assumindo mutuamente os caracteres um do outro: assim bem como nos vertebrados ha tendencia á concentração (caracterisco animal), nos articulados a ha para a extensão (caracteristico vegetal), nos 1.^{os} tendencia para um endo-skeleto; nos 2.^{os} para um exo-skeleto: do mesmo modo nos vegetaes mais completos um endo-skeleto e concentração nos exogenos; um exo-skeleto e extensão nos endogenos: por exemplo, nos gasteropodes entram as patella e chiton, um caracterizado por concentração, e o outro por extensão aproximando-se dos articulados: nas leguminosas e rosaceas, nas 1.^{as} o exo-skeleto do fructo se desenvolve á custa do endo-skeleto, nas 2.^{as} a concentração do fructo e desenvolução do endo-skeleto. Esta representação das duas esferas é manifestada nos vegetaes pelo systema reproductivo, caracterisco do seu reino, e nos animaes pelo nervoso e progressivo desenvolvimento intellectual. Em resumo conclue:— 1.^o a unidade nas transformações e combinações dos seres animados individuaes para fins physiologicos de proveito para as especies;— 2.^o a harmoniosa dualidade que domina em todas as divisões dos reinos animal e vegetal.

(Março 7) Goadby tem perfeídoo singularmente o processo da conservação de exemplares zoologicos, e propõe diversas composições para esse fim: apresentou os insectos conservados n'uma dissolução de— sal marinho 4 onças, alumen 2 onças, deutoclureto de mercurio 2 gr, agua 1 quarto ou 2, — na qual o alumen pela sua adstringencia tornou opacos e visiveis os órgãos que são naturalmente transparentes como são os nervos; os molluscos com toda a molleza dos seus tecidos, com a integridade de suas conchas, as cores e o brilho metalico das asas e elytros dos

escaravellhos conservados na sua fôrma natural e caracteristica por est'outra soluçào—sal commum $\frac{1}{2}$ libra, arsenico $\frac{1}{2}$ drachma, deutochloreto de mercurio 2 gr., agua 1 quarto. Apresentou conservados por estes meios alguns moluscos maritimos e zoophytos conhecidos pela fragilidade do seu tecido como incapazes de serem conservados por qualquer outro processo; os systemas circulatorio, digestivo, o vaso dorsal e outros orgãos principaes dos insectos, collocados em suas situações proprias no interior do individuo; e depois de indicar as preparações mais apropriadas para cada genero de orgãos, recommenda em geral as seguintes cautellas na manipulaçào: —evitar liquidos muito aluminosos; augmentar a quantidade do liquido em proporçào do volume do corpo para que chegue a substituir todos os liquidos naturaes; renovar frequentes vezes esses banhos, e conservar os corpos em perfeita immersào por meio de pesos convenientes.

Sociedade d'Horticultura (Fer. 18) W. H. Pepps apresenta o resultado de suas experiencias acerca das substancias alimentares dos vegetaes: semeando umas gramineas em vasos de vidro cheios de terra formada artificialmente com toda a pureza, de 75 partes de silica, 15 d'alumina, e 10 de carbonato calcareo, fez rega-las com agua distillada e adubar com saes mineraes (carbonato, nitrato, chlorhydrato d'amoniar, nitrato de potassa e o guano) e depois applicou estes estímulos com as substancias organicas que naturalmente a acompanhavam —guano natural do terreno, o estrume composto por Daniell, afuligem, turfa, lodo, e agua de chuva. E observando que só no 2.º caso as plantas crescem, forma uma escala da força comparativa das substancias nutritivas, e conclue que as 1.ª puramente mineraes não podem por si só alimentar as plantas, e que d'entre as organicas, a melhor composiçào é a que a propria natureza tem formado.

Sociedade Microscopica (Fer. 19) E. Quekelt apresenta alguns exemplares dos vasos espiraes dos vegetaes silicificados, pelos quaes parece dar-se por decidida a questào da posiçào da espira dentro da respectiva membrana, pois que é na face interior dos vasos petrificados que se observa a impressào da espira. Mostrou tambem injeccões feitas em membranas mucosas; e Bowerbank as de capillares que atravessam o tecido adiposo.

Instituto dos Architectos (Fer. 22) Mr. Habershon apresenta dous capiteis e um pedestal de marmore que foram achados ao abrir os alicerces para a nova igreja de Jerusalem. Julga se que um dos capiteis d'ordem doricæ data das proximidades da era christã, pela sua analogia com outros d'um tumulo do valle de Josaphat a que attribue essa antiguidade. Os ornatos do outro capitel indicam um estylo muito inferior, talvez o Byzantino.

Sociedade das Artes (Fer. 26) Dêmos noticia (p. 115) da descoberta da nova fabricaçào da massa de vidro devida a Guinand, que tendo ficado occulta desde 1774 com a morte d'este Suisso foi por seu filho communicada a Bontemps, fabricante de vidros opticos. As estrias, manchas e bolhas que tornavam defeituosas as lentes, provinham da impossibilidade d'uma completa mistura das substancias que compõem aquella massa durante a fusão, e todo o genero de varas ou spatulas metalicas com que se mechasse a massa, eram dissolvidas pela alta temperatura do vidro fundido e inquinavam a massa com os seus fragmentos. O processo consiste hoje no emprego de varas de ferro envolvidas em cylindros de argilla pura, que resistem intactos até á mistura completa dos ingredientes; deixa-se então em lento esfriamento o cadinho em que está o vidro, quebra se depois com muito cuidado, e serra-se a massa transversalmente em peças circulares, de sorte que se podem obter lentes do diametro

do cadinho; e de tamanhas dimensões se tem construido algumas por este meio, que se estão já empregando nos instrumentos do Observatorio de Pariz duas de um metro de diametro.

(Março 5) E. Dalton propõe o estabelecimento d'um muscu ethnographico composto de typos de todos os povos e raças humanas conhecidas. A construcção d'estes modelos é por meio do processo de Francis Chantrey, pelo qual cobrindo de certa massa plastica o individuo vivo que se toma para exemplar, a massa recebe com a maior exactidão possível a forma exterior d'elle, adquirindo em poucos instantes a dureza necessaria pela applicação da corrente galvanica e com tanta rapidez se executa esta operação que não incommoda a respiração: o molde serve então para as massas fundidas de que se pertende construir as figuras; estas podem ter muitas das suas partes destacadas, como por exemplo o cabello para se vêr a configuração do craneo, podem ser pintadas a oleo e côres. A materia d'estas figuras era antigamente de cera, mas o auctor indica novamente como mais apropriadas para este fim—a composição da massa do papel e do linho cânamo, certas madeiras, e uma argilla particular que se acha em Londres á profundidade de 150 pés, semelhante ao barro de cachimbo mas menos consistente e que toma um aspecto metallico depois de oleado.

MAGNETISMO ANIMAL.

Continuam em Inglaterra os ensaios sobre este objecto, e cada vez mais factos apparecem que provam a sua utilidade therapeutica; o phreno-magnetismo tambem já hoje parece uma cousa innegavel. Tão numerosos são já os factos observados pela sociedade investigadora do magnetismo que apenas poderemos citar d'elles algumas particularidades mais notaveis.

Miss Webb de 47 annos de idade padecia constantes dôres de cabeça,

palpitações de coração, tosse e dôr no lado, e por ter empregado em vão toda a medicina recorreu a Mr. Ryland, que lhe applicou o magnetismo. Durante o somnambulismo Mr. Ryland poz-lhe a mão sobre o organo, julgou elle, dos numeros; a somnambula falou-lhe então em um delicado pastel, e o magnetizador attentando melhor, viu que tocava, não o organo dos numeros, mas o da alimentatividade. Descreveu o seu figado, e assignou como causa da dôr de lado que soffria uma lesão d'esta viscera. No momento de acordar nada lhe lembrava de quanto havia passado durante o somno de sorte que o fechar e abrir dos olhos foram para ella dous momentos consecutivos. Melhorou consideravelmente da molestia, mas não se restabeleceu de todo em consequencia de Mr. Ryland não poder demorar-se por mais tempo em Bristol.

Em Pumberland outra mulher Anna Pattenson foi curada de Rheumatismo pela applicação do magnetismo animal. Durante o somno magnetico conhecia as horas que designava um relójo posto na nuca, e por meio de alguns toques feitos em quanto estava sentada ficou com os hombros de tal sorte presos á cadeira, que não foi possível separa-los senão depois de desmagnetizada.

Em Gloucester houve uma reunião de varios facultativos, estudantes e pessoas instruidas para assistirem a um desafio scientifico entre Mr. E. F. Hickeys magnetizador distincto, e Mr. Rumball encarniçado antagonista do magnetismo animal. Varias pessoas foram magnetizadas, mas ainda Mr. Rumball não se dava por satisfeito, quando Mr. Hickeys magnetizou um rapaz de 40 annos de idade e fazendo-lhe nos pés os competentes toques, o rapaz permaneceu fixo no pavimento da casa. Então Mr. Rumball approximou-se d'elle pegou-lhe com ambas as mãos, quiz movel-o á roda para lhe despegar os pés do soalho, mas por mais que o torceu, o

rapaz chorava com a dôr da contorção, mas não se movia. A assemblêa apupou *Mr. Rumball*, e com palmas applaudiu *Mr. Hickes*. Sollicitando o Presidente o voto de todos os assistentes, a maior parte levantou as mãos em favor das maravilhas do magnetismo animal.

Outros muitos factos da mesma ordem se estão observando diariamente em Londres.

Tem-se achado que varios metaes, e especialmente o ouro exerce influencia sobre alguns magnetisados, que sentem uma vellicação forte no logar em que se pozer o metal.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

Findaram no dia 30 do proximo antecedente mez os trabalhos escolasticos d'esta Universidade: e dos seus resultados apresentamos em seguida um quadro demonstrativo do numero de estudantes habilitados para fazerem acto, dos que effectivamente o fizeram, e do seu exito, bem como a relação nominal dos estudantes que foram premiados nas differentes Faculdades. Falta a relação dos premios de Medicina por haver ficado deferido, para o proximo mez de Outubro, o juizo da Faculdade ácerca d'este objecto.

Em consequencia da nova reforma a Faculdade de Philosophia soffreu notaveis alterações em quanto ao numero e distribuição das cadeiras, o que obrigou alguns estudantes a frequentarem cadeiras collocadas em diversos annos, e d'aqui provém a differença, que em quanto aos numeros, apresenta esta parte do mappa.

Consta-nos que na Faculdade de Direito a Cadeira de Economia Politica passa a ser frequentada no 4.º anno, passando a primeira de Direito romano (Waldeck) para o 2.º

D'este modo no proximo anno lectivo

os cursos do 2.º e 3.º annos juridicos frequentarão conjunctamente a 1.ª aula de Direito romano, e o do 4.º anno frequentará em dias alternados os cursos de Economia e de Direito romano.

A Revista que se honra do seu titulo de Academica, porque o é tanto do coraçào, nascida no centro d'esta Universidade, criada com o baço animador d'essa juventude, que todos os annos converge dos differentes pontos do Globo, onde reina a lingua portugueza para se reunir e communicar seus trabalhos, suas esperanças e seus pensamentos, congratula-se com os seus socios estudantes pelo resultado final dos seus trabalhos escolhares.

Renovam-se as gerações academicas, assim como se renovam as da humanidade, mas neste nosso mundo academico as gerações que vão, e as que veem, acabam e nascem de repente. Hoje são lançados na voragem da vida publica e de homem, os que ainda hontem só cogitaram cuidados e folguedos de mancebo, e esta geração inteira de homens que se vai será amanhã substituida por outra de mancebos apenas saídos da infancia, que virão passar em Coimbra os mais solemnes dias da sua existencia; felizes, se no fim da sua vida escholar nenhum remorso lhes vier turbar a terna saudade dos dias passados nos braços da amizade academica, tão franca e verdadeira quanto o é o caracter do joven, a quem a experiencia do mundo não destruiu a sua fé de mancebo, nem ensinou a sciencia da hypocrisia!

A Revista Academica confiada no futuro espera poder saudar a aurora de muitas gerações, e a tantas outras enderessar-lhe suas saudosas despedidas; hoje cumpre pela primeira vez este dever, e aos Academicos, que no presente anno deixaram de pertencer a esta Universidade, boa parte combe na existencia d'este jornal para que elle não marqueno nas suas paginas o dia da sua despedida, como um dia de saudade!..

MAPPA DO MOVIMENTO DA UNIVERSIDADE, NO ANNO LECTIVO DE 1844-1845.

| Faculdades. | Anno | Matriculados | Habilitados | Perderam o anno | Esperados | Aprovados | | Reprovados |
|--------------|------|--------------|-------------|-----------------|-----------|-----------|--------|------------|
| | | | | | | Semine | Simpl. | |
| THEOLOGIA. | 1.º | 24 | 18 | 6 | (a) 5 | 11 | 2 | |
| | 2.º | 24 | 23 | 1 | 17 | 6 | | |
| | 3.º | 33 | 33 | | 20 | 13 | | |
| | 4.º | 7 | 7 | | | 7 | | |
| | 5.º | 1 | 1 | | | 1 | | |
| | 6.º | 5 | 5 | | | 3 | 2 | |
| DIREITO. | 1.º | 138 | 137 | 1 | 6 | 81 | 26 | 24 |
| | 2.º | 120 | 117 | 3 | 1 | 86 | 18 | 12 |
| | 3.º | 135 | 128 | 8 | 1 | 116 | 3 | 2 |
| | 4.º | 161 | 159 | 2 | 3 | 151 | 5 | |
| | 5.º | 131 | 128 | 3 | | 123 | 2 | |
| | 6.º | 2 | 2 | | | 2 | | |
| MEDICINA. | 1.º | (b) | | | | | | |
| | 2.º | 40 | 7 | 3 | 1 | 5 | 1 | |
| | 3.º | 11 | 11 | | | 10 | 1 | |
| | 4.º | 32 | 32 | 1 (c) | | 30 | 1 | |
| | 5.º | 21 | (d) 20 | 1 | | 16 | 2 | 4 |
| | 6.º | 4 | 3 | 1 | | 3 | | |
| MATHEMATICA. | 1.º | 55 | 33 | 22 | 15 | 12 | 1 | 5 |
| | 2.º | 26 | 23 | 3 | 5 | 12 | 4 | 2 |
| | 3.º | 5 | 5 | | | 5 | | |
| | 4.º | 3 | 3 | | | 3 | | |
| | 5.º | 1 | 1 | | | 1 | | |
| | 6.º | 4 | 4 | | | 1 | 3 | |
| PHILOSOPHIA. | 1.º | 54 | 34 | 20 | 2 | 20 | 8 | 4 |
| | 2.º | 23 | 21 | 2 | | (e) 23 | 1 | |
| | 3.º | 27 | 25 | 2 | 6 | 13 | 6 | |
| | 4.º | 23 | 21 | 2 | 2 | 14 | 5 | |
| | 5.º | 20 | 14 | 6 | 11 | 4 | 1 | |
| | 6.º | 1 | 1 | | 1 | | | |
| Total | | 4101 | 4016 | 87 | 102 | 774 | 92 | 53 |

(a) O grande numero de esperados nesta Faculdade procede de serem parte dos estudantes destinados para o estado ecclesiastico.

(b) Neste anno não houve estudantes por causa dos estudos philosophicos, que pela nova reforma se exigem para frequentar Medicina.

(c) Foi declarado sem effeito um acto por Portaria do Ex.^{mo} Conde Reitor.

(d) Aparecem quatro de mais dos habilitados porque são estudantes que não haviam feito acto no anno antecedente.

(e) Esta differença que se nota entre o numero de habilitados e o dos que fizeram acto provem de serem parte d'estes actos de repetição dos estudantes que passam á classe de ordinarios.

ESTUDANTES PREMIADOS NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NO ANNO LECTIVO DE 1844-1845

THEOLOGIA

1.º ANNO

Premio — Antonio Bernardino Menezes

2.º ANNO

Premio — João Chrisostomo d'Amorim Pessoa

3.º ANNO

Premio { 1.º Constancio Floriano de Fria
2.º Ignacio do Nascimento Moraes*Accessit* { 1.º João Albino de Sousa Peres
2.º Jacob de Castro Mendes de Carva.º

4.º ANNO

Premio — João Antonio d'Oliveira

DIREITO

1.º ANNO

Premio { 1.º Antonio da Motta Veiga
João Carlos Massa*Accessit* { 1.º Adriano d'Almeida Coutinho
2.º João Guilherme de Sousa Jordão
3.º Delfim d'Oliveira Maia
4.º Albino Abilio de Freitas

2.º ANNO

Premio { 1.º Caetano de Seixas Montinho
2.º José Antonio Fernandes Pinheiro*Accessit* { 1.º Manoel José d'Almeida
2.º Francisco Lopes Gavicho
3.º Carlos da Costa Pereira Mendes
4.º Bernardo Francisco Abranelles

3.º ANNO

Premio { 1.º José Maria do Casal Ribeiro
2.º Manoel Thomaz de Sousa Azevedo*Accessit* { 1.º Paulo Midosi
2.º José Fernandes Galvão
3.º Francisco Augusto da Silva Cabral
4.º Nuno Caetano da Costa Negrão

4.º ANNO

Premio { 1.º Joaquim da Rocha Pinto e Sousa
2.º Ricardo João Pimentel Baptista*Accessit* { 1.º Agostinho Thomaz dos S.ºs Viegas
2.º Manoel Henriques Correa Severino
3.º José João d'Azevedo Morão
4.º João Felix de Brito Corte-Real

5.º ANNO

Premio { 1.º Manoel Maria da Silva Bruschy
2.º Antonio Maria do Couto Monteiro*Accessit* { 1.º Antonio Cardoso Avelino
2.º Francisco de Paula Figueiredo
3.º Lopo José Dias de Carvalho
4.º Francisco d'Albuquerque e Couto

MATHEMATICA

1.º ANNO

Partido { 1.º Jacinto Antonio de Sousa
Candido Gonsalves Mamede*Premio* { 1.º Augusto Sebastião de Castro G.ººº
2.º Bernardo de Carvalho Ribeiro

2.º ANNO

Partido { 1.º João de Sousa Machado
2.º Visconde de Samodães*Premio* — Manoel Joaquim de Sousa Brito*Accessit* { 1.º Antonio de Araujo Fer.º Jacobina
2.º José Augusto Nogueira Sampaio

3.º ANNO

Premio { 1.º Francisco Pereira Torres Coelho
2.º Pedro d'Amorim Viana*Accessit* — Francisco de Salles Gomes Cardozo

4.º ANNO

Premio { 1.º Caetano Manoel Roque Alvares
2.º Manoel Salema de Sousa Gouvêa*Accessit* — Augusto Ernesto de Castilho e Mello

5.º ANNO

Accessit — Antonio de Serpa Pimentel

PHILOSOPHIA

1.º ANNO

Premio { 1.º Martim Affonso Barbosa
2.º Jacinto Antonio de Sousa

2.º ANNO

Premio { 1.º Antonio d'Araujo Fer.º Jacobina
2.º Visconde de Samodães*Accessit* { 1.º Francisco Pereira Torres Coelho
2.º José Augusto Nogueira de Sampaio

3.º ANNO

Premio — Antonio Alves Pereira*Accessit* { 1.º José Fructuoso Aires de Gouvêa
2.º Miguel Pinto Cotta Coelho
3.º Albano José da Cruz

4.º ANNO

Premio — Bento de Freitas Soares*Accessit* — Antonio Alves Pereira

5.º ANNO

Premio — Luiz Albano d'Andrade*Accessit* — João Vieira de Vasconcellos

INFLUENCIA DO CHRISTIANISMO SOBRE A LEGISLAÇÃO.

(Continuado da pag. 54.)

ESCRavidÃO

Partout où règne une autre religion que la religion chrétienne, l'esclavage et la barbarie sont de droit
De Maistre = Du Pape = t. 2 cap. 5.

Nenhuma cousa devia ser mais ignorada nos Codigos das Nações do que a escravidão. — É um ferrete de ignomínia exarado nas frentes dos povos, o ler-se nas suas leis que entre elles os homens não são irmãos e iguaes perante a lei: porque sendo esta a expressão do *justo*, ante ella, como ante a fonte de toda a justiça, *Deus*, todos os homens são ramos do mesmo tronco; todos são filhos, pela carne do mesmo homem, e pelo espirito, do mesmo *Creador*: infelizmente, porém, a historia e as legislações ali estão atestando esse crime de Iesa humanidade sancionado em quasi todos os Codigos.

Não hesitaremos em reconhecer que encontramos na historia do genero humano poucas provas tão frisantes da rebelião do primeiro homem contra o seu Auctor, e da sua queda em castigo do seu crime, como essa aberração do seu espirito, que obcecado pela mesma ambição que o levára a julgar-se igual a *Deus* (1), o extraviára da verda do *justo* a ponto de erigir a *força* em *direito*, e reduzir o homem á classe de cousa, e subjuga-lo ao dominio.

Este facto vergonhoso foi por certo o effeito do esquecimento da sua origem, e teve por fundamento a ambição e soberba, isto é, os dons inimigos mais tenazes de quantos o inferno tem vomitado sobre a face do globo. A ambição

e a soberba destruíram a angelica harmonia da primeira criação dos espiritos, e mancharam com o crime o puro quadro traçado pelo Eterno na sua estupenda obra da criação.

Este mysterio, symbolisado pela queda de Lucifer, foi de novo realiado na do primeiro homem, que o mesmo Eterno fizera á sua imagem e semelhança (2).

Sómente de uma tal origem podia nascer a lucta do bem e do mal para explicar a qual, todos os que não buscam decifra-la pelo livro por excellencia, tem de crear systemas tão frageis como a natureza de seus auctores.

Surgiu o Christianismo, mas todos os abusos provenientes da soberba e ambição tem resistido ao seu poderoso influxo, de tal arte que a divindade da sua doutrina pode deduzir-se tambem da constancia com que ha podido arrotar, combater e derrôtar taes vicios.

Estes effeitos da ambição e soberba os achamos nós symbolisados na escravidão. Ser superior aos outros, tornar em lei seus caprixos, engordar á custa do suor alheio, tornar os outros homens meios para o consequimento dos seus fins, eis a escravidão em practica, — differença de raça, direitos de victoria, *direito de accessão* (3) & & eis os sophismas com que defende o seu crime o homem, olvidado do que é, e do que deve a seus irmãos, cego pela soberba, quer até cohonestar a sua usurpação com um nome derivado de um he officio (4)! como se fôra favor não ser fratricida!

Congenita com a corrupção do homem, a escravidão é o signal do peccado original da humanidade, e assim a encontramos em todas as sociedades politicas. Regenerado o homem pelo Christianismo, encontramos este pro-

(1).... et eritis scient *dñi*, scientes bonum et malum. — Genes. cap. III. v. 5.

(2) Genes. cap. I. v. 26.

(3) Alludimos ao p. incipio = *Portus vent' em sequitur.*

[4] *Serras á servando* (L. h. §. 2. ff. de stat. hom. L. 239. ff. de verb. sig.) é a etymologia que Florentino e Pomponio dão, como fundada no direito de matar os prisioneiros; mas ainda assim apontam o motivo sordido d'este beneficio, = *quod Imperatores captivos vendere; ac per hoc servare.*

clamando os dous principios, cuja ignorancia fizera adoptar pelos legisladores, e defender pelos philosophos a existencia da escravidão — *identidade de origem, — sanctidade do trabalho.*

» *Ha duas naturezas humanas, uma a dos escravos, outra a dos senhores. . .*

» o trabalho é proprio d'aquelles que

» não são cidadãos, porque estes são

» chamados ao regimen da republica,

(1) Estes dous principios, que podemos chamar os fundamentos juridicos das legislações dos povos anteriores ao Christianismo á cerca do estado das pessoas, são enunciados como verdades de intuição pelos dous espiritos mais elevados da antiguidade grega — Platão e Aristoteles — e abraçados como taes por Cicero, (2) philosopho, e magistrado do povo essencialmente juriconsulto na epocha, em que a antiga Roma, symbolisando a antiga civilização occidental, ia metamorphosear-se em a nova sociedade proveniente do Christianismo.

Com a publicação da *Boa Nova*, da lei de amor, não podiam taes principios continuar de existir seriamente defendidos na theoria, continuaram porém a subsistir os cancores roedores da ambição e soberba, e corrompido por elles o coração do homem continuou de sancionar nos seus Codigos o chamado direito de avassallar o seu semelhante; mas sempre invocando o principio da superioridade physica e intellectual, ou o da necessidade do trabalho, reproduzindo assim, sophistica e traçocirramente, os principios que os antigos por cegueira podiam haver adoptado de boa fé.

Será tambem debaixo d'estes dous aspectos que nós seguiremos o Christianismo na sua marcha lenta, mas nem

por isso menos efficaz, em modificar as legislações: continuando a seguir o mesmo systema que até agora, porque os factos são conformes a elle. Encontrando sempre o Christianismo cantando victoria nas consciencias, nos costumes, depois nos escriptos e a final nas leis. Andamento providencial, pois é o unico capaz de ser duradouro, e o unico que pôde guiar a sociedade á sua verdadeira perfeição, — *quid enim leges sine moribus?*

Examinemos as instituições dos povos antigos. Os Hebreus tinham escravos, e ao passo que o Pentatheuco no Genesis estabelece a historia da identidade e fraternidade de todos os homens, o Exodo, e o Deuteronomio contem legislação ácerca da escravidão, e adiante o livro de Josué ainda mais explicitamente a aduítte como um facto (3). Dentro em pouco teremos logar de ver que S. Paulo tambem aduítte a escravidão como um *facto*, nem encontramos que isto involva contradicção com os principios moraes do Christianismo, como esperamos mostrar: e em quanto aos Judeus, é claro que o povo eleito pelo Eterno para depositario da crença verdadeira, não estava ainda preparado para saborear todos os beneficios que a manifestação da revelação devia um dia derramar das fontes inexgotaveis da graça sobre todo o genero humano. É mesmo nesta differença que as duas leis divinas se distinguem sem se opporem.

Semelhante á terra escolhida em cujo seio o agricultor lança a semente que um dia deve produzir a arvore frondosa que com a sua sombra e fructos offereça abrigo e alimento ao homem, mas que no momento de lavrada sómente

(1) Aristoteles — *Polít. lib. I cap. 2. §. 14* — Platão — *De legib. lib. 9.*

(2) Cicero *De Offic. lib. II. cap 7 sed iis, qui vi oppressos imperio coercent, sit sane adhibenda severitas, ut heri in famulos* — e no livro, III cap. 23, propõe a questão de um Senhor em um naufragio ter de alijar mercadorias ou escravos (*servuli vites*) e segue *potius pereant servi quam ipse insigni damno afficiatur.*

(3) Citaremos em particular o Cap. 21 do Exod., o qual estabelecendo alguns artigos de legislação penal, com respeito ao escravo morto em consequencia dos castigos applicados pelo senhor, distingue o haver morrido no acto do castigo (*in manibus ejus*) ou de haver succumbido um ou dous dias depois: no primeiro caso ha homicídio (*criminius reus erit*) no segundo não — *quia pecunia illius est* — Vid. v. 2. 20-21 &c. &c. Deut. Cap. XV. v. 16 e 17 — Josué Cap. IX. v. 12, 13 e seg.

apresenta prova de haver sido objecto da eleição do agricultor, e de que sob a sua superfície se elabora o mysterio da germinação, o povo hebreu com a antiga lei, e milagrosa historia apresenta os caracteres da eleição do Eterno, e que do dentro d'elle sairá um dia a ultima palavra do mesmo Eterno a respeito do homem, personificada na obra da regeneração executada pelo VERBO.

No entanto a escravidão entre elles não era perpetua— «Vós contareis septe semanas de annos, e no quinquagesimo anno proclamareis a liberdade geral de todos os habitadores da Judéa... porque é o anno do Jubileo. E sendo hebreu será no septimo anno. E não o deixareis partir sem socorro (*vacuum*)... porque vos deveis lembrar de que tam- bem fostes escravos» (1). O que sómente admittia a excepção do captivo voluntario (2).

Os Celtas, os Germanos, os Cym-bros, e Saxões tinham escravos, sobre os quaes exerciam o chamado direito de vida e morte. Em Sparta os Hotas eram todos annos perseguidos e mortos em dias determinados, como se isto fosse um dever sagrado e politico para obstar á sua multiplicação desmedida (3).

Os Hyndos divididos em castas tem a dos *Soudras*, escrava de todas as castas superiores, e sujeitos a todos os trabalhos e males que os individuos d'aquellas lhes quizerem impor (salvo sendo serviços impuros no sentido da religião de Brahma) não sendo crime o assassina-los (4).

Emfim para não ampliarmos mais esta resenha das antigas nações, porque

os limites d'este jornal, a tornaria uma lista de citações estereis, concluiremos que os povos da Oceania e Africa collocados no ultimo elo da cadeia da civilisação tem escravos (5).

Em nenhuma nação porem foi mais minuciosa a legislação acerca da escravidão do que entre os Romanos, e tambem em nenhuma outra podemos seguir mais passo a passo os progressos do Christianismo.

O direito da victoria produziu escravos para Roma desde os primeiros dias da sua existencia.

O principio da propriedade quiritaria extendia-se aos escravos como fazendo parte das cousas *mancipi*, e até na enumeração das *cousas* que tinham esta qualidade, um juriconsulto enumera os escravos depois da terra, e antes do boi, do cavallo, &c. (6).

A par d'este modo de privar o homem do direito de liberdade violando o direito das gentes, ainda a legislação antiga admittia o principio da *accessão*, ou regra de que a qualidade d'escrava na mãe tornava o filho escravo (7); indo d'esta arte levar o abuso da força até aos arcanos mais sagrados da natureza, e lançar as algemas no ventre materno ao infeliz indifensso, a despeito das lagrimas da maternidade, e dos gemidos da innocencia! Barbaros são por certo todos os meios que a ambição inventou para privar o homem da liberdade, mas nenhum ha mais cruel, mais cobarde, e mais ignobil, do que este que assemelha o homem ao tigre que devora seus proprios filhos, e que leva o requinte da barbaridade ao ponto de privar a mulher da mais doce, da mais sancta de todas as alegrias, a da maternidade;

(1) Levit. Cap. XXV. v. 3 e seg. Deutero. Cap. XV. v. 12 - 17.

(2) Exod. Cap. XXI. v. 2.

(3) Michelet Hist. de Fran. e Orig. du Droit franc.

(4) Cantu Hist. Univ. Cap. XI.

(5) Rienzi — Oceanie — Univ. Pitt. — Cook — Voyag. aut. du Glob. e Kolber Voyag. au Cap.

(6) Ulp. Frag. XLX. §. 1. Bynkershoek. de reb. mancip.

(7) Não admittimos que a *accessão* fosse um modo de adquirir por Direito romano. É alheio d'este logar o expor as razões, bastará que notemos que até esta palavra é desconhecida nas LL. romanas em tal accepção (Vid. Mackeldey, Muhlenbruch, e Da-Gaurroy) mas servimo-nos d'esta phrase por se achar sancionada pelo uso, e ser verdadeira a regra — *partus ventrem sequitur*, e até era este o modo mais commum de se adquirirem escravos. (Savigny Droit rom. Tom 2. cap. 2. §. 65. not. 2).

porque o primeiro grito do infante, que faz pular o coração da mãe com prazer tão ineffavel, e que em um instante lhe faz esquecer todas as dores e perigos, é para a desgraçada escrava o signal de uma existencia de dôr, e o prazer presente (se o ha) é obscurecido por um futuro todo elle de angustia!

Taes eram os modos de adquirir o dominio sobre os homens, que as antigas leis romanas reconheciam, dando ao senhor dos escravos a maior amplitude de poder em quanto ao uso que quizessem fazer d'este chamado direito (1).

Os actos de crueldade, que ficavam impunes porque eram consequencias do dominio, são superiores a todos os quadros que a historia moderna nos apresenta, ainda em identica materia.

O Pretor Domicio crucificou um escravo, porque este matára um javali de um modo contrario ás regras da caça: Pollion engordava as mureias com carne de escravos, porque d'este modo se tornavam mais saborosas: um senador mandava matar escravos porque tinha um hospede que nunca havia visto morrer um homem: as dissoluções de Messalina eram acompanhadas de actos de barbaridade para com escravos, que excedem quanto o espirito pôde imaginar (2). Etudo era juridico! — O escravo era cousa, e o senhor de uma cousa podia *uti et abuti*

Não podiam semelhantes horrores durar por muito tempo em uma sociedade, que o Christianismo começava a reformar, e que era destinada pela Providencia para servir de instrumento á obra da nova civilisação.

Não podia o sol da Judéa, consummando a redempção do genero humano,

(1) Calamos o direito de tornar escravos os devedores, que as LL. das XII. Tab. concediam aos credores, porque ali achamos tão subido grau de barbaridade que toca com a estupidez, pois era uma consequencia da faculdade de dividir o corpo do devedor todos os credores em proporção das suas dividas.

(2) — Cicero — Verrin. Cap. V. §. 3. — Plutarcho vida de G. Flamin. — Seneca de ira lib. 3. cap. 40. Suetonio — Vida de Claud. cap. 5.

deixar de dissipar estas densas trevas, e illuminar com os seus raios os espiritos.

Longo desde os primeiros dias do Christianismo havia a sua doutrina religiosa e moral penetrado em Roma (3). Quando o Apostolo das gentes ali chegou já encontrou discipulos de Jesus, e foi de Roma que elle escreveu grande numero das suas epistolas, havendo convertido até familiares do palacio de Cesar (4).

Notamos estas circumstancias porque é tambem nesta epocha, e talvez nestes mesmos annos, que pela primeira vez um philosopho pagão (5) escreveu sobre a Providencia, nome ignorado em Roma no tempo de Cicero!! (6) Foi então que o imperante (e era Nero!) encarregou a um magistrado o despacho das queixas dos escravos injustamente maltractados pelos amos.

A corrupção profunda em que se revolvía a sociedade romana era um elemento de mais para que a arvore do Christianismo lançasse profundas raizes, e crescesse elevando a fronte impavida contra as perseguições que mais serviam a enobrecer-la e propaga-la; e porque quem poderia ver a constancia dos christãos nos tormentos sem os admirar, admirar-os sem indagar a causa, e indaga-la sem se fazer christão? (7).

Seneca proclamava a igualdade e fraternidade de todos os homens, mas era em nome do stoicismo, isto é ás classes privilegiadas de Roma, e nisto talvez não fosse mais do que o reflexo das ideas christãs de S. Paulo (8).

Mas que differença não devia haver entre as palavras de Seneca adulator e cortesão de Nero, e as de S. Paulo!! — Aquelle era em nome da philosophia, que fallava, este era em nome de um

(3) Act. Apost. Cap. XXVIII. v. 45. S. Paulo Epist. aos Rom. Cap. I. v. 8. e Cap. XVI.

(4) S. Paul. Epist. Philip. Cap. IV. v. 22.

(5) Seneca.

(6) De Maistre — Du Pape Liv. 2. cap. II.

(7) Tertulliano Apolog. §. 50.

(8) Encycloped. Nouvell. art. *Sénéquá*.

»Deus, Senhor commum de todos os homens, e que na distribuição das penas não distingue escravos de livres» (1).

É bem verdade que S. Paulo recomenda aos escravos que sofram com paciência, mas é prometendo-lhe ampla indemnisação no reino da justiça: é conforme á natureza eminentemente conservadora e pacifica do Christianismo, que elle manda respeitar o *facto* como um effeito dos arcanos da Providencia (2); porque é nas mesmas linhas que elle estabeleceu a igualdade de direito entre senhores e escravos, quando declara a todos iguaes perante o Tribunal da Justiça por essencia (3).

É depois de alcançada esta victoria nas ideas, que apparece a primeira disposição legislativa a favor dos escravos (4).

O sangue dos martyres fertilisára a terra, e os saudaveis fructos do Christianismo eram cada vez mais abundantes. Os seus algozes, semelhantes aos possessos da idade media aos quaes as legendas d'aquellas eras fazem proclamar a verdade á força de exorcismos, dobravam a cerviz ao jugo das ideas das victimas que sacrificavam, como se cada gotta de sangue, que espargiam e lhes salpicava o rosto fosse um raio de luz que lhes allumiasse o entendimento. Vimos Nero primeiro preseguidor dos christãos sendo o primeiro legislador a favor dos escravos; e agora apontaremos Ulpiano, o qual como Prefeito mandava crucificar os christãos com pretexto de serem inimigos das leis, ao passo que como Jurisconsulto adoptava o principio da identidade de origem, igualdade e liberdade natural (5).

Florentino declara a escravidão contraria á natureza, porque por esta todos os homens são parentes (6).

Eis hasteado o estandarte da Cruz, e os seus maiores inimigos proclamando as verdades sociaes do Christianismo ácerca do estado do homem!

Não eram ideas circumscriptas no campo da theoria, eram já as ideas vulgares de todos, porque já todas as classes da sociedade estavam inoculadas com ellas, e a sua transmissão electrica era provada com o numero de Martyres, confessores, e escriptores, que com o seu sangue, as suas palavras, e os seus escriptos em todos os pontos do imperio attestavam a verdade practica d'esta doutrina.

Havia pouco mais de um seculo que o Christianismo fôra prégado em Roma, e já Hadriano e Antonino Pio pelos seus rescriptos tiravam aos senhores o direito de vida e morte sobre os escravos, excepto encontrando-os manchando o leito nupcial, ou o das filhas (7). A faculdade de os castigar correccionalmente era restricta dentro de certos limites, e havia um magistrado encarregado de fazer observar estas disposições (8).

Estava porem reservado ao primeiro imperador christão o clevar juridicamente o escravo á classe de homem, como se uma verdade que hoje nos parece tão evidente, porque somos criados com as ideas christãs, não devesse apparecer no codigo romano senão rubricada pela cruz.

É do anno 312 de Christo a constituição, pela qual Constantino manda punir como homicida o senhor que im-

(1) S. Paul. Epist. aos Ephes. Cap. VI. v. 9.

(2) Id. Id. Id. v. 6.

(3) Id. id. id. v. 9. . . . quodcumque fecerit bonum, hoc accipiet Dominus sive liber, sive servus.

(4) A L. Petronia publicada por Nero no anno de 814 U. C. prohibindo aos donos dos escravos o arrojá los ás feras—(Seguimos Gotofredo ad L. 40 ff. ad L. Jul. de Sicar., e a Pothier.)

(5) Vida de Ulpiano em todos os Historiados

res, e L. 4. ff. de just. et jur. . . . cum jure naturali omnes liberi nascuntur. . . . cum servitus incognita esset, — L. 32. ff. de reg. jur. Quia quod ad jus naturale attinet omnes homines aequales sunt.

(6) L. 4. §. 1. ff. de stat. hom. L. 3. ff. de just. et jur.

(7) L. 1. ff. ad L. Cornel. de sicariis — Et qui hominem occiderit, punitur, non habita differentia ruius conditionis hominem interest.

(8) L. 1. §. 1. ff. de off. prof. urb.

moderada e cruelmente castigar os seus escravos (1).

Foi o mesmo espirito do Christianismo que levou este imperador a facilitar as manumissões facultando que se fizessem nas igrejas (2).

D'esta arte foi sancionado o principio da grande mudança que o Christianismo havia trazido ao mundo a igualdade legal de todos os homens, e um escravo ao passar ante um templo pagão convertido em Basilica christã, pode olhar para elle como porto seguro, e a cruz que coroava os zimbórios dantes tão estercis de sentido moral, começou de ser para os infelizes o signal da regeneração juridica, como antes havia sido para todo o genero humano o signal da regeneração religiosa quando fôra hasteada no cimo do Golgatha.

Nem Constantino nos deixa em duvida a intenção d'esta reforma, porque a attribue ao espirito do Christianismo — *religiosamente*. (Vid. not. ant.)

É tanto mais de notar este effeito do Christianismo, quanto que elle ia de encontro com o espirito de toda a legislação anterior, cuja tendencia era dificultar a alforria, e mesmo quando a permittia era conservando desigualdades muito notaveis entre os ingenuos e os libertos concedendo difficilmente aos forros o direito de cidadão (3).

No tempo, porem, de Constantino o Christianismo não fazia encarar a manumissão como uma liberalidade, cujos excessos o legislador devesse prevenir, era uma restituição de direiros usurpados, e por tanto destruidas todas as barreiras que a politica egoista da antiga legislação havia alevantado contra os plenos effeitos das alforrias.

Este espaço immenso que a humanidade havia conquistado pelos esforços

do Christianismo, parecer-nos-hia hoje muito limitado se não attendessemos ao ponto de partida das primeiras idades das legislações, e em especial da romana. O codigo justiniano conserva a escravidão manchando as suas paginas; nem outra cousa podia deixar de ser, se attendermos que a sua destruição ia de encontro com os interesses mais caros ao coração do homem, os da ambição e da soberba; nem accusemos de leve este codigo por este defeito, lembrando-nos que onze seculos depois dos trabalhos legislativos de Justiniano foi promulgado um codigo (e que ainda hoje não foi *legalmente derogado*) que, entre muitas outras cousas acerca da escravidão, tem um titulo que se inscreve — *«Quando os que comprão escravos ou bestas, os poderão engeitar por doenças, ou manqueiras»*, — e um §, em que se diz — *«E o que dito é nos escravos de Guiné, haverá lugar nas compras. . . de todas as bestas. . . E ainda que os escravos se não podem engeitar por. . . falta do animo, . . . as bestas se podem engeitar (4).*

(Continuar-se-ha)

S. B.

O LIVRO DE ELYSA

Fragmentos.

(Continuado da Pag. 136.)

Se vivessem hoje os Paladinos cortezes, se ainda por esse mundo andassem os namorados cavalleiros da idade média, que á ponta de lança vingavam e desmentiam as injurias feitas á belleza, não haveria tanto escriptor, tanto philosopho e poeta, que desacatasse as mulheres.

A logica d'aquelles tempos era valente, tinha argumentos de ferro que não havia resistir-lhes; se então saísse á luz um livro desleal e villão, logo o

[1] *L. un. C. de emend. serv.* — É digna de notar-se a enumeração das crueldades usadas pelos senhores, que esta Lei faz prohibindo-as.

[2] *L. 1 e 2. C. de his qui in Eccles. manumitt.*

[3] Lei *Aelia Sentia* de Augusto — e *Fusia Canina*. Institut. de Gaio lib. 1. §. 17 e seg. Ulp. Frag. tit. 1. §. 6 e seg.

[4] Ord. L. 4. tit. 17. §. 8.

anctor sentiria bater-lhe no rosto um guante de campeador, e retinir-lhe nos ouvidos um *mentes!* d'aquelles, que sempre deixavam uma bainha vazia, ou um nome infamado. Hoje não, hoje diz-se e escreve-se impunemente quanta loucura e descortezia lembra; tem-se dito das mulheres o que esqueceu a Mafoma, com ser elle dos mais grosseiros *devotos*, que nunca jámais ellas tiveram. Que de cousas doidas, Elysa, não tenho tambem eu dito e escripto para ahí a respeito das mulheres?! mas agora cuido que d'esse mal eston curado e desculpado — não tinha encontrado uma só Elysa: e a quem a não encontra que lhe digam que andam anjos na terra? não o acredita. E já que tu foste quem me fizeste renegado, já que a ti devo a minha nova crença, quero que seja o teu livro, Elysa, o campo onde levante, pendão pelo teu sexo; mas, antes d'isso, consente que eu desculpe alguma cousa o meu erro; — não se pôde assim deixar um velho deffeito sem ter ao menos duas palavras para lhe diminuir o feio, para lhe minorar a imputação.

No dizer mal das mulheres não ha tanta maldade como parece, e d'isto me convencem duas cousas; não as ter nunca visto *deveras* agastadas com os maldizentes, e serem elles sempre os seus maiores adoradores; — é que ellas bem comprehendem que nessas offensas vai mais amor que odio, é que elles só offendem porque amam. Parece um absurdo, mas que haja coração d'amante capaz de o não admittir, não ha.

Injurias de philosophos, essas não sei eu que se possam justificar ou sequer deffender; é gente que tem todo o seu viver na cabeça, gente, de gelo, gente capaz de *constipar*, como disse um Italiano fallando das mulheres da Polonia, e por isso elles offendem por que não amam, offendem porque algum raciocinio bastardo pôde nelles mais do que a natureza. Um philosopho! ha-de dizer-te, Elysa, em tom dogmatico que *as mulheres não pertencem ao genero hu-*

mano (1), ha-de fallar com toda a seriedade a favor d'essa these brilhante no concilio de Mâcon (2), ha-de escrever que ella é um ente imperfeito na sua organização (3), e., contente com pertencer á humanidade só pelo lado paterno, cravará a fronte entre as duas mãos, e ficará diante d'um *in-folio* abyssado na sua intellectualidade unilateral!

Injurias d'estas, Elysa, não tem perdão; abandono os philosophos á tua colera. . . . ao teu desprezo queria dizer.

Agora poetas, isso é outra casta de gente. Dir-te-hão, é certo, cousas terribes, dirte-hão:—

- Mulher pura e fiel não ha, nem houve
-
- Baça infame de viboras dolosas
- Podesse uma só nau conte-las todas
- E o piloto fosse eu. (4)

que havia de fazer? deixa lá dizer ao poeta o que quizer, mas crê que se elle fosse o piloto guiava de certo a nau a porto de salvamento. Não ha gente mais tropejadora em suas iras que são os poetas, com a penna na mão todas as vezes que se enforecem temos *vesperas sicilianas*, mas chegada a occasião vem logo absolvição papal. Embora te diga que não ha mulher, nem houve, pura e fiel, não é cousa em que elle crê; o poeta é todo coração, coração de poeta se não amasse morria-lhe no peito, e amar sem crer na mulher é impossivel. Não sei se Milton disse mal das mulheres, o que sei é que elle casou tres vezes.

Elysa, poetas são outra casta de gente que não são os philosophos.

Queres tu ver como elles fallam

(1) *Mulieres homines non esse*. Dissert. anonym. d'Acidalius;—Paris, 1695; in-12.

(2) Gregor. Turonens, Hist. Franc.

(3) D'anciens philosophes et des medecins, tels qu' Hippocrate, Aristo'e, ont aussi regardé la femme comme un être imparfait, un demi-homme, *Firey—De la Femme Chap 1.º pag 15.*

(4) A. F. de Castilho—*Cianca do Bardo*.

quando não é o ciúme que os inspira? queres ver com que delicadeza se elles desculpam das faltas passadas? ouve:— «Um sópro divino formou a alma do homem, a da mulher de um beijo delicioso deveu ser formada. . . . custa a crer como um ente, que é metade da nossa especie, que das duas é a mais amavel metade, a mais carinhosa, em tantas cousas nesse igual para nos attrair, mas com tantas differenças de nós para se nos unir ainda mais, que se tem defeitos de nós os recebe, e nos dá em troca, sem o cuidar, tantas das virtudes que possuímos, custa, digo, a crer como um tal ente, a quem sua propria fraqueza devêra tornar inviolavel, pôde ver-se em todos os tempos, e provavelmente continuará a ser até ao fim dos seculos, alvo e emprego das criticas mais dasabridas, e mais grosseiras calumnias. Qual pôde ser a causa d'esta mais que montezinha ferocidade? é a causa o mesmo natural instincto, que faz que os soldados em tempo de guerra, seroando entre as armas á fogueira ociosa do seu rancho, encareçam as derrotas do inimigo, e lhe assaquem fraquezas que não tem, para a si proprios accrescentarem animos e determinação para as futuras pelepas—» (1).

Ora eis-ahi a linguagem dos poetas quando *transfugas dos arriales dos levantados se recolhem ás trincheiras d'ellas*;— todos esses libellos, que lhes saem das mãos, não são d'elles, é o anjo negro, diabolico, sinistro do ciúme que lhes espremem fel no tinteiro e escrevem em nome, e por conta dos pobres poetas.

É quem não perdoará os furores do ciúme?! não sei até se elles são necessarios. *Ovidio*, que passa por mestre em taes materias, aconsellou-os porque traziam consiço a *redintegratio amoris*,

a doçura da nova paz; e tão longe leva elle o concelho, que permite chegar o amante enfurecido a despedaçar os vestidos da sua bella ingrata; tambem *Molière*, que não foi sempre francez com as damas, tambem elle os desculpa e se desculpa dizendo:— «ne savez vous pas que les injures des amants n'offensent jamais; qu'il est des amours emportés aussi bien que des doux; et qu'en de pareilles occasions les paroles les plus étranges, et *quelque chose de pis encore*, se prennent bien souvent pour des marques d'affection, par celles même qui les reçoivent?—» (2).

Não sei se *Molière* quiz adoptar o principio d'*Ovidio* n'aquelle *quelque chose de pis encore*, mas o que um e outro quizeram foi cobrir o ciúme com as asas do amor: se eu pertendesse para isso uma auctoridade mais competente do que aquelles dous poetas talvez a tivesse (3). O que é certo porém, *Elysa*, e seja com isto que eu dê mate á minha deffeza, o que é certo é que por isso mesmo que na mulher se pertende a perfeição, é mister não a lisongear sempre, e o achar todas igualmente sem defeito não sei se é maior prova de indifferença que d'amor.

Está pois decedido que os poetas são muito melhores do que os philosophos, e que no seu dizer mal não ha injuria comparavel áquella injuria fria, tremenda, meditada, e infinitamente falsa do que as *mulheres não pertencem ao genero humano*:—quem os tivera feito nascer das hervas! Estes taes não quizera eu nem que as tetas das lobas os alimentassem.

Nunca taes homens souberam

Ler na face da mulher,

Em seus olhos apprender

Nunca taes homens quizeram;

(1) A. F. de Castilho — *Primavera* — *Notas á Festa de Maio*.

(2) *La critique de l'Ecol. des Femm. Se. 7.*

(3) A' Sen.ª Marquiza d'. uma das mais instruidas e amaveis damas que tenho visto, ouvi eu— que em materia de ciúme era permitido

a um homem levar a sua colera ate alguma pequena acção violenta. O sexo, a madureza da idade, a penetração, e conhecimento do coração humano, que esta senhora possui, dão-lhe direito a ser muito respeitada a sua sentença.

Não viram manar-lhe a flux
 Dos lábios celete riso?
 Não viram do paraíso
 Nos olhos accessa a luz?

Não é d'anjo a voz macia,
 Que, vencendo almo pudor,
 Te diz ternura e amor
 Com tão mimosa harmonia?
 Aquelle encanto só seu,
 Graças e mimos só d'ella,
 Aquella rosa tão bella
 Não vem do rosal do ceu?

A quem á terra só veiu
 Por te servir, por te amar
 D'irmã tua lhe chamar
 Parece que tens receio? (1)
 Se o teu orgulho não quer
 Chamar anjo á formosura,
 Deixando ingrata loucura,
 Chama-lhe ao menos mulher.

Não pertence á humanidade
 Dizes tu, impio! e não vês
 Do seio cair-lhe aos pés
 Humanada a Divindade?!
 Se em tí a crença inda tem
 Algum poder, pensa n'isto,
 Pensa que Jesus-Christo
 Foi homem por sua mãe.

O que é admiravel, Elysa, é que na mesma epocha em que se dizia em França que a mulher não tinha alma appareceram *Isabel de Baviera*, e *Joanna d'Arc*; aquella, entregou a França á Inglaterra para mostrar o poder d'uma mulher; esta, deu de novo a patria aos philosophos para mostrar a generosidade feminina: foi Deus que se encarregou de as desafrontar.

Se philosophos e poetas tivessem estudado a mulher; a mulher phisica, a mulher intellectual, a mulher moral, já nem syllogismos nem versos lhe seriam tão contrarios; mas que? são como o *Marquez* que *Molière* nos pinta, nem se dão ao trabalho de examinar o que sentenciam, e depois — « je la trouve détestable, morbleu! détestable, du dernier détestable, ce qu'on appelle détestable — » (2).

(1) Até *Plínio* se não pejou de lhe chamar animal.

A mulher phisica acha-la-hiam na physiologia moderna (na de *Hippocrates* não), acha-la-hiam tão perfeita como o homem; e se algum d'estes entes deve ser preferido pela delicadeza e maravilhoso da organização, essa preferencia cabe á mulher, sem contar todavia a belleza externa, nem a graça das formas.

A mulher intellectual haviam de encontrar-la em *Sapho*, *Helioiza*, *Catharina*, *Semiramis*, *Stael*, *Sevigné*, *Coulanges*, *Lafayette*, *Bernier*, *Flaugergues*, e tantas outras, que tem regido o sceptro ou a penna com gloria mais que varonil: os preceitos do bello, inspirava-os *Aspasia* a *Socrates* e *Pericles*, *Ninon de Lenclos* a *Condé* e *La Rochefoucauld*: — sem a mulher os conhecimentos do homem seriam imperfeitos; elle descobriria o que na natureza ha de forte, de grande, de sublime, mas a graça, o mimo, a delicadeza só pela mulher podia ser descoberta. A litteratura carece de imaginação, e a mulher tem na imaginação, a principal natureza da sua alma; aqui a vantagem é toda d'ella: — até se não for ella quem povôe o coração do homem das illusões do amor aonde irá elle encontrar as galas da sua litteratura? entregue ao positivismo da vida material, sem o fogo imaginativo, de que flores ha-de encher os seus livros?

A litteratura e as artes tem sempre devido á mulher ou joias suas, que lhes façam o diadema, ou protecção e influencia, que as augmentem o desenvolvimento: foi na côrte de *Catharina de Medicis* que *Henrique o grande*, apprendendo a amar, apprendeu tambem aquellas maneiras nobres e cavalleirosas, que distinguiram o seu reinado, dando á sua lingua uma graça e polidez, que não tinha. O gosto e sentimento delicado para as letras e artes, que *Maria e Catharina de Medicis* levaram da Italia para França foram a origem do desenvolvimento das artes e das letras do seu tempo. E não seria á influencia, que as mulheres tiveram na côrte de Luiz XIV,

(2) *La Critiq. de L'E'col. des Femm.* — se. 6.^a.

que se deveu então essa lista immensa d'homens celebres, com que a França se honra, e que o mundo estuda e admira? E não será para agradar á mulher que o homem gera a industria, inventa o canto, a dança, a pintura, amenisa a linguagem com as flores da poesia, traça com esmero, e torna affaveis e doces suas maneiras e costumes? A mulher intellectual não existe só em si, existe nos outros tambem; não se contenta com as suas creações, instiga os outros a crear; e é considerando reunido o que a alma da mulher pode tirar de si propria, e o que a mulher concorre para as produções da alma do homem; é considerando reunido n'um só ponto o que a mulher é em si e no homem, que eu a vejo tão sublime, tão elevada que se não tivera o lado moral para a olhar já por este lhe podia chamar anjo.

A mulher moral porem é que é a mulher, ou a mulher da mulher. Ou a nós vejamos na sua condição d'amante, de irmã, de filha, de *mulher* e de mãe; ou a consideremos no prazer eu na dor, na ventura ou na miseria; ou contemplemos o que póde pela mulher ser o homem, em quem é sempre ella, que imprime a virtude ou o vicio no coração; ou a analysemos no seu throno, que é na vida de familia, ou na hasta publica da vida de sociedade; ou a vejamos na infancia ser a alegria da casa, na juventude ser as delicias do amor, na madureza ser a consolação da alma, e na velhice ser a mestra da virtude; ou seja que nos abraçe ou que nos fuja, que nos afague ou que nos reprehenda, que nos ame ou que nos aborreça, a mulher moral é a parte mais augusta da creação.

— « A mulher moral é o infinito — » disse um illustre escriptor (1), e na verdade só assim se pode deffinir o mysterio da mulher moral!

[1] A. F. de Castilho — *Primavera, Notas á Festa de Maio.*

A mulher é o elemento mais poderoso da ventura social, mas a mulher moral é o elemento dos elementos. Indagae a origem dos crimes e, com leves excepções, acha-la-heis na educação, isto é, na mulher; vedes uma boa acção? procuree-lhe a fonte e encontrareis a mulher; talvez que não haja no mundo um só facto cujo principio ou fim, se bem o averiguarmos, não seja a mulher: — « os homens serão sempre o que as mulheres quizerem que elles sejam — » disse *Rousseau* (2), disse uma grande verdade; porque antes que o homem seja cidadão é filho primeiro. A mãe dos *Grachos* e dos *Cornilles* tinha uma alma nobre, grande e severa; a mãe de *Voltaire* era escarneccedora, e de garridas maneiras; a de *Byron*, até nem os defeitos phisicos do filho escapavam á sua maldade; *Kant* dizia que fora sua mãe quem lhe lançara na alma o germen do bem e quem primeiro lhe inspirara o amor do Creador, explicando-lhe o que sabia das maravilhas da natureza (3); *Cuvier* deveu a sua mãe os successos brilhantes da sua vida illustre (4); *Barnave* já com um pé sobre o cadafalso, bendiz sua mãe, que lhe deu na infancia o valor, que alli o anima; *Lamartine* aprendeu nas harmonias do coração materno as harmonias da sua harpa piedosa; em fim, *Elysa*, se apoz estes nomes tão respeitaveis e tão illustres, é permittido citar o meu pobre e desconhecido nome, sirva elle de mais uma prova, porque o pouco, o muito pouco, de bom que em mim tenho é unicamente a minha mãe, é a ella só que eu o devo.

Que angustia não é pois a missão da mulher sobre a terra! ah! que se philosophos e poetas meditassem bem no que é a mulher, e, sobre tudo, no que ella póde sêr, não haveria um só que não visse nesse ente o oásis mimoso

[2] *Emile* — *Liv. 5.º*

[3] *Schoen* — *Biograph. de Kant.*

[4] *Memoires sur Georges Cuvier* — *Mistr. Let.*

dos desertos da vida! Mas elles não curam de tal, arrancam desapiedados as pennas alvissimas ás asas do cherubim, e depois vendo-a assim tão ao nível das cousas da terra descreem d'aquillo mesmo em que não souberam crêr; andastes errados: acreditae primeiro, sabei o que é a mulher, e depois julga-a.

Em quanto não fizerdes isto sereis sempre uns inimigos desleaes, e traiçoeiros; tomareis a nuvem por Juno, e direis do phantasma da mulher o que pensais dizer da mulher como ella saiu das mãos de Deus quando viu que não era bom que o homem vivesse só: —dizei embora o que quizerdes, mas da mulher como a concebo e como ella existe, por mais rios de tinta que derrameis, nunca podereis provar a maldade senão com aquellas razões com que o citado Marquez da peça de Molière provava a maldade de *L'Ecole des Femmes* — « elle est détestable parce qu'elle est détestable — » (1).

Em toda a parte em que o teu sexo, Elysa, não occupa o lugar que lhe a natureza marcou, ahí os povos são escravos, a ignorancia é profunda, e os costumes são barbaros. O adorador de Mafoma compra a mulher, *veda-lhe* a entrada no céu, prohibe-lhe a leitura dos livros religiosos, affasta-a do trato commum, e deixa-lhe só nos ferros do harem os erros da superstição e os absurdos da feiticaria: que se segue d'aquí?—que a tyrania é no Oriente um principio, que a civilisação é nulla, e que a moral é uma palavra sem significação. Cuidou o Mussulmano que fazendo da mulher uma maquina tinha creado a felicidade para si; a felicidade só ella a ha-de crear, mas é mister que livre e desassombrada, rainha e não escrava possa, como a pomba da primavera, adejar sobre a cabeça do homem, ensinar-lhe as aguas mais puras onde deve matar a sede, e a relva mais macia onde se deve assentar; só a mulher

sabe, como a abelha, quaes são as flores que dão mel, mas não lhe hão-de crestar as asas na chama da impureza, que então, materializado o amor, o homem e a mulher perderão a faísca da divindade, que os estremava do resto da criação; — « ou os povos se hão-de embrutecer em seus braços, ou civilisar a seus pés — » (2). Não é com todos os pensamentos cravados na materia que a mulher póde dar ao homem a felicidade; o Oriente não comprehendu a mulher.

Que terá a filha do propheta para dar á alma do homem quando os sentidos estiverem saciados?—a ignorancia, as paixões mesquinhas, as astucias, os vícios todos da occiosidade, e, na consciencia da sua inferioridade, a tristeza da escravidão, ou as traições d'um inimigo.

E o amor? oh! esse nunca; esse não sabe morar n'um callabouço.

Ao cioso mahometano

Que vale o fechado harem,
Se amor de escrava a tyrano
Do coração lhe não vem?
Que importam centos de bellas,
Se uma só de todas ellas
Livre em seu gosto não ha?
Que importa matar desejos,
Que importam, louco! esses beijos,
Se só vendidos 'os da?

Com alma nua d'esp'ranças,

Como ha-de a escrava saber
Que alem de jogos e danças
Tem mais gosos a mulher?
D'esses gosos não sabidos
Como ha-de trazer-te enchidos
Os dias que vão e veem?
Se, dos paes perdida a trilha,
Ella não sabe ser filha
Como ha-de saber ser mãe?

Embora os astros lhe apontes,

Embora mostres os céus,
E uma a uma lhe contes
As maravilhas de Deus,
Ha-de dizer-te — que importa?

[1] *La Critiq. de L'Ecol. des Femm. sc. 6.*

[2] Aimé Martin — *Educat. des Mèr. de Fam.*

Se en tenho fechada a porta
Que leva ao reino da luz?
Que importa, se em vida e morte
Sou proscripta, e minha sorte
Nunca propicia reluz?

Lá quando a dor te accometta,
Quando rir teu coração,
As filhas do teu propheta
Pranto e risos te darão?
Ouvirá c'os teus ouvidos,
Sentirá c'os teus sentidos,
Vivirá! no teu viver?
Oh que não! — solta-lhe os ferros,
Despe-lhe a alma dos teus erros,
E a escrava será mulher.

(Continuar-se-ha.)

J. de Lemos.

O POEMA DO CID.

Antes d'entrarmos na analyse d'este poema tão celebrado pela sua antiguidade, convem dizer alguma cousa do seu heroe. D. Rodrigo Lainez (1) filho de Diego Lainez, fidalgo antigo, nasceu pelos annos de 1026 no Castello de Bivar immedições de Burgos, d'onde tomou o appellido de Bivar. Foi vassalo de D. Fernando I de Castella de quem sempre foi muito acceto (2). Ao Cid em grande parte deveu o rei as victorias ganhadas contra os Mouros, e tambem as injustas alcançadas contra seu cunhado Bermudo 3.º rei de Leão, e contra D. Garcia e D. Ramiro, ambos seus irmãos, um rei de Navarra ontro d'Aragão. A affeição que o Cid teve sempre a D. Fer-

nando estendeu-se depois a D. Sancho, o forte, seu filho mais velho, que lhe recompensou a bravura e fidelidade de cavalheiro com o pôr á frente de todas as suas tropas. D. Sancho, que não foi menos ambicioso, nem menos injusto que seu pae, deveu tambem ao braço do Cid, as victorias contra seus irmãos e irmãs cujos estados evadiu. Morto D. Sancho no cerco que em Zamora fizera a sua irmã D. Urraca, subiu ao throno das Hespanhas D. Afonso VI, o bravo, que longe de honrar o Cid como haviam feito seu pae e irmão, o desterroo da sua corte: foi causa d'este desterro não só a inveja dos aulicos, mas tambem o juramento que o Cid como vassalo poderoso e leal exigiu de D. Afonso para subir ao throno, — de que não tinha concorrido para a morte de seu irmão, traçoiramente assassinado no cerco de Zamora. — É na epocha d'este desterro, que teve logar pelos annos de 1076, que começa o poema.

O principio do poema não existe, é com tudo provavel que pouco lhe falte, e a ser assim o seu auctor teve o bom juizo de o começar no periodo mais dramatico da vida do heroe.

Dêmos duas ideas d'este poema: —

Desterrado o Cid por D. Afonso, parte choroso do seu castello de Bivar, onde tudo fica em desamparo. Acompanhado de 60 que com elle se quizeram desterrar atravessa Burgos, onde homens e mulheres correm a vê-lo: — bate o Cid a todas as portas mas nenhuma se lhe abre, ninguem o agazalha, por

(1) Mais vulgarmente é conhecido pelo nome de — Rui Diaz de Bivar — ou simplesmente o — Cid — O nome de Rui Diaz, diz Simondi que é abreviação de Rodrigo Lainez; porem não acho muito fundamento para affirmar tal pela pouca semelhança que existe entre os dous nomes. Um romance popular antigo, que nestas cousas tem o foro de chronica, diz que foi chamado — Rui Diaz — porque este appellido significa entre mouros — *homem de valor e estado*.

Siendo dende allí ade'ante
El Cid Rui Diaz llamado,
Appellido entre los Moros
De home de valor y estado.

O — Cid — ao que parece vem de *Ceyd* (senhor) em lingua de Mouros.

(2) O Cid foi armado Cavalleiro em Coimbra pela mão do proprio D. Fernando, foi elle que lhe vestiu as armas na hoje *Sã Felha* então mesquita de mouros: a rainha deu-lhe o cavallo e a infante D. Urraca calçou-lhe as esporas; isto achase confirmado por 4 romances populares antigos. O cerco e tomada de Coimbra pelo rei D. Fernando Magno de Castella teve logar no anno de 1064 — Vid. Monarch. Lusit. P. 7.º L.º 1.º Cap. 1.º N.º 2.

que isso lhes fôra prohibido por D. Afonso VI, sob pena de perderem os olhos e os bens. Vendo o Cid que o di-nheiro lhe faltava, por industria de Martin Antolinez pede ao judeo Rachel é Vidas 600 marcos de prata (1), deixando-lhe em penhor duas caixas cheias d'arcia em que, Antolinez dizia, estavam todos os thesouros do Campeador, com obrigação de as guardar fechadas por um anno, no fim do qual seriam resgatadas sob palavra do Cid, como effectivamente foram. O Judeo conta os 600 marcos sobre um pano de ranzal, e o Campeador depois de se encommendar á Virgem Maria parte mesmo de noite para o mosteiro de S. Pedro de Cardena a despedir-se de sua mulher e filhas que alli se achavam. Esta despedida é um dos bocados tocantes de simplicidade, apezar de toda a barbaridade do poema, D. Ximena (2) ajoelha diante d'elle:— e diz-lhe

Merced, campeador, em ora buena fueste nado
Por malos mentueros de tierra sodes echado;

O Cid leva as mãos ás longas barbas, pega nas filhas, chega-as ao coração e diz suspirando a D. Ximena

Ya, Dona Ximena, la mi mugier tam complida
Como a la mi alma yo tanto vos queria;
Ya, lo vedes que parármos tonemos en vida;
Yo iré e vos fincaredes remanida;
Plega á Dios é á Santa Maria
Que aun con mis manos case estas mis hijas,
O que de ventura é algunos dias vida.

No entanto ao pregão de que o Cid vai deixar Castilla correm cavalleiros de toda a parte a seguir fortuna com elle, e um dia de manhã depois do Abade de S. Pedro rezar a missa da S. Trindade, põe-se o desterrado a caminho com todos os seus. A supplica de D. Ximena, de joelhos diante dos altares na hora da partida do Cid, é não só a cousa melhor do poema, mas tambem, em

quanto a mim, uma das passagens mais eloquentes de toda a poesia dos seculos 12 e 13.—Sentimos que o espaço nos falte e nos force a omitir os 35 versos d'esta supplica repassada do sentimento, e de toda a crença da meia idade.

Pernoita o Cid em Spinar de Can, atravessa o Douro, o anjo Gabriel apparece-lhe em sonhos e infunde-lhe alentos. Era chegado o 6.º e ultimo dia do prazo que lhe fôra dado para deixar as terras do rei Afonso, e antes de atravessar a serra de *Miedes* que em pouco o poria além d'ellas, conta o Cid a sua gente e encontra 300 lanças fôra os peões.

Saindo de Castilla volta o Cid as suas armas contra os mouros. Apodera-se de *Carteion* e das suas riquezas, penetra mais no paiz, cerca *Alcocer* e toma-a, é ahí cercado por tres reis mouros, que derrota, e dos despojos que elles deixaram, manda ao rei Afonso 30 cavallos, e dizer mil missas em S. Maria de Burgos.

Depois d'isto parte-se o Cid d'Alcocer, onde mouros e mouras choram por elle, tendo cedido a fortaleza aos mouros de *Catalayth* por 3000 marcos, que distribuiu pelos seus.

Volta no entanto Minaya da sua embaixada ao rei Afonso, acompanhado de 200 entre cavalleiros e peões, porque o rei tocado da generosidade do Cid com quanto se não atrevesse ainda a restituir-lhe a privança, concedeu-lhe a promissão d'armar em Castilla quantos quizesse, para poder continuar suas correrias por terra de mouros.

Esta felicidade que o Cid gozava no seu desterro foi criando invejas entre outros príncipes christãos d'Hispanha, e tantas, que o Conde Ramon Berenguel, 3.º de Barcelona lhe propoz batalha que o campeador quizera evi-

(1) Sismondi copiando a Muller por engano diz—500.

(2)—Sismondi diz que esta Ximena era sobri-nha de D. Afonso VI, e que ha provas historicas do seu casamento celebrado a 19 de julho de 1071.

Não é d'esta que os romances fazem menção, mas sim d'uma outra Ximena filha de Lorano Gomez, Conde de Gormaz, com quem casára no tempo de D. Fernando.—A ser verdadeira a doutrina de Sismondi foi o Cid casado duas vezes.

tar, mas não podendo deixar de combater, derrotou o conde n'uma batalha, fez-lo prisioneiro e ganhou-lhe a boa espada *colada*, que valia mais de 1000 marcos de prata.

Depois de dar liberdade ao Conde continúa o Cid as suas conquistas pelo meio-dia d'Hispanha, submete *Xerica*, *Onda* e *Almenar*; convoca por Granada e Aragón cavalleiros que o coadjavam na tomada de *Valencia*, que arrancou aos Mouros, depois de um aturado cerco, estabelece alli por bispo a D. Jeronimo (1), distribue pelos seus as immensas riquezas que achou, e mandando 100 cavallos ao rei Affonso pede-lhe ao mesmo tempo a permissão de chamar sua mulher e filhas para Valencia, o que lhe foi concedido mandando-as o rei acompanhar com grandes honras. O Cid sabendo da vinda de D. Ximena e suas filhas corre ao seu encontro montado no seu bom cavallo *Babieca* e depois as conduz ao Alcacer de Valencia, que se havia tornado patrimonio das suas façauhas.

Passa no entanto a estação invernosá, e nos fins de fevereiro atravessa o mar e apparece cerca dos muros de Valencia o rei *Yucef* de Marrocos com grande poder. Depois, de socegar sua mulher e filhas, que tinham visto da torre mais alta do alcacer as numerosas tendas do rei mouro; de mandar cantar uma missa ao bispo D. Jeronimo, e de preparar os seus para o combate; ao grito de—S. Thiago—tão rijo deu sobre os muros montado no seu cavallo *Babieca* que de 50:000 que eram só escaparam com vida 104. *Minaya* e *Pero Bermuez* que haviam ido a *Valadolid* levar ao rei Affonso 200 cavallos, voltaram de lá propondo ao Cid por parte do rei o casamento de suas duas filhas *Dona Sol* e *Dona Elvira* com os dous infantes D. Diogo e D. Fernando filhos de D. Gonsallo, conde de *Carrion*.

(1) Mariana na sua Hist. de Hispanha diz que este Bispo era de nação franceza.

O Cid por obsequiar D. Affonso consente nestes consorcios, e na Cathedral de Valencia, abençoados pelo bispo D. Jeronimo com grande contentamento de todos se fizeram os dous casamentos. 15 Dias duraram as festas, que condiziam com a generosidade do Cid e qualidade dos esposos, que por dous annos viveram em companhia do Cid e de D. Ximena no seu alcacer de Valencia.

Aqui ao que parece se termina a 1.^a parte do poema, não só porque a acção se não interrompe mas mesmo porque o auctor conclue d'esta maneira

As coplas deste cantar aqui van acabando
El criador vos valla com todos os sos santos

Esta metade do poema contem 2287 versos.

Como se disse na 1.^a parte, dous annos eram passados desde que os infantes de *Carrion* esposaram as filhas do Cid. Neste espaço de tempo decorrido, elles que haviam casado com as filhas do maior lidador das Hispanhas tinham dado provas da maior cobardia. No proprio dia das nupcias um leão que D. Rodrigo tinha preso no seu palacio despreendeu-se, o susto e temor dos infantes em nada foi inferior ao das mulheres por que se esconderam como ellas, e o velho Cid é que se lançou ao leão e o prendeu.

Valencia havia de novo sido cercada por uma multidão d'infieis commandados pelo rei *Bucar*, e em quanto que o Cid arrancava a vida e a rica espada *Tiron*, os infantes eram pela sua timidez o objecto de desprezo para todos os cavalleiros que eram dignos de batalhar a par de D. Rodrigo de Bivar. Não conviuhá pois aos infantes a companhia de tal gente, e entre si concertaram de pedir ao campeador lhes deixasse levar suas mulheres para *Carrion* para alli tomarem posse das villas e logares que elles lhes concediam em arribas. O Cid que não se podia oppor a este pedido junctou aos dous que já lhes havia feito 3:000 marcos de prata, muitas mulas e palafrens carregados, bons cavallos cor-

redores, e sobre tudo para lhes dar uma prova d'estima deu-lhes as duas espadas—*Colada e Tiron*—(1) que para elle eram do maior apreço por que uma havia sido ganhada ao Conde Ramon de Barcellona e a outra ao rei Bucar. Depois d'encommendar suas filhas a seu sobrinho *Felez Munor* para haver de as acompanhar a Carrion despediu-se d'ellas com muitas lagrimas.

No entanto os infantes de Carrion que além de pussilamines eram avarentos, e que só por avareza haviam casado com as filhas do Cid meditavam as mais feias traições.

Ao passar por Molina tentam matar o rei *Aben-Galvon*, que em attenção ao Cid os havia obsequiado com cópia de presentes, para lhe ficar com as riquezas, assim como tentam abandonar no caminho logo que pudessem as suas mulheres. A primeira d'estas traições foi descoberta por um mouro *latinado* (7) que denunciou a *Aben-Galvon* a intenção dos Infantes. A 2.^a porém levaram-na ávante por que entrando com as damas no arvoredo de *Corpes* (8) sitio montanhoso e povoado de feras, mandaram ali assentar as tendas e passar a noite. No outro dia de manhã mandando ir os mais adiante, ficaram atraz com as esposas e tanto que se viram sós começaram de as maltractar de tal sorte que o sangue lhe corria das feridas; não obstaram nem lagrimas nem sup-

plicas, mal *roupidas* (9) por mortas as deixaram á mercê das aves o feras.

Felez Munoz que desconfiou das intenções dos infantes occultou-se até que os viu passar sósinhos, sem que por elles fosse visto corre ao sitio onde haviam pernoitado e ali encontra quasi nuas e desfallecidas suas primas. Depois de lhe restituir alguns alentos, assentou-as sobre o seu cavallo, cobriu-as com o seu manto, caminha todo o dia, atravessa o Douro, deixa-as na torre de D. Urraca e corre a S. Estevam donde volta com vestidos e mais misteres para alli poderem entrar e ficar sob a guarda do Diogo Telles em quanto taes novas se dão ao Cid, que immediatamente as mandou buscar, jurando por suas barbas que os infantes lhe haviam de pagar semelhante desfeita. Manda por isso embaixadores ao rei Affonso contandolhe tudo, e pedindo-lhe a convocação de nmas cortes ou tribunal em que os infantes dessem razão do feito, e fossem julgados. O rei que em extremo sentiu tal desacato assim o prometteu, e sem demora manda por *Portugal* (5) Galiza e Castella avisar condes e infantões para que no fim de sete semanas compareçam em Toledo para o julgamento dos infantes.

A descripção d'estas cortes constituem no poema uma parte animada e interessante, porém como o papel nos não sobra poupamo-nos ao trabalho de

(1) As duas espadas colada e tiron e o cavallo Babieca eram companheiros da gloria do Cid e por isso são tão celebrados na poesia da meiedade como o nome d'elle.

(2) Não é propriamente o mouro que sabia hespanhol, como diz Sismondi, mas o mouro que entendia o latim corrompido que se fallava no tempo do Cid em Hespanha; a lingua romance ou rustica do século 11 que era uma mistura do latim, do godo e do arabe em que muito predominava o 1.^o

(3) Os romances populares dizem—*Tornes*—

(4) O poema diz que as deixaram em—*brivales e em camisas* porém um romance popular diz mais como las parió su madre.

Ambas las han desnudado.
Outro, diz:—Que estan desnudas al aire.

(5) Daqui por diante se faz muitas vezes menção no poema d'um conde D. Henrique, que assistiu a estas cortes. Por sem duvida tenho que é o nosso, fundado nas seguintes razões—1.^o Porque o poema nos diz que o rei Affonso

Enbia sus cartas para Leon e Sanctiago,
A los Portugalezes e á Galicianos

Que cort facie en Tolledo. . . .

—2.^o Porque segundo Muller, foi Valencia tomada pelo Cid em 1094 e por essa occasião foi feito o casamento dos infantes; ora o poeta diz-nos que elles depois do casamento se demoraram em Valencia cerca dous annos.

Hy moram los infantes bien cerca de dos años por isso, pouco mais ou menos, vieram estas cortes a ter logar pelos annos de 1096, época em que o conde D. Henrique governava já Portugal; porque datadas d'esse anno se encontram não só doações e instrumentos que o declaram—*egnante*—mas até um foral dado por elle e a infanta D. Thareja, sua mulher, á Villa de Consantim de Panoyas—*Monarch. Lusit. P. 7.º L.º 8 Cap. 8—e Provas á Hist. Genealog.*—Tome 1.^o Li.º 1.^o a.º 1.^o